

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

ENTRE MUNDOS
HISTÓRIA ORAL COM SOLDADOS DA BORRACHA

DEYVESSON ISRAEL GUSMÃO

2008

ENTRE MUNDOS
História Oral com Soldados da Borracha

DEYVESSON ISRAEL GUSMÃO

ENTRE MUNDOS
HISTÓRIA ORAL COM SOLDADOS DA BORRACHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Mestrado em Geografia da Fundação Universidade
Federal de Rondônia – UNIR, como requisito para
obtenção do grau de Mestre, sob a orientação do Prof^o Dr^o
Nilson Santos.

UNIR-2008

RESUMO

Este é um trabalho de História Oral com Soldados da Borracha. Inicialmente tratava-se de um grupo social formado por homens que migraram da Região Nordeste do Brasil para a Amazônia, durante a II Guerra Mundial, por meio da chamada Batalha da Borracha. No decorrer da pesquisa percebeu-se que esse grupo constituía um universo que englobava migrantes que vieram antes ou depois da Batalha e ainda por homens nascidos e criados na própria Amazônia, mas que se identificavam como Soldados da Borracha. As narrativas foram constituídas através de um processo transcriativo, com o uso do conceito/procedimento Cápsula Narrativa, que permite ao narrador escolher por onde quer começar a contar a sua vida, possibilitando uma Origem Voluntária da narrativa. Através de uma leitura que se propõe hipertextual, buscou-se fazer uma abordagem cultural das narrativas desses homens.

Palavras-Chave: Soldados da Borracha; História Oral; Cápsula Narrativa; Narradores Plenos.

ABSTRACT

This is an scientific work about Oral History with Rubber Soldiers. First it was a social group made of man who came from the Brazil's Northeast Region ,during the II World War, because of the Rubber's Battle. During this research it was noticed that this group had been formed an universe which put together migrants who came before or after the Battle and also man who were born and raised in Amazonian but call themselves as Rubber's Soldiers. The narratives was made through one transcriative process using the Narrative Capsule idea/procedure, which allows the narrator to chose from where he wants to start to speak about his life , making possible one narrative's Volunteer Origin. Through a reading who wants to be hypertextual this work tried to make a cultural reflection about those man's narratives.

Key-words: Rubber's Soldiers; Oral History; Narrative Capsule; Absolutes Narrators.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o ponto de precipitação de uma trajetória que se iniciou ainda durante a graduação em História, cursada na própria Universidade Federal de Rondônia. As pessoas abaixo nomeadas estão direta ou indiretamente ligadas à minha vida acadêmica. Portanto, meus mais sinceros agradecimentos:

À amiga e professora Fabíola Holanda, a primeira pessoa a me proporcionar o sabor pela pesquisa, pela amizade e carinho de sempre.

Às amigas e professoras Nilza Menezes e Marta Valéria de Lima, pela amizade, incentivo e oportunidades oferecidas no CDH/TJRO. Um forte abraço do menino Deyvesson.

Aos meus grandes amigos e companheiros do Centro de Hermenêutica do Presente: Edinéia Bento de Souza, Ariana Boaventura, Lucineide Teixeira, Márcia Nunes Maciel, Anderson de Jesus, Vanessa Generoso Paes, Xênia de Castro Barbosa, Joesér Alvarez e ainda às também colegas de mestrado, Maria Cristiane Pereira de Souza, Avacir Gomes dos Santos e Rosa Martins.

Ao meu grande amigo Francisco Robson Vasconcelos, o “Bacana”, pelas conversas sem rumo, pelos papos-cabeça, mas, sobretudo pela amizade fiel.

Aos professores do Mestrado em Geografia da UNIR, em especial aos professores Josué da Costa Silva e Maria das Graças Nascimento Silva, coordenadores do curso. Obrigado pelo incentivo a todos nós alunos e pelo empenho, ânimo e amor com que cuidam desse Programa.

Aos colegas do Mestrado em Geografia da Unir, pelas conversas, discussões e apoio.

Aos amigos do Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural do Acre, em especial ao historiador Wlisses James de Farias, com quem tenho dividido muitas idéias.

Aos tios Valdeci e Iracema e ainda aos primos Shirley, Andréia e Júnior, pelo amor, carinho e por me permitirem sentir-me em casa, aí na casa de vocês, desde que cheguei a Rio Branco-Ac, há dois anos.

Ao professor Nilson Santos, pela amizade já antiga, pela orientação e pela paciência nos últimos tempos.

E por fim, mas nunca em último lugar, ao grande amigo professor Alberto Lins Caldas, pelos pratos de sopa, por ter me mostrado a vida de impostura, por demonstrar que o conhecimento pode deixar as pessoas melhores e, sobretudo, pela amizade sempre pronta, a tempo e fora de tempo. Obrigado mestre.

Para Cheirinho,
pela vida que temos e pela que virá.

Para Do Céu, Edvam, Évelin, Tiele e Kayan,
por toda a vida.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
INTRODUÇÃO	11
RELATOS DA PESQUISA	
TRAJETO PESSOAL	24
TRAJETÓRIA DO PROJETO	29
A HISTÓRIA ORAL COMO ESCOLHA	42
NARRATIVAS	
RAIMUNDO CLÁUDIO	58
DICO MENDES	66
MANOEL ARAÚJO	101
JOÃO BATISTA	107
RAIMUNDO BAIANO	112
CHICO SANTOS	116
LEITURA	135
EM BUSCA DE NARRADORES PLENOS	164
BIBLIOGRAFIA	167

APRESENTAÇÃO

Entre Mundos – História Oral com Soldados da Borracha é um trabalho de História Oral. A redundância que a afirmação provoca é proposital e busca, intencionalmente, diferenciar certa História Oral – feita por oralistas – que tem a narrativa pessoal como cerne, ponto de partida e razão do trabalho e que valoriza os aspectos subjetivos da experiência, de uma História Oral que se encerra na entrevista e está sempre na órbita da História ou das demais Ciências Humanas – praticada por historiadores orais.

O título, **Entre Mundos**, foi escolhido a partir do entendimento de que a vida dos Soldados da Borracha, desde a saída do Nordeste, é uma vida entre dois mundos: o nordestino e o amazônico. Dois mundos com paisagens, modos de viver, imaginário, enfim, culturas diferentes e que, por isso, proporcionaram vivências diferentes. Por outro lado, o título remete também ao diálogo que a História Oral permite que seja estabelecido entre as narrativas e o oralista no momento da leitura. O resultado da interpretação é o Entre-Mundos: choque de dizeres, de visões de mundo, de palavras.

A abordagem aqui proposta também dá margem para que sejam feitas reflexões gerais sobre a produção do espaço e o estranhamento das paisagens, para assim compreender melhor o processo de humanização de determinado território, bem como a (re)significação deste a fim de que seja transformado em lugar, o lócus da relação e dos sentidos.

Na **Introdução** apresentamos os Soldados da Borracha. Evidenciamos o que caracteriza estes homens com um “grupo social” para depois tentar mostrar que cada uma das narrativas tem significado em si mesma, independentemente do grupo social a que pertençam os narradores. Para tanto, argumento que os Soldados da Borracha formam uma comunidade imaginária específica, sendo o grupo o pretexto encontrado para que pudéssemos dialogar com a singularidade de cada uma das narrativas, sem

que na interpretação dos textos resultantes da entrevista eu tivesse obrigatoriamente que me preocupar com o grande tema que deu origem ao projeto.

Relatos da Pesquisa tem dois momentos: no primeiro, denominado Trajetória Pessoal, faço uma espécie de ego-história, onde traço os principais aspectos de meu envolvimento com a academia e com a História Oral; o segundo denominado Trajetória do Projeto é resultado das reflexões que se iniciaram em campo durante a realização das entrevistas e no decorrer das leituras feitas acerca dos temas que atravessam o trabalho.

No terceiro capítulo apresento **A História Oral Como Escolha**, evidenciando a escolha teórica e metodológica da História Oral como norteadora deste trabalho. É o momento onde, com base principalmente nas obras de Alberto Lins Caldas e José Carlos Sebe Bom Meihy, são apresentados os principais conceitos e a teoria que orientam todos os procedimentos do processo transcriativo de constituição dos textos-narrativas: são esclarecidos os papéis do colaborador e do oralista, o procedimento de cápsula narrativa e seu conseqüente voluntarismo, a pontuação das entrevistas e, após a transformação delas em texto, os momentos de conferência, onde o colaborador, ao mesmo tempo que permite a utilização de sua narrativa, assume reconhecer que aquele texto é sua experiência de vida narrada, da maneira que ele escolheu contar.

As **Narrativas** são os textos construídos em colaboração. São a matéria deste trabalho, o centro, alvo e ponto de partida para a interpretação. Por isso são aqui dispostas no corpo da dissertação, dando a elas lugar e sentido, não como “objetos de estudo”, mas como horizonte de leitura e possibilidade de desdobramento. Esta é uma característica que diferencia o trabalho dos oralistas do de historiadores orais que em geral trabalham as narrativas de maneira fragmentada ou no máximo como anexos complementares, pois é esta a função que ocupam em seus trabalhos. Aqui, as narrativas não são o complemento, mas o próprio conteúdo, sem o qual o trabalho não seria realizado com a plenitude a que se propõe.

Leitura é o momento onde apresento a interpretação que faço de cada uma das narrativas. Realizo o que chamo de sobrevôo *punctual*, tomando como caminho o apontado por Alberto Lins Caldas em “Nas Águas do Texto” (2001), não como

exemplo ou modelo – as leituras exemplares são sempre históricas, sociológicas, antropológicas, psicológicas, etc. – mas como possibilidade frutífera de desdobramento da construção discursiva apresentada em cada uma delas.

Entendendo o texto como construção social, transpassado por cada um dos outros textos sociais que compõem o que se entende por realidade – de onde surgem também discursos históricos, geográficos, psicológicos, a guerra, Estado Novo, Getúlio Vargas – busca-se através de uma leitura analítica, estabelecer pontos de interpretação que possam ter seus sentidos multiplicados por uma hiperleitura (CALDAS, 2002) que pode ou não estar ligada às questões propostas pelo narrador. Assim, a leitura dos textos é *punctual*, derivada do *punctum* apontado por Roland Barthes (1984), onde cada detalhe significativo é um ponto a ser analisado, preme de múltiplos outros sentidos.

INTRODUÇÃO

A migração de homens e mulheres do Nordeste para outras regiões do país apresenta-se como um “fenômeno social recorrente”, como bem observa Maria Verônica Secreto (2007, p. 45). Só para citar o exemplo mais próximo de nós, na História da ocupação da Amazônia, tradicionalmente dividida em ciclos econômicos, a migração nordestina aparece de forma bastante evidente em pelo menos dois momentos: o primeiro e o segundo ciclos da borracha ocorridos, respectivamente, no último quartel do século XIX e primeira década do século XX e na década de 1940, com a emergência da guerra.

A denominação Soldado da Borracha tem origem neste último momento, quando a Segunda Guerra Mundial trouxe maiores consequências para o Brasil, a partir do momento que os Estados Unidos deixaram de lado seu *status* de neutralidade na guerra e passaram a apoiar os países Aliados. Unidos em um corporativismo encabeçado pelos estadunidenses, os chanceleres da grande maioria dos países do continente americano definiram princípios políticos e econômicos que abriram caminho para as negociações de abastecimento de matérias-primas básicas às nações aliadas (PINTO, 1984, p. 93).

Neste contexto retorna à cena a Amazônia como principal fonte de fornecimento imediato de borracha vegetal, já utilizada anteriormente pelos estadunidenses no início do século XX – antes da produção em larga escala e mais barata dos plantios de seringueira da Malásia – e agora mais uma vez necessária em virtude da tomada, pelos japoneses, dos territórios do sudeste asiático, que produziam cerca de 95% da borracha vegetal consumida no mundo, sendo que os Estados Unidos eram um dos principais compradores.

Até a assinatura dos Acordos de Washington em 1942, a migração para a Amazônia era fomentada unicamente pelo Estado brasileiro. O governo Vargas tinha como meta povoar a região com famílias de agricultores que se dispusessem a sair de suas terras no Nordeste do país, periodicamente abalado pelas constantes faltas de

chuva, para trabalharem na Amazônia, criando a idéia desta região como fronteira agrícola a ser ocupada e explorada. Assim, a migração era incentivada e conduzida pelo Estado através do Departamento Nacional de Imigração (DNI), que buscava criar na Amazônia uma sedentarização do trabalhador, ou seja, estabelecer uma lógica produtiva diferente da que até então predominara na região, que tinha o extrativismo como principal atividade econômica e, como consequência, um nomadismo dos trabalhadores que mudavam de lugar de trabalho constantemente, dependendo da disponibilidade dos produtos que extraíam.

Com o ingresso dos Estados Unidos na II Guerra Mundial e o conseqüente envolvimento do Brasil na questão, a idéia de criar núcleos familiares de produção agrícola foi abandonada em favor da necessidade emergente de produção da maior quantidade possível de borracha vegetal. Nos Acordos de 1942, que na verdade se configuraram como grandes acordos comerciais através dos quais iniciou-se o processo brasileiro de industrialização com a implementação da indústria siderúrgica, o Brasil e os demais países da América se comprometeram a fornecer matérias-primas básicas necessárias ao grupo de países nominado como Aliados, liderados por França, Reino Unido e Estados Unidos (este último a partir de 1941, quando os japoneses atacaram a base militar estadunidense de Pearl Harbor, no Havaí, possessão estadunidense). Ao Brasil cabia principalmente o fornecimento de borracha vegetal, cuja produção e comercialização passaram a ser controladas pelo Governo Federal e fomentadas pelos Estados Unidos, para quem toda a produção era vendida.

O relatório elaborado pela Comissão Baruch, instituída por Franklin Roosevelt, então presidente dos Estados Unidos, com a finalidade de elaborar os “Planos de Guerra e Pós-Guerra” e dirigida por Bernard Baruch, um dos maiores industriais daquele país, sobretudo no ramo da indústria bélica, diz:

"De todos os materiais críticos e estratégicos, a borracha é aquele cuja falta representa a maior ameaça à segurança de nossa nação e ao êxito da causa Aliada (...) Se, porém falharmos na consecução rápida de um novo e volumoso suprimento de borracha haverá o colapso de nosso esforço de guerra e da nossa economia interna. Assim sendo, a situação da borracha constitui o mais crítico de nossos problemas. (...) A crueza dos fatos é advertência que não pode ser ignorada. (*apud* MARTINELLO, 2004, p. 88)

Para suprir essa tamanha demanda por borracha foi criada a “Batalha da Borracha”, através da qual homens eram recrutados para trabalharem na produção gomífera. Como o fornecimento era urgente, a política de povoamento das terras da Amazônia foi alterada. No lugar de uma colonização que pretendia estabelecer laços efetivos de famílias de agricultores com a terra, passou-se a exigir homens solteiros ou que estivessem dispostos a deixar a família em prol de um esforço de guerra. Desta forma, a palavra de ordem deixa de ser povoamento e passa a ser recrutamento. Conforme observa Secreto (2007, p. 109): “Toda a campanha de recrutamento foi sustentada ideologicamente no apelo ao patriotismo, ao esforço de guerra, à condição de ‘soldado’ tão necessário no *front* da borracha como na frente armada européia.”.

A Batalha da Borracha representou muito mais e muito menos que o programa de desenvolvimento regional que a antecedeu. Muito mais no que diz respeito ao contingente de pessoas deslocadas e muito menos com relação aos efeitos positivos que se esperavam. Durante o período compreendido entre 1942 e 1945 foi conduzida para a Amazônia uma quantidade muito maior de homens daquela que o DNI planejara inicialmente conduzir entre homens, mulheres e crianças através do programa de colonização familiar dirigida, existente até 1942. A Batalha representou uma das maiores migrações ocorridas para a região amazônica, onde mais de 70.000 (setenta mil) homens, segundo dados do Ministério do Exército (SANTOS, 2002, p.11), saídos de diversos Estados brasileiros se deslocaram de suas cidades para se tornarem "Soldados da Borracha", sendo assim intitulados por terem sido recrutados em uma operação militar na qual “escolhiam” entre a vinda para a Amazônia para lutarem na “Campanha da Borracha” ou a ida para o *front* de batalha como expedicionários, sendo os nordestinos a esmagadora maioria desses migrantes.

Por outro lado, esse monstruoso deslocamento teve conseqüências sociais que perduram até os dias de hoje: a grande quantidade de homens sem auxílio na floresta, a morte de pelo menos metade dos que foram recrutados em virtude das condições precárias de saúde, moradia e, sobretudo por conta das doenças tropicais, além da

situação de desamparo e orfandade em que ficaram as famílias desses homens ao final da guerra em 1945.

Por conta dos acordos comerciais firmados com os Estados Unidos, o governo brasileiro criou toda uma estrutura de apoio ao recrutamento dos trabalhadores. A intensa propaganda implementada fez com que estes homens viessem para a Amazônia acreditando que, com o fim da guerra, teriam a volta para casa garantida, ainda sob a responsabilidade do Governo Federal, conforme lhes fora prometido em contrato.

É certo também que com a nova grande leva de migrantes as metrópoles responsáveis pela exportação da borracha, precisamente Manaus e Belém, suspiravam com a possibilidade de um acúmulo de riquezas semelhante ao ocorrido no início do século XX, que propiciou o que Ana Maria Daou (2000) chamou de *Belle Époque* Amazônica.

A linguagem bélica presente nos meios utilizados para o aliciamento de trabalhadores nordestinos não foi usada inocentemente apenas porque eram tempos de guerra. Os ideólogos do Estado Novo sabiam dos efeitos das palavras e das imagens que eram utilizadas. Termos como “*Front* da borracha”, “*Batalha da Borracha*”, “*Recrutamento*”, “*Soldados*”, “*Borracha para a Vitória*”, utilizados incansável e repetidamente, foram criados na intenção de manipular a “opção” de seguir para a Amazônia, ficar no Nordeste – sujeitando-se às conseqüências da seca e da falta de assistência –, ou mesmo compor a Força Expedicionária Brasileira – opção oferecida a alguns poucos. Cartazes, vinhetas em rádios, megafones nas praças e pequenos filmes antes das sessões de cinema faziam parte do processo de sedução que condicionaram a “escolha” da Amazônia como campo de batalha.

A manipulação afetiva e a manipulação cognitiva da palavra, de que fala Philippe Breton (1999), aplicadas no processo de recrutamento de trabalhadores, são hoje imediatamente perceptíveis. Para Breton (1999, p. 09) a manipulação cognitiva “aprisiona o público em raciocínios não fundados ou distorcidos” e a manipulação afetiva “age com base na sedução, no erotismo, na hipnose ou repetição para difundir à força mensagens absolutamente inaceitáveis”.

A atuação desses mecanismos pode ser exemplificada em duas pequenas citações:

“(...) Nas guerras modernas não fazem parte somente os soldados que estão nos campos de batalha mas, toda a nação: homens e mulheres, velhos e crianças. A vós desbravadores da Amazônia sois os mais importantes soldados. Unidos veremos sibilhar a bandeira do Brasil”. (SILVA, 2000, p. 58)

“(...) Assim, tanto é soldado o que se alista no quartel, como o que se oferece para trabalhar nos seringais da Amazônia: um é o soldado da caserna, o aviador, o marinheiro; o outro é o Soldado da Borracha, herói da Amazônia. Ambos estão em igualdade de condições perante a Pátria”. (SILVA, 2000, p. 60)¹

Utilizando-se de ferramentas midiáticas de convencimento, os ideólogos do Estado Novo conseguiram impor a milhares de homens a idéia de que eles seriam heróis da pátria e que sair do Nordeste rumo à Amazônia não era apenas uma questão de sobrevivência individual, de fuga de uma situação insalubre (a seca), mas uma questão de segurança nacional, de sobrevivência do país. Desta maneira, a resistência ao chamado da nação é quase reduzida à impossibilidade. Em síntese, as técnicas de convencimento utilizadas pelo Estado criaram nos jovens nordestinos um sentimento correspondente à esperança desde muito cultivada por um lugar onde houvesse terra e água para o trabalho e possibilidade de enriquecimento. E assim, confiantes nos signos presentes em cartazes, filmes, fotografias, textos e discursos políticos estes homens seguiram rumo à Amazônia, imbuídos de um heroísmo criado pelo Estado, sem imaginar que a representação que se fazia deste lugar indicava, em verdade, a ausência da maior parte das condições apregoadas.

Sobretudo no que diz respeito ao trabalho de extração do látex, as imagens induziam os homens a pensar que a lida seria fácil e recompensadora. Tais imagens, pensadas e produzidas por Jean Pierre Chabloz – um suíço que trabalhava no ramo da propaganda e que dominava as técnicas de convencimento utilizadas no campo da publicidade – geralmente apresentavam a seringueira como uma fonte inesgotável de

¹ Extraídas do livro “O espaço ribeirinho”, de Maria das Graças S. N. Silva (2000). A primeira é parte de um texto do Jornal “O Acre”, de 20.05.1943. A segunda foi retirada de um dos folhetos de propaganda distribuídos no Nordeste.

látex. Uma das imagens produzidas por Chabloz, bastante conhecida, apresenta uma seringueira com uma torneira fincada no centro do caule da árvore, aberta e com o líquido branco escorrendo. Outra apresentava os seringueiros vendendo a produção de borracha para o seringalista e recebendo sacos de dinheiro pelo produto.

Os dois cartazes são exemplares do enquadramento mentiroso utilizado para o convencimento dos trabalhadores, onde através de imagens deformadas – o primeiro dá a idéia de que o látex era abundante a qualquer tempo e que o trabalho extrativo era fácil; o segundo sugere o enriquecimento rápido e fácil, já que o trabalho também o era – as relações de trabalho são apresentadas de formas profundamente afastadas da maneira como realmente se dão.

Por fim, visto como geralmente este grupo é apresentado, o que caracterizaria os Soldados da Borracha como uma comunidade ou população tradicional amazônica? Ao contrário das demais “populações tradicionais” os Soldados da Borracha não possuem um espaço ou área de ocorrência. Não existe um espaço específico onde se encontre uma comunidade – aqui entendida enquanto agrupamento de pessoas, com limite territorial e ordenamento político e social – de Soldados da Borracha. O que torna este grupo uma “comunidade” é a trajetória comum de migrantes que, tendo saído de um mesmo lugar e para um mesmo lugar numa mesma época e com uma mesma finalidade, acabam por formar uma “comunidade imaginária” específica.

Tomamos emprestado de Benedict Anderson (2005) o termo “comunidades imaginadas”. Anderson o utiliza para definir a idéia de nação. Obviamente não queremos aqui dizer que o universo dos Soldados da Borracha constitui uma nação, mas entendemos que alguns dos mecanismos presentes na constituição do nacionalismo podem ser utilizados para a compreensão desta nossa comunidade.

Benedict Anderson (2005, p. 23) diz que o nacionalismo é um “artefato cultural de um tipo especial” que possui, sobretudo, uma legitimidade emocional pautada pelo sentimento pessoal e cultural de pertencimento a uma nação. É a partir deste mecanismo de ligação do indivíduo com a nação – o sentimento de pertencimento – que nos apropriamos deste conceito.

Para Anderson (2005, p.25) a nação é uma comunidade imaginada porque “até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, **ainda assim, na mente de cada um existe a imagem de sua comunhão**”. (grifo nosso)

A comunhão entre os indivíduos que compõe a comunidade Soldados da Borracha se dá através do pertencimento a uma trajetória comum: a saída do nordeste para a Amazônia e a vida na Amazônia; e ainda o fato de terem sido considerados soldados, lutado e vencido uma guerra em favor não só da nação, mas do mundo. Daí a convicção de pertencimento ao grupo.

Stuart Hall, ao considerar a identidade cultural na pós-modernidade, também se apropria do conceito de Anderson e o desdobra, entendendo a nação como “comunidade simbólica”. Hall diz que as identidades culturais são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.” (2003, p. 08). As aspas presentes no “pertencimento” a que se refere Hall indicam a sua relatividade. O que ele quer dizer é que esse pertencimento é socialmente criado, ou seja, que não há uma pertença natural a qualquer grupo ou comunidade e que nossas identidades “não estão literalmente impressas em nossos genes”, mas são frutos de uma produção social. Assim, a identidade dos Soldados da Borracha foi socialmente criada, quer seja pelos instrumentos utilizados pelo Estado quando da criação da Batalha da Borracha, quer seja pela apropriação por parte desses homens do discurso que foi preparado tanto para eles quanto para a História.

Apesar de assumirmos aqui que o motivo inicial do trabalho é esta característica comum, nossa meta é fazer uma leitura da narrativa de cada colaborador individualmente. A preocupação é com a singularidade da história de vida de cada um deles, com a experiência individual e mesmo como cada um destes homens reconstrói essa trajetória comum. Para tanto, nos afastaremos um tanto da História e outro tanto da Geografia, esse dois discursos disciplinares que, ao se colocarem como Ciência, discursos autorizados e competentes que buscam dar conta,

uma do realmente acontecido e outra de apreender a realidade, acabam por desconsiderar e anular as singularidades das narrativas pessoais sobre o vivido.

Muita coisa já existe sobre o assunto Soldados da Borracha. São vários os trabalhos que abordam populações tradicionais amazônicas. Em geral, estes trabalhos dão uma origem oficial a essas populações e as identificam com essa origem. Na maioria dos casos, esta origem é dada por quem está fora da comunidade – e, exatamente por isso é oficial –, quase sempre por historiadores, geógrafos, sociólogos que, baseados nos textos de viajantes, na literatura regional ou mesmo em crônicas memorialistas criam um início e uma identidade para a existência de comunidades de seringueiros, ribeirinhos e até mesmo de povos indígenas.

No entanto, os textos que tratam não só dos Soldados da Borracha, mas também das demais populações amazônicas ou comunidades tradicionais, por serem sempre um “sobre” e nunca um “a partir” daqueles que fazem parte destas “populações” e “comunidades”, acabam por corroborar cada vez mais uma História ou mesmo uma Geografia sem rosto e sem vida; que fala sobre o lugar, mas não busca compreendê-lo a partir dos indivíduos que compõe e dão sentido e existência ao lugar.

A impressão que tenho nos trabalhos sobre seringueiros principalmente é que a busca é sempre por uma definição exata, uma definição definitiva, por assim dizer, de quem seja o seringueiro. Tenta-se criar um seringueiro, um ribeirinho, um índio, uma comunidade ou populações ideais onde todas as outras se encaixem. Parecendo ser suficiente que, falando sobre uma comunidade, estaria também falando de todas e por todas as outras. Assim, seringueiros seriam todos iguais; soldados da borracha seriam todos iguais; ribeirinhos e indígenas seriam todos iguais.

Tanto nos relatos memorialistas de viajantes quanto nos textos de historiadores, principalmente dos autores que escrevem sobre Amazônia, há a presença de um estereótipo de seringueiro ou de caboclo amazônico que são sempre apresentados como sofredores, mas que apesar de todas as dificuldades, de todas as doenças, de toda a exploração que passaram acabam por ser heróis que constituem o território amazônico “com o suor de seu sofrimento”. O sertanejo forte de “Os Sertões”

(CUNHA, 2000) torna-se arquetípico e o seringueiro aparece sempre, novamente como para o autor, como o homem que “trabalha para escravizar-se” (p. 127). Por vezes são apresentados como integrantes do que é chamado de “povos da floresta” e passam a ser alvos de políticas públicas voltadas para o que hoje se chama de desenvolvimento sustentável, que quase sempre utiliza esses “povos” – que são as mesmas populações tradicionais amazônicas já conhecidas – como cartão postal ou vitrine, para que assim os governos ganhem a confiança de ambientalistas, Organizações não Governamentais (ONG’s) e mesmo de organismos internacionais que passam a investir na área de atuação desses governos, aproveitando o rentável negócio da preservação e conservação ambiental.

Portanto, o problema é que tudo que se conhece e tudo que se produz de novo sobre os Soldados da Borracha parte daquilo que se tem escrito, do que já se sabe da “História oficial”. Aqueles intitulados “Soldados da Borracha” nunca disseram nada e, se disseram, ou foi dentro de um esquema pergunta-resposta ou tiveram suas narrativas fragmentadas com a finalidade de apenas confirmar os desejos do entrevistador.

Este trabalho se propõe justamente a ouvir o outro sem enquadrá-lo ou adequá-lo a uma temporalidade, a um discurso acadêmico. Desenvolvemos aqui uma História Oral que se utiliza de um processo transcriativo onde sondamos instâncias das experiências de vida e que, por ir ao encontro do outro, em busca da experiência pessoal, dimensiona o vivido dentro de uma perspectiva de tempo presente onde o passado aparece como momento narrativo, recriado pelo entrevistado. Nossa busca parte da vontade de perceber como esses discursos se recriam e se articulam no diálogo estabelecido por uma dada História Oral que muito mais que “dar voz ao outro” propõe ouvir e respeitar até o limite sua integralidade vivencial e discursiva.

A importância deste trabalho está na busca de entender os Soldados da Borracha a partir deles e não a partir de idéias sobre a vida ou trajetória já estereotipada. Essas narrativas são constituídas num processo dialógico em que o interlocutor é o colaborador, indivíduo cuja participação é imprescindível. É através desse diálogo que podemos perceber a cotidianidade das pessoas, aquilo que o

documento não nos diz, o que, por ser considerado insignificante, fica por debaixo das malhas que compõem a realidade (JOUTARD, 2000, p. 33).

Temos como referência pelo menos três trabalhos que se alinham com essa História Oral de que falo e que têm estreita relação com o estamos acostumados chamar de populações ou comunidades tradicionais. Todos eles são de professores da Universidade Federal de Rondônia, pesquisadores do Centro de Hermenêutica do Presente (CENHPRE), lugar que tem privilegiado a História Oral como prática de pesquisa desde 1996. Trata-se de: **Calama: Uma Comunidade no Rio Madeira**, de Alberto Lins Caldas (2000); **Seringueiros da Amazônia: Sobreviventes da Fartura**, de Nilson Santos (2002) e mais recentemente **Experiência e Memória: A Palavra Contada e a Palavra Cantada de um Nordeste na Amazônia**, de Fabíola Holanda (2006).

Calama: Uma Comunidade no Rio Madeira, (CALDAS, 2000) introduz na Geografia Humana um quadro teórico que inclui Moema Viezzer, Elisabeth Burgos (1987) e Daphne Patai, aliado a uma prática de pesquisa em História Oral que inclui Meihy (1991; 1996a; 1996b; 2000; 2005), Ataíde (1993), Santos (1996), além de por a Geografia em diálogo com pensadores como Gaston Bachelard (1989; 1994), Mircea Eliade (1992; 2002), Roland Barthes (1984), Michel Foucault e Gilbert Durand (1997), apontando assim para um horizonte de leitura e interpretação como o proposto pelo próprio Caldas em “Nas Águas do Texto” (2001).

Partindo das narrativas a leitura de Caldas propõe uma supremacia do “humano” sobre a “Geografia”. Disciplina que, para o autor, tem se afastado desse humano que é a “voz básica de um viver, a experiência que criou, vive e reproduz um lugar, um espaço e um mundo próprios, bem além do toque universalista de qualquer teoria” (2000, p. 11). Ao se aproximar desta “fala fundamental” (2000, p. 11) e conseqüentemente das lembranças que geram o mundo, a Geografia e a História ampliam suas possibilidades de compreensão sobre o que dá sentido ao lugar.

Em síntese, Caldas propõe uma radicalização não só da Geografia Humana, mas das Ciências Humanas em geral. Radicalização essa que sugere uma não-objetificação tanto da memória e da fala que a materializa, quanto dos espaços que

são por ela referenciados, dos lugares vivenciados e construídos pela experiência que rege tanto a memória quanto a construção dos lugares. Esse outro olhar proposto permite à Geografia dar mais atenção aos “fluxos vivos de sociabilidade” (2000, p. 12) que formatam os lugares, que por sua vez deixam de ser vistos apenas como produto físico da ação humana, mas representação de visões de mundo, modos de vida, imaginários: virtualidades. Enfim, nos permite perceber, através das narrativas, que os lugares não são dados *a priori*, mas são instituídos pelas relações sociais.

Seringueiros da Amazônia: Sobreviventes da Fartura, (SANTOS, 2002) cria um tecido narrativo a partir do diálogo entre o quadro filosófico e teórico-metodológico proposto por Caldas (2000) e as narrativas obtidas em processo de colaboração. As narrativas voluntárias – dos seringueiros da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, localizada no município de Guajará-Mirim-RO – obtidas em colaboração e dentro da perspectiva da cápsula narrativa pensada por Caldas, são apresentadas pela primeira vez na Geografia, como bem frisa o próprio autor, de maneira integral e singular (SANTOS, 2002, p. 5).

O título do trabalho de Nilson Santos sugere que os seringueiros são hoje sobreviventes dos dois ciclos econômicos da borracha, em que a Amazônia figura como protagonista, momentos em que o alto valor deste produto no mercado dava uma impressão de que o período era de muita fartura. E a conotação não era totalmente equivocada, mas a fartura era para os poucos grandes homens de negócio que comandavam a produção bem de longe dos seringais, em seus casarões nas grandes cidades amazônicas. Assim, os seringueiros desta reserva são sobreviventes de uma fartura da qual eles próprios não usufruíram. Ainda assim, eles “representam o que restou do ouro branco que fez imensas fortunas” (2002, p. 19).

Santos afirma que o grande desafio da Geografia ao usar a História Oral como metodologia é “fortalecer o outro e dialogar” (2002, p. 26). O fortalecimento é proporcionado pelo ouvir, deixar que o outro se diga e diga a sua comunidade, o seu viver. Este diálogo fecundo – iniciado a partir da entrevista, que é a primeira palavra (2002, p. 27) – é ao mesmo tempo, fruto e ponto de partida para este fortalecimento.

A proposição de uma leitura que enfrente os textos que categorizam ou enquadram os chamados seringueiros, índios, ribeirinhos e demais comunidades na denominação geral “populações tradicionais” – pois tal generalização sugere uma identidade comum a estas comunidades, apagando suas peculiaridades – é feita a partir da idéia de que o diálogo “torna consciente o que é significativo na singularidade e na práxis social” (2002, p. 29), apontando assim para a superação de um discurso homogeneizador que pasteuriza as diferenças existentes entre cada uma das populações amazônicas.

Experiência e Memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia é a tese de doutorado da autora. Ao invés de trabalhar com um grupo de narrativas, Fabíola Holanda trabalha com apenas uma. A relação com o meu trabalho é, além da História Oral, que Adálio o colaborador da autora também narra a trajetória comum dos Soldados da Borracha.

A tese de Fabíola Holanda busca trabalhar a História Oral numa dimensão levemente apontada, sobretudo por Alberto Lins Caldas, nas duas teses apresentadas anteriormente: a de uma História Oral que quer se fazer autônoma, escapando de ser sempre uma metodologia a serviço das várias disciplinas das Ciências Humanas. Resguardadas algumas diferenças teóricas, essa é uma visão construída a partir das discussões propostas dentro do próprio Centro de Hermenêutica do Presente, quanto pelo Núcleo de Estudos em História Oral da USP, com que o CENHPRE tem ligações.

A tese é, podemos dizer, o mais recente ponto de precipitação de um trajeto de pesquisas em História Oral que estes dois centros de pesquisa vêm seguindo desde meados da década de 1990, que aponta para uma História Oral que não se encerra na produção do “documento”, para que depois venha a História, a Geografia, a Sociologia ou as demais Ciências Humanas e utilize seu arcabouço teórico para interpretar as entrevistas. Ao contrário, acena com uma História Oral que compreende toda uma articulação sistemática que vai “desde a elaboração de um projeto até a construção de uma interpretação própria” (HOLANDA, 2006, p. 32) e que possui pressupostos epistemológicos e aportes teóricos consistentes.

Esta dissertação aponta para essa História Oral, que não é apenas metodologia, trabalho procedimental, mas “Sistema” que:

Difere das demais que estão integradas a uma disciplina como instrumentos e técnicas, ou como metodologia de pesquisa, “que apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho”, mas que “as soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre tiveram: na boa e velha Teoria da História” (Ferreira(2); Amado, 1996: XVI), e poderíamos acrescentar, na sociologia, na Antropologia, na Geografia” (HOLANDA, 2006, p. 33).

Devemos considerar que a preocupação aqui, a exemplo das teses citadas acima, é com a experiência do outro. Portanto o “enquadramento” dos colaboradores no grupo Soldados da Borracha é somente pretexto para ouvi-los. Existe na narrativa dessas pessoas muito mais que o Soldado da Borracha, que o seringueiro, que o nordestino, que o trabalhador amazônico, que homens e velhos: há singularidades, detalhes que somente suas experiências de vida narradas, se respeitadas em suas integralidades, podem evidenciar.

RELATOS DA PESQUISA

TRAJETO PESSOAL

Tratar da trajetória de construção deste trabalho é tratar da construção de minha trajetória pessoal no mundo acadêmico, afinal foi a partir da possibilidade de se tornar um pesquisador que passei a me relacionar verdadeiramente com a Universidade e com a História Oral a que me remeto constantemente. Portanto, construir um relato desta pesquisa é, também, fazer um pequeno ensaio de ego-história, como recomenda tanto a Nova História (NORA, 1987) quanto a própria História Oral (CALDAS, 2003). É também pensar minha própria vida, dizer quem é o pesquisador, se desnudar, mostrar os pontos fortes e fracos, mostrar os limites, a superação ou não desses limites. Enfim, como disse Edgar Morin (1997), é mostrar os “meus demônios”, assumi-los e compreendê-los, mostrando em que dimensão a experiência de vida pessoal e a vida das idéias caminham juntas.

Minha relação com a Universidade não se deu imediatamente, mas a partir da possibilidade de pesquisa. Fiz vestibular para um curso pouco concorrido. Minha idéia, como a de boa parte dos jovens alunos do curso de História era, ao final do ano, prestar vestibular para um outro curso que possibilitasse melhor e mais rápido retorno financeiro. Em síntese, o desejo era cursar Direito no ano seguinte.

Essa idéia, para desespero da família, começou a mudar a partir da relação com a pesquisa. Essa relação teve início a partir do segundo semestre da graduação, quando durante a disciplina “Introdução aos Estudos Históricos”, ministrada pela professora Fabíola Holanda, fizemos uma visita ao “Centro de Documentação Histórica” do Tribunal de Justiça de Rondônia.

As explanações e considerações sobre os arquivos, centros de documentação e o documento propriamente dito feitas pela professora Nilza Menezes, e pela própria professora Fabíola despertaram em mim o interesse pelo trato documental, tanto no que se relaciona às técnicas de tratamento e conservação, quanto no que diz respeito às questões filosóficas, teóricas e metodológicas do *métier* do historiador.

Mais do que a obrigação de um trabalho para conclusão da disciplina, ir ao Centro de Documentação se tornou um prazer. Os estudos sobre documento, suas concepções, formas de abordagem e as relações com outras fontes de pesquisa me puseram em contato com a História Oral, bem como com o seu temário e suas especificidades teóricas.

O ingresso no CENHPRE, em 2001, me possibilitou visualizar e trabalhar com uma História Oral específica que não considera as narrativas pessoais apenas como “fontes orais” (a matéria-prima dos historiadores orais), que servem como complemento aos trabalhos de História que se utilizam de documentos, preenchendo assim as lacunas que tais documentos deixam em aberto. A História Oral com a qual passei a trabalhar, incide suas abordagens a partir do outro, que para o oralista é o colaborador – o narrador, aquele que ao assumir a palavra se dispõe a narrar sua experiência, a ser parceiro de jornada porque fará junto e acompanhará a feitura da escrita que representará a sua vida da forma como ele escolheu contar – e não objeto de pesquisa, considerando principalmente sua integralidade narrativa. Esta História Oral é, principalmente, constituída como uma valorizadora da experiência.

Ainda em 2001 me tornei bolsista do Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), quando passei a trabalhar com o projeto **Nordestinos na Amazônia – A Experiência de Dois Mundos (História Oral com Soldados da Borracha)**, projeto do próprio Centro, elaborado pelo professor Alberto Lins Caldas, coordenador do CENHPRE, e pela professora Fabíola Holanda. Executei o plano de trabalho **A Experiência na Amazônia**, quando fiz as primeiras entrevistas do projeto.

Com as primeiras leituras foram surgindo as várias questões teóricas e metodológicas acerca do tema e da metodologia aplicada. Pensar teoricamente a entrevista e os procedimentos seguintes, a leitura e interpretação dos textos resultantes das entrevistas, as questões sobre documento, tempo, memória, narrativa, oralidade, enfim pensar a História Oral se configurou um exercício intrincado, complexo e cativante.

Primeiro, porque me era difícil pensar a História Oral desatrelada da disciplina História, um equívoco comum e reproduzido até hoje por grande pesquisadores em Ciências Humanas, perpetuado principalmente por aqueles que pensam a História Oral como mera técnica ou recurso a disposição da História e das demais disciplinas. Segundo, porque o viés teórico e interpretativo proposto pela Hermenêutica do Presente e as questões que a envolvem me atingiam profundamente: compreender a construção da ciência, da natureza, das crenças, religiões, dos mitos (e principalmente dos meus mitos), dos sentidos, ou seja, empreender a negação de tudo aquilo que fez parte de minha formação social (ocidental, protestante, fundamentalista). A formação acadêmica se iniciava com a tomada de consciência de quem era eu mesmo, de como se dera minha formação social até então, qual o papel exercido, sobretudo pela religião, no meu modo de pensar, agir e refletir sobre o mundo.

Tudo isto incomodava meu espírito, que, no entanto encarava tudo como desafio e como necessidade: o desafio de compreender uma outra versão para tudo aquilo que eu achava “natural” e a necessidade de utilizar todo esse processo de desnaturalização da vida pessoal, social e científica.

A identificação com o tema proposto pelo projeto foi imediata, tanto pela nova prática de pesquisa que teria que assimilar, quanto pela relação com a trajetória familiar. Eu mesmo migrante, filho e neto de migrantes. Meu avô, nascido no Pará, criado no Ceará e morador do Acre desde muito jovem. Minha mãe, nascida no Acre e radicada em Rondônia, juntamente com os filhos.

O trabalho de pesquisa, a convivência com os professores orientadores e com os colegas do CENHPRE, tiveram saldo acadêmico e pessoal bastante positivo: as pesquisas da iniciação científica, resultaram em dois relatórios anuais avaliados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (GUSMÃO, 2002; 2003), na apresentação de trabalhos no III Encontro Regional de História Oral da Região Norte e VI Encontro Nacional de História Oral.

Terminei a graduação em 2003, colando grau sem concluir o bacharelado por conta da necessidade de concluir o curso em virtude da aprovação no concurso público da Secretaria de Educação do Estado de Rondônia, que exigia o comprovante

de conclusão do curso no momento da assinatura do documento de posse no cargo. Após algumas tentativas sem sucesso de reintegração no curso de História – para me graduar como bacharel, tentei voltar como portador de diploma, mas a tentativa estancava na falta de vagas – resolvi desistir do bacharelado e comecei a pensar em fazer uma pós-graduação *strictu sensu*.

Em 2006 fiz seleção para o Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Para o projeto de dissertação decidi retomar a pesquisa que iniciei em 2001, como bolsista de iniciação científica, propondo um alargamento das dimensões abordadas até então. Surgiu assim o projeto Entre-Mundos: História Oral com Soldados da Borracha. Fui aprovado na seleção do Programa, dentro da linha de pesquisa “Populações Amazônicas e Cidadania”.

Três disciplinas tiveram contribuições fundamentais para o desenvolvimento da dissertação.

Em Teoria da Geografia, ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Santos, pude aprofundar os conhecimentos acerca do conceito de espaço. Utilizei-me das idéias de Milton Santos – para quem o espaço como é o “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”, onde o “sistema de objetos” é o conjunto da produção material humana, as “rugosidades”, ou o “extenso” (a idéia de extenso foi desenvolvida pelo próprio professor Carlos Santos), a configuração territorial propriamente dita; e o “sistema de ações” diz respeito à atuação social humana e às relações sociais conseqüentes desta atuação, que é prenhe de intencionalidade e, por isso, doadora de sentidos – para o trabalho de conclusão da disciplina.

Cultura, Populações Amazônicas e Sustentabilidade foi a disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Nilson Santos, que a partir de uma multiplicidade de leituras que abordaram desde as questões conceituais das Ciências Humanas – cotidiano, tempo e espaço, sociabilidade – bem como trabalhos e reflexões acerca de “comunidades tradicionais”, com destaque para as teorias e metodologias que possibilitam ao pesquisador uma abordagem mais voltada para a compreensão da dimensão do

cotidiano da vida humana e, mais especificamente, da vida de populações amazônicas.

Métodos Qualitativos de Pesquisa foi compartilhada pelos professores Dr. Nilson Santos e Dra. Fabíola Holanda. Teve contribuição significativa porque o foco principal foi a História Oral e suas possibilidades de pesquisa. Pude me envolver numa discussão atualizada acerca do *status quo* da História Oral, onde debatemos as questões teóricas que estão na ordem do dia deste campo do conhecimento, tais como memória, identidade, colaboração, mediação e transcrição.

A interação entre as reflexões proporcionadas por essas três disciplinas me desafiaram a pensar num caminho em que pudesse trabalhar uma leitura que tivesse a subjetividade como foco, já que estava praticando uma História Oral que propõe uma leitura que escape da órbita das disciplinas tradicionais “também, que não as despreze, mas que sejam utilizadas ‘parcialmente, livremente e, sobretudo, relativamente’, criando um campo interpretativo ‘sobredeterminado’, ‘plural’. Contemplando desta forma as questões relativas à Geografia e seu temário. (HOLANDA, 2006, p. 33).

O caminho que pareceu mais próximo de nossas pretensões de leitura foi o da Geografia Cultural. Mas, o que seria uma Geografia Cultural? Se considerarmos que a produção do espaço é compreendida de tantas formas diferentes quantas forem as sociedades estudadas, ou seja, o espaço é determinação cultural, o termo “Geografia Cultural” não seria uma redundância?

Ora, se pensarmos que, em essência, todo conhecimento gerado por qualquer que seja a disciplina é apenas um olhar sobre determinada questão, concluiremos que toda disciplina é, de acordo com uma epistemologia geral, cultural. Todo olhar é cultural, todo olhar é sempre um “sobre” algo e nunca a sua versão definitiva. No entanto, o que diferencia a Geografia Cultural das demais “Geografias” é o olhar sobre o simbólico, sobre as representações sociais, sobre a religião, sobre modos de vida, inclusive sobre memória, proporcionando, portanto, leituras culturais.

Não há como separar estas questões da Geografia, não há como dizer que o estudo da singularidade dos lugares ou da memória escapam ao temário principal

desta disciplina. É inegável que a Geografia Cultural tem, a cada dia, contribuído para a constituição de uma Geografia que seja não uma disciplina sisuda ou carrancuda, fechada numa etimologia ou num objeto únicos e adialógicos, mas numa disciplina que vem se tornando cada vez mais uma verdadeira teoria da espacialidade humana.

TRAJETÓRIA DO PROJETO

O caderno de campo é o relato de experiências. Da minha experiência, das minhas impressões, dos sentidos que a mim se manifestaram nos momentos da pesquisa. É, portanto, a minha perspectiva que se impõe sobre a experiência vivida e relatada, por isso jamais deverá se confundir com o vivido propriamente dito, ou seja, nunca deve buscar ser a descrição fiel do momento, dizer o que realmente aconteceu nas situações vivenciadas. Isso é ilusão da História.

O caderno de campo é apenas uma das possibilidades de leitura sobre o vivido, relato de um momento de percepção e interpretação, é apenas uma significação dentro da grande teia de significados possíveis e sendo assim não representa toda a vivência do momento.

Configura-se, entretanto, como ferramenta – bastante utilizada e recomendada pelos etnógrafos e pela maioria dos autores de História Oral – fundamental no acompanhamento da pesquisa. É onde são registradas também as falhas, as angústias teóricas e procedimentais, as dúvidas e dificuldades.

Do caderno original, entremeado por notas de leituras feitas, compromissos com os colaboradores e visitas informais ao Sindicato dos Soldados da Borracha, optei por deixar aqui as minhas principais impressões e reflexões sobre os momentos e procedimentos na hora das entrevistas, sobre os comportamentos – tanto o meu quanto o dos colaboradores deste trabalho – e acerca do que senti sobre o momento do “ouvir contar” (ALBERTI, 2003).

Raimundo Cláudio

Raimundo Cláudio foi meu primeiro colaborador. O primeiro contato foi feito por minha tia, que é professora e trabalha junto com Francisca, a filha de Raimundo Cláudio, também professora. Conversei com Francisca por telefone, expliquei a ela a pesquisa que estava fazendo e que tinha interesse em conversar com seu pai. Ela disse que no momento eu não poderia conversar com ele, porque ele não estava em casa. Estava “na obra”. Francisca estava construindo uma casa e ele estava no lugar onde a edificação estava sendo feita. Ficou acordado então que ela marcaria com ele um dia para que eu pudesse ir até a sua casa para conversarmos.

Liguei para ela novamente dois dias depois. Marcamos para a manhã seguinte uma pré-entrevista, às dez horas. Cheguei adiantado. Exatos cinco minutos. Francisca me atendeu, abriu a porta, pediu que eu entrasse e aguardasse um pouco porque Raimundo Cláudio já estava chegando. Tinha resolvido ir até a obra, mas prometeu chegar às dez. Tomei a água oferecida por Francisca e às dez em ponto Raimundo Cláudio chegou. Ele chegou com um alegre “Bom dia!”. “Ô seu Raimundo, bom dia! Tudo bem com o senhor?”, respondi. E assim começou a conversa. A certa altura perguntei a ele o que fazia na obra. Ele prontamente, com as sobrancelhas erguidas, de maneira enfática, respondeu: “Eu fiscalizo. Porque em pedreiro não se confia!”. Pedi que ele me explicasse o porquê e ele me disse que “se o dono da obra não estiver de olho, o pedreiro faz o que quiser” e a construção não sai como desejada. Foi quando ele me contou que, na verdade, mora no Ceará. Ou melhor, para usar as palavras dele próprio “moro lá e cá”. Ele fica metade do ano em Porto Velho e a outra metade em Fortaleza. Mas desta vez, veio apenas para fiscalizar a construção da casa da filha. Quando ficou sabendo da obra, arrumou as coisas e veio.

Expliquei a ele que eu estava fazendo um trabalho com histórias de vida, falei sobre o uso do gravador e sobre o retorno para conferência da entrevista. Perguntei sobre a data para a qual poderíamos marcar a entrevista. Ele rapidamente disse “Oxe, e porquê não agora?”. Também rapidamente lhe respondi: “Por mim, tudo bem”.

Confesso que havia criado muitas expectativas para a entrevista, afinal era a primeira. Comecei como deveria começar. “Então seu Raimundo, me fale da sua vida!”. Pensei em tudo o que tinha lido sobre o momento da entrevista, aquele momento único e sobre o conceito e a aplicação da Cápsula Narrativa. Me perguntei “por onde será que ele vai começar?”. Começou pela chegada, pelo “tempo da guerra”, quando veio “botado pelos americanos”. Foi essa a origem voluntária da narrativa de Raimundo Cláudio.

Mas, para minha surpresa e desespero, ele falou apenas três minutos. Narrou a chegada, a lida e a saída do seringal em apenas três minutos. Depois me perguntou “o que mais você quer saber?” Surpreso e não muito certo se deveria perguntar algo específico, lembrei-me apenas da recomendação de fazer perguntas amplas e relacionadas a questões já narradas na Cápsula. Pedi a ele então: “me fale mais sobre a sua vida depois que o senhor chegou aqui na Amazônia”. Ele continuou. A entrevista seguiu fluida.

No dia seguinte, encontrei-me com o professor Alberto, meu orientador, na Livraria da Rose, e contei a ele sobre a Cápsula de três minutos e de como eu tinha procedido. Ele disse que eu tinha agido bem, da maneira correta. O amigo e poeta Carlos Moreira brincou dizendo “isso foi um haikai narrativo: exatamente três”.

Um haikai tem três versos. A Cápsula teve três minutos.

Carlos Moreira estava certo. Assim como nos três versos do haikai, nos três minutos de narrativa de Raimundo Cláudio estava todo o sentido de sua vida. Com a segunda pergunta o estimulei a desdobrar o sentido desenvolvido nos três minutos.

* * *

Dico Mendes

Dico Mendes é Raimundo Mendes Martins, o segundo colaborador. Conheci Seu Dico por intermédio de um amigo que morava em Guajará-Mirim – cidade onde mora Seu Dico – e que quando soube da pesquisa que eu estava fazendo me disse que seria interessante entrevistá-lo. André, o amigo, não estava errado.

Cheguei a Guajará-Mirim num fim de semana, no sábado mais precisamente. Por volta das nove e meia da manhã fui com André até a casa de Seu Dico, acompanhados de “Nem”, o seu filho caçula. “Nem” é de poucas palavras. Apenas chamou o pai e disse “esse é o rapaz que queria falar com o senhor!”. Seu Dico, da porta da casa, me disse “pois não, os senhor pode dizer!”. Expliquei que gostaria de fazer uma entrevista e esclareci o procedimento todo e que eu estava fazendo um trabalho com histórias de vida.

Na verdade, já fui a Guajará-Mirim na expectativa de que pudesse entrevistá-lo logo, a exemplo do que acontecera com Raimundo Cláudio. No entanto, na conversa com Dico Mendes, após ter explicado tudo, ele me disse “certo, aceito que o senhor pegue minha entrevista. Mas isso só quarta-feira, porque eu sou um homem ocupado, eu tenho um lanche e no fim de semana eu trabalho nele, não tenho como conversar com o senhor!”. Até tentei negociar dizendo que a entrevista poderia ser naquele momento, se ele não se importasse. Mas ele respondeu negativamente. A entrevista ficou marcada para a quarta-feira, às dez horas da manhã.

Fiquei o fim de semana em Guajará-Mirim e, por conta de compromissos, voltei para Porto Velho no domingo. Na terça-feira a noite embarquei novamente para Guajará-Mirim, chegando na quarta-feira de manhã, bem cedo. Após o café, fui para a casa de Dico Mendes. Cheguei dez minutos adiantado. Quem me atendeu foi Dona Maria, a esposa de Dico Mendes. Disse a ela que estava lá por conta da entrevista e ela foi chamá-lo. Seu Dico Mendes saiu do quarto, sem camisa, meio que cobrindo os olhos por causa da luminosidade do sol e disse “mas você veio mesmo, né?! Mas eu só vou poder lhe dar a entrevista no sábado, pois hoje eu não tenho

tempo... o senhor sabe... eu tenho um lanche e eu tô indo pra lá. Então é melhor o senhor vir no sábado de manhã, que é quando eu tô mais folgado”. Ficou acertado que eu voltaria no sábado às dez horas.

Tive a impressão de ter passado no teste de Dico Mendes. Sim, tive a impressão de ter sido testado. Algo como se ele só fosse me conceder a entrevista se eu fosse perseverante. Voltei para a casa de André, onde estava hospedado. Dessa vez resolvi ficar até o sábado e não voltei a Porto Velho.

No sábado, cheguei à casa de Seu Dico apenas cinco minutos antes do combinado. Uns cem metros antes de chegar à casa, vi “Nem”, o seu filho, usando um telefone público que fica em frente à casa, do outro lado da rua. Quando estava chegando perto, ele já havia desligado o telefone, atravessou a rua e entrou em casa. Quando cheguei na frente da casa, apenas a janela estava aberta. Bati palmas e em seguida surgiu Dona Maria. Perguntei a ela se lembrava de mim, no que ela respondeu positivamente. Disse que tinha ido para realizar a entrevista combinada com Seu Dico. Pedi que eu esperasse um pouco e entrou. Ouvi quando ela disse “Dico, é o homem da entrevista que tá aí!”. Ele disse “põe ele na sala que eu tô indo!”.

Foi a primeira vez que entrei na casa. Nas outras duas vezes, só me fora permitido o batente da porta da sala. Uma casa de madeira, com telhado de duas águas, feita no estilo de casa cabocla, com dois quartos e um corredor lateral interno, que dava acesso à cozinha que ficava nos fundos. Na frente fica a sala, meu local permitido. Nela há a porta que dá acesso à rua e duas janelas, uma de cada lado. Não há cercas ou muros. Na sala, pequena e um tanto apertada, havia um conjunto de sofás, uma pequena estante com uma televisão e alguns livros antigos. Havia também num canto esquerdo, junto à entrada do corredor que dá acesso aos outros cômodos da casa, uma cadeira e uma pequena mesa que tinha sobre ela uma caixa de madeira, aparentemente pesada. A tampa estava fechada com corrente de boa bitola e cadeado. Um cadeado dos grandes. Confesso que fiquei curioso para saber para que servia e o que tinha na caixa. Obviamente, não perguntei.

Uns dez minutos depois Dico Mendes saiu. De chinelos, calça tipo social bem gasta pelo uso, fechando uma camisa de botão igualmente bem usada. Me apressei e logo o cumprimentei. Ele respondeu com o mesmo “bom dia!”, acrescentando um “tudo bem com o senhor?”. Foi logo dizendo “o senhor quer mesmo essa minha entrevista, né?! Veio lá de Porto Velho e esperou mais de uma semana!”. E deu um sorriso. Foi a primeira vez que não o percebi com aquela aparência severa que tinha. Dico Mendes tem essa aparência, de velho rígido, bravo e ranzinza. Não é de muita conversa com quem não conhece. Mas percebi que o teste chegara ao fim e que a entrevista aconteceria.

A entrevista foi fantástica. Seu Dico Mendes falou quase duas horas, sem que eu lhe fizesse mais que a pergunta inicial. Dona Maria me serviu café duas vezes, numa xícara de vidro marrom. Duas boas doses de café. A exemplo de Raimundo Cláudio, Dico Mendes iniciou pela chegada. Disse de sua vida de seringueiro, militar e taxista. Falou sobre seu estado de saúde. Contou feitos heróicos e usou a sua história de vida para dar exemplos de bravura, fé e perseverança.

Já próximo do fim da entrevista, um telefone tocou. Tocou até parar. Procurei visualizar o telefone na sala. Não o encontrei. Tocou novamente. Seu Dico, incomodado com o barulho, gritou da sala mesmo “Maria, traz a chave!”. Dona Maria trouxe um molho de chaves, entregou na mão do marido que se dirigiu até a caixa de madeira sobre a pequena mesa, abriu o cadeado, tirou as correntes e, com um leve sorriso no rosto, falou amavelmente, suavemente ao telefone com a neta que havia ligado pedindo para ir ficar o fim de semana com ele.

* * *

Manoel Araújo

Manoel Araújo ou Araújo. É assim que ele gosta de ser chamado. É meu o terceiro colaborador. Diferentemente dos outros dois, ele eu não entrevistei em casa. A entrevista se deu no Sindicato dos Soldados da Borracha do Estado de Rondônia (SINDSBOR), do qual Manoel Araújo é membro fundador e, à época da entrevista, fazia parte da diretoria. De feição sempre alegre, muito atencioso, de fala rápida e articulada, vestido sempre de maneira impecável, com um grande anel dourado no dedo, Manoel Araújo é espécie de cartão postal do Sindicato. Ele tem todas as informações sobre o sindicato e seus membros. Além disso, é a pessoa que melhor expressa os anseios dos membros do sindicato.

Sabia da existência do sindicato bem antes de iniciar a pesquisa. Pouco tempo depois de ter começado o trabalho, passei a frequentá-lo. Na quinta visita que fiz, sondei Manoel Araújo sobre a possibilidade da entrevista. Ele aceitou, mas perguntou o que eu queria saber, se era sobre a vida do seringueiro, se era sobre a luta do Soldado da Borracha, se era sobre o sindicato. Respondi que era sobre a vida dele e sobre o que ele quisesse contar sobre a vida. Queria saber da história de vida dele.

A entrevista com Manoel Araújo não teve as mesmas características da entrevista com Dico Mendes. Manoel Araújo, apesar de falar muito bem, teve uma narrativa burocrática, muito mais política e de protesto, com um discurso militante, apesar alguns lampejos de individualidade. Mas no geral, sua fala, quase sempre agenciada, remete à coletividade, ao grupo Soldados da Borracha. Se prendeu ao lamento do não reconhecimento, por parte do governo, dos Soldados da Borracha enquanto heróis de guerra e, principalmente, do reconhecimento financeiro. A principal reclamação é por indenização que teria sido prometida durante a Segunda Guerra Mundial. Predominou o discurso do esquecimento e da não valorização salarial do grupo Soldados da Borracha.

Passei a pensar sobre a entrevista e as condições de realização dela: o espaço do sindicato; a sala aberta, quase que um corredor, sem nenhum móvel, sem nada,

tanto que as nossas vozes ecoavam; a camisa de um colega de pesquisa que acompanhava a entrevista, com o nome da universidade e o do curso de graduação (História); penso que foram os elementos que condicionaram a fala de Manoel Araújo. O discurso dele foi um discurso para a História. Como se só o esquecimento político por parte dos governantes fizesse parte da história de vida dele. Passei a me perguntar onde estavam as histórias que ele contava nas rodas de conversa com os amigos do Sindicato; as histórias sobre caça; “bichos” da mata; sobre mulher e filhos; sobre os irmãos que moram no Rio Grande do Norte... e tantas outras conversas de Manoel Araújo que eu havia presenciado. Onde estava tudo isso?

* * *

João Batista

A narrativa de João Batista revela muito do que ele é. Homem que pouco fala, mas que ouve muito. Tímido e recatado. Pacato. Não é dado aos enfrentamentos. Nunca viu onça na mata, nunca brigou com índio. Também não é muito dado a caçar.

A entrevista com ele também foi no Sindicato, assim como a de Manoel Araújo e a de Raimundo Baiano. A sala parecia mais um refeitório. Uma mesa comprida, de madeira mal acabada, semi-coberta com um tipo de toalha plástica estampada que lembra um tecido de chita, cor de abóbora. Havia também dois bancos igualmente compridos de cada lado, feitos da mesma madeira. A sede do sindicato era um prédio em estado de deterioração, emprestado pelo governo do Estado. Em dias de chuva, nas palavras de Manoel Araújo, “chove mais dentro do que fora” do prédio. As notícias são de que o prédio será reformado para alocar uma delegacia de polícia. Quando o governo pedir o prédio de volta, eles não terão pra onde ir. O SINDSBOR estará sem sede. Provavelmente irão deixá-los utilizar algum outro prédio em péssimo estado.

João Batista estava vestido com uma velha calça jeans, bota de couro das mais simples, camisa de botão por dentro da calça e um chapéu preto. João Batista é a imagem da simplicidade e também da submissão. Tira o chapéu sempre que algum estranho chega e o cumprimenta. Durante a entrevista, passou o tempo segurando o chapéu contra o peito. Muito raramente olhava para mim ou para Vanessa, colega do Centro de Hermenêutica do Presente, que me acompanhava neste dia. E quando o fazia era timidamente. Olhava sempre para o chapéu que tinha nas mãos ou para os lados.

Foi uma entrevista truncada, presa. Mas, de certa forma, não me surpreendi. Já conhecia o jeito tímido de João Batista. Apesar de eu não ter insistido em entrevistá-lo (apenas perguntei se ele aceitava e ele acenou positivamente), acho que ele não se sentiu à vontade. Talvez fosse o ambiente do Sindicato, a exemplo de Manoel Araújo, que o tenha inibido mais do que a timidez que lhe é característica.

Raimundo Baiano

Quando fui ao SINDSBOR a primeira vez, encontrei um senhor alto, forte, de voz meio grave, negro. Na ocasião ele contava sobre a vida dele no campo, sobre sua experiência enquanto agricultor. Me chamou a atenção os detalhes sobre a vivência familiar no sítio, sobre as histórias “de roça”. Era Raimundo Baiano. Baiano me pareceu eloqüente, falava bem e articuladamente. Conversávamos sobre tudo. Mas a especialidade dele era a “potoca”, no dizer dos próprios amigos. Gostava das histórias fantásticas, de relatos maravilhosos.

Logicamente essas qualidades me chamaram a atenção para o que poderia ser uma entrevista muito rica. “Raimundo Baiano seria o ‘narrador ideal’, aquele que gosta de falar, de contar? – Eu pensei. Como até então as entrevistas no Sindicato não me pareceram bem sucedidas, em virtude do agenciamento das falas dos colaboradores de até então, propus, esperançoso, uma entrevista com ele.

Confesso que eu estava cansado da entrevista com João Batista. A entrevista com ele fora curta, pequena, no entanto “amarrada”. Eu estava desanimado. Propus então a Raimundo Baiano que fizéssemos a entrevista outro dia, na casa dele. Ele não aceitou. Argumentou que estava indo “pro mato”, para o sítio e não sabia que dia voltaria. Também falou que queria ser entrevistado no Sindicato, pois sua casa era longe, na periferia, “com muito menino”, como ele mesmo disse.

Partimos para a entrevista. A exemplo de João Batista, a entrevista com Raimundo Baiano fora infeliz. Infeliz no sentido de que a fala dele se prendeu também ao discurso histórico e do esquecimento político, da “enganação” a que eles foram sujeitados. O resultado foi uma entrevista em que, apesar de uma origem voluntária, proporcionada pela Cápsula Narrativa, tive que fazer perguntas, sempre relacionadas a questões já tratadas na Cápsula.

Naquele dia, saí do SINDSBOR muito cansado, angustiado. Duas entrevistas das quais saí estafado. Que lições poderia tirar daquele dia? Seriam entrevistas perdidas? Porque o discurso das narrativas é igual ao discurso histórico? Porque me

senti tão incomodado com este tipo de narrativa? Que narrador estou buscando? O que condiciona a narrativa? Qual a influência do espaço e do lugar escolhido para a entrevista? Qual a influência da presença de Vanessa?

* * *

Chico Santos

Após as experiências com João Batista e Raimundo Baiano decidi não mais fazer entrevistas no sindicato. Realmente, pareceu-me que o melhor lugar seria a casa dos próprios colaboradores. No entanto, Chico Santos me fez abrir uma exceção. Isso porque ele mesmo se ofereceu para ser entrevistado. E eu não poderia dizer não.

“Tudo bem!”, disse a ele. “O senhor me diz onde é sua casa e eu vou até lá pra gente conversar”. Me entristeci quando ele disse que queria ser entrevistado ali mesmo, no sindicato. Argumentei, mas ele não aceitou que eu fosse até a casa dele. Confesso que já estava preparando meu espírito para mais uma narrativa condicionada à História.

Já há algum tempo eu não visitava o SINDSBOR. Nesse meio-tempo, eles mudaram a sede de lugar. O governo do Estado resolveu iniciar as obras de reforma do prédio que era ocupado pelo sindicato e cedeu um novo lugar para a sede. Novo porque era outra localização. O “novo” prédio era uma delegacia abandonada pelo Estado, numa região desprovida de segurança pública, onde a partir das cinco da tarde reinava o baixo meretrício. O lugar era fétido. Quase que diariamente os membros do sindicato, em geral senhores com mais de setenta anos, tinham que acordar os bêbado que dormiam na calçada do prédio e lavá-la para diminuir o cheiro de urina, que parecia que nunca se acabaria. Iniciei com eles um diálogo para ver se conseguíamos um outro lugar para a sede. Mas eles não quiseram, pois aquele lugar era temporário e um deputado estaria articulando um novo local para sede do sindicato.

Chico Santos é um senhor carismático. Mora no mesmo bairro da nova sede do sindicato, o Triângulo. De andar já prejudicado, está sempre apoiado numa bengala. Se veste sempre da mesma forma: uma calça preta, estilo social, já bem velha; uma camisa branca de botão também bastante gasta pelo uso; um inseparável boné; um sapato preto, sem meias; e um cordão que faz as vezes de cinto impede que a calça caia do corpo magro e curvado.

Fomos para uma das salas. Liguei a lâmpada. A sala era minúscula, com uma grande barra de ferro chumbada na parede e sem janelas. Como o prédio era uma delegacia, provavelmente aquela deveria ser uma espécie de cela provisória. Chico Santos iniciou como todos: pela chegada! No entanto, diferentemente das duas entrevistas anteriores, a narrativa me parecia mais rica. A forma de contar era diferente. Chico Santos me fez sentir que, para ele, a sua trajetória pessoal era mais importante que a trajetória histórica do grupo. Ele também falou da vinda para a Amazônia, da política de arregimentação implementada pelo governo e do abandono a que os integrantes da Batalha da Borracha foram relegados. No entanto, a riqueza de detalhes do que cada uma dessas questões significou para ele era o elemento diferenciador. As relações pessoais, os amigos e a família foram elementos valorizados por sua narrativa. Mas algo me encantou especialmente: o que ele decidiu contar sobre a vida no nordeste e a sua emoção em lembrar do pai pouco conhecido e da mãe tomada pela morte.

Após a entrevista com Chico Santos tive a certeza de que buscava uma História Oral que valorizasse a vida, a singularidade e as relações íntimas dos narradores. Por isso, o narrador é o colaborador. Mas e o grupo Soldados da Borracha? Agora, a minha comunidade de destino me parece ser apenas pretexto para algo maior: a narratividade e a experiência pessoal dos colaboradores.

* * *

A HISTÓRIA ORAL COMO ESCOLHA

A História Oral tem cada vez mais se tornado um campo de conhecimento específico e superando a cada dia a idéia de que seja apenas mera ferramenta, simples técnica de realização de entrevistas ou apenas procedimento metodológico a serviço das mais variadas disciplinas. É muito mais que isso pelo fato de se colocar como posicionamento radical diante das cristalizações conceituais das disciplinas que compõe o cânone científico, que impõem ao outro a condição de depoente, informante ou entrevistado, submetendo as narrativas ao discurso dessas mesmas disciplinas, tomando-as apenas como um recurso a mais em suas análises. Diferente dessas disciplinas, que buscam objetividades, a História Oral atua na perspectiva das subjetividades e é a partir delas que o oralista opera a sua interpretação.

Derivam de uma caracterização técnica as abordagens disciplinares que utilizam os documentos escritos – os tradicionais documentos cartoriais, jornais, publicações, enfim, documentos impressos e manuscritos – como catalisadores do conteúdo das narrativas pessoais, onde são “peneirados”, garimpados e aproveitados os elementos de caráter histórico, sociológico, antropológico ou geográfico, em detrimento dos componentes da experiência individual do narrador.

No entanto, esta não é a única postura e concepção acerca da História Oral. No livro “Usos e Abusos da História Oral” Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (1996) fazem um rápido balanço sobre os posicionamentos assumidos e as abordagens dadas às narrativas apontando três principais posturas acerca do status da História Oral:

1. História Oral como técnica: pensa a História Oral apenas como instrumento de captação de entrevistas, sem preocupações éticas e teóricas que abordem as questões relativas ao entrevistar, à memória e à narrativa propriamente dita;

2. História Oral como disciplina: esta sim possui argumentações teóricas que buscam compreender as relações entre os discursos escrito/oral entre história e memória e a postura pesquisador/sujeito da pesquisa, valoriza a forma da construção narrativa, além de ser prática que ultrapassa a academia, sendo exercida também fora dela – o que pode promover um diálogo promissor;
3. História Oral como metodologia: esta aborda questões técnicas e alinha-se com as abordagens teóricas da perspectiva anterior, no entanto sem a capacidade de solucionar as questões que propõe, afinal “isso cabe ao campo teórico das disciplinas canônicas”, com bem critica Fabíola Holanda (2006, p. 35).

Com o passar dos anos, o debate sobre as diferenças existentes entre essas divergentes linhas de História Oral promoveram um amadurecimento teórico e metodológico deste campo do conhecimento, sendo hoje inaceitável que se pense História Oral apenas como mera técnica de registro ou arquivamento de entrevistas. Essa postura, que não privilegia as narrativas, colocando-as sempre em segundo plano, vendo-as como simples acessório, não pode ser considerada História Oral. Em História Oral, as narrativas são sempre o cerne do trabalho, o objetivo central, porque a sua busca é pela narratividade, pela singularidade e, sobretudo, pela experiência.

Por outro lado, mesmo as perspectivas acima apontadas como disciplina ou metodologia ainda têm uma questão que as coloca em patamares próximos: a de que os estudos de História Oral estão de uma forma ou de outra, dentro da órbita dos cânones acadêmicos, reconhecendo é claro os avanços da segunda perspectiva apontada com relação a esta questão, mas ainda pensada no âmbito da História.

Particularmente, pactuo com uma História Oral praticada não por historiadores orais, mas por oralistas, que têm buscado fundamentar uma História Oral que fuja de certa categorização que a enquadra como ferramenta ou técnica que sempre gira em torno do entrevistar, do preencher lacunas documentais – como se entrevistar fosse fazer História Oral; uma História Oral que também seja pensada fora da sombra das disciplinas tradicionais, propondo um novo tipo de leitura e de interpretação, sem,

contudo “cair numa ‘ideologização’ da história do cotidiano, como se esta fosse o avesso oculto da história política hegemônica” (BOSI, 2003, p. 15): a História Oral não é uma “outra história”. Uma História Oral que não tem se remetido apenas a uma dimensão técnica e teórica, mas também a uma dimensão epistemológica, que tem seus fundamentos na colaboração, na mediação e na dimensão pública dos textos produzidos (HOLANDA, 2006, p. 24).

É para este caminho que têm apontado os últimos escritos de José Carlos Sebe Bom Meihy (2006, p. 193), que critica o fato de a História Oral ter sido sempre um apoio às Ciências Humanas, jamais uma matéria independente, quer ela seja vista como técnica, metodologia ou mero saber. Meihy (2005, p. 272) propõe uma radicalização da História Oral e a propõe na medida de um conhecimento comprometido com a transformação social. Assim, o autor enumera como possíveis fundamentos de uma História Oral enquanto disciplina acadêmica a memória e a identidade, que não seria o meio para se chegar ao objetivo do oralista, mas seria o seu fim.

Estas considerações iniciais buscam deixar clara uma diferenciação: o “trabalho com fontes orais” não é História Oral. Daí a separação conceitual entre o que seja historiador oral e o oralista: o primeiro se utiliza das narrativas para fazer leituras históricas, sociológicas, antropológicas ou geográficas em todas as questões postas, mesmo que a partir das narrativas, mas que só podem ser respondidas formalmente por estas disciplinas; é na intenção da fuga ao formalismo acadêmico na prática da História Oral que se situa a figura do oralista, surgindo como um novo tipo de intelectual que aponta para a possibilidade de formulação de uma história pública, socialmente comprometida, que promova a subjetividade humana; um intelectual cuja característica diferenciadora está na abordagem que ele dá às narrativas, de forma a percebê-las como referente, de onde emanam as possibilidades de leitura. O oralista apresenta-se como o mediador no processo de constituição da narrativa, processo esse que extrapola o momento da entrevista. O oralista é muito mais que o simples “entrevistador de História Oral” apresentado por Antonio Torres Montenegro (2003).

Este é um sentido dado à História Oral por José Carlos Sebe Bom Meihy (1996; 1996a; 2000; 2005) e Alberto Lins Caldas (1997; 1998; 1999a; 1999b; 1999c; 2000; 2001) que se alinham em práticas de pesquisa semelhantes. Com base nestes dois teóricos é que realizamos este trabalho, considerando os conceitos de colaborador e transcrição, elaborados pelo primeiro autor, além do procedimento de cápsula narrativa, proposto por Caldas, que permite uma origem voluntária no momento do contar, aliada ao tipo de leitura e interpretação proposta em “Oralidade, texto e história” (1999a) e “Nas águas do texto: Palavra, Experiência e Leitura em História Oral” (2001).

A noção de colaboração desenvolvida por José Carlos Sebe Bom Meihy (2005, p. 122-124) redimensiona a relação entre quem faz a entrevista e quem é entrevistado. Subversivamente, a idéia da relação sujeito-objeto é posta de lado e adota-se uma postura onde o entrevistado é colaborador, é aquele que constrói a narrativa, e sem o qual a História Oral não se realiza. O redimensionamento dessa relação é mais do que implementar uma relação sujeito-sujeito, pois implica num pacto ético de compromisso entre o pesquisador e o interlocutor. Esse pacto se estabelece primeiro porque a entrevista inicia um diálogo presencial entre as duas partes que só vai terminar após a conferência; no interstício desses dois momentos o diálogo é mantido pelas sucessivas “correções” feitas em colaboração, tendo o colaborador o poder de veto daquilo que ele não deseja que seja publicado. Segundo, porque com a mudança do papel do entrevistado mudaram também “os papéis referentes à autoria do projeto e significado do uso das entrevistas”.

O significado do uso das entrevistas muda com a perspectiva de que as narrativas serão utilizadas na íntegra, sem a fragmentação comumente praticada pelos estudos de História e das demais Ciências Humanas. Essa postura revela o respeito e a ética para com o uso da narrativa do colaborador, que se dispôs a contar a sua experiência. Os textos resultantes das entrevistas são apresentados integralmente, como aprovados pelo próprio colaborador no momento da conferência, diferentemente dos trabalhos com fontes orais que disponibilizam a transcrição pura e simples do pergunta-resposta ou que, deixando a entrevista numa condição de

insignificância ainda maior, utilizam apenas fragmentos de respostas dentro do texto, tratando a entrevista como se estivesse lidando com um texto acadêmico, já publicado anteriormente. Em “Oralidade, texto e história”, ao tecer uma crítica a esse tipo de postura, Alberto Lins Caldas faz uma observação notável:

O que é feito com o texto de um autor não pode ser transposto para o texto de uma fala. A mudança não é somente de oralidade e escrita, mas fundamentalmente, de classe. Enquanto o autor é uma voz com fundamento, fetichizada em sua autoridade, poder de quem fala e de quem pode falar já em forma de texto, tendo sempre um lugar onde pode ser encontrado, a fala textualizada não tem suporte a não ser em si mesma, não remete a nada além de si, ela não tem um lugar a não ser quando textualizada (...). (1999, p. 83)

Portanto, considerar a narrativa como matéria principal do trabalho é, também, dar um lugar à narrativa. Nesse aspecto, a História Oral permite ao leitor uma leitura que se dá junto com a do oralista, ao contrário dos trabalhos com fontes orais que, ao fragmentar as entrevistas, impõe a sua leitura antes de se remeter à narrativa, contextualizando a fala do colaborador, que para o leitor só terá sentido se enquadrada dentro da leitura do autor, que se torna privilegiada, a única possível. Em História Oral, com os textos integrais, transcritos, o leitor terá a oportunidade de, antes de contemplar a leitura do oralista, fazer a sua própria, estabelecer seu próprio diálogo com o texto.

Para Meihy (2005, p. 173) o projeto é questão fundamental para a História Oral. Todos os procedimentos devem estar apontados nele. Da mesma forma que apenas entrevistar não constitui um trabalho de História Oral, a entrevista, mesmo que respeitando os procedimentos teóricos e metodológicos, necessita ser fundamentada por um projeto. É no projeto que serão explicitadas as formas de abordagens e a finalidade das narrativas, guiadas as escolhas teóricas, especificadas as condutas e qualificados os procedimentos desde o início até o fim do trabalho. Meihy é enfático quando diz que “entrevista sem projeto não é História Oral” (2005, p. 14).

No entanto, em História Oral o projeto já nasce para ser superado, pois nele os procedimentos são estabelecidos apenas provisoriamente. É apenas ponto de partida, apontando caminhos que podem mudar de rumo a partir do início do trabalho; é

pretexto e pretensão inicial, início de um processo que o transformará ele próprio, o projeto, em figurante de uma produção a que os protagonistas – os colaboradores – darão nova forma de acordo com os caminhos de suas narrativas, criando novos roteiros e superando o suporte inicial.

As narrativas que aqui apresentamos foram constituídas num processo transcriativo que se iniciou com a entrevista, passou pela transcrição, em seguida por um processo de textualização e depois pela conferência. Explicaremos aqui cada um desses procedimentos. No entanto, iniciaremos pela transcrição, que tem seu conceito proposto por Meihy e alargado por Caldas.

Meihy (2005, p. 195) propõe o conceito de transcrição, apropriado da teoria da tradução – mais precisamente de Haroldo e Augusto de Campos “que adotam o pressuposto da transcrição como o mais viável para os processos de tradução de textos de uma língua para outra”, como a última das três etapas da entrevista, onde o texto construído em colaboração apresenta-se “recriado em sua plenitude” (2005, p 184).

O que Meihy evidencia é que a simples transposição do discurso oral para o escrito não garante o sentido da narrativa, não transpõe plenamente o significado do que foi dito. Isso porque os elementos não oralizados não podem ser incluídos nesta transposição. Esses elementos – a pausa mais demorada e significativa, os gestos, as emoções do momento da entrevista, o sorriso e o olhar, por exemplo – escapam à transcrição. Entretanto, eles precisam ser incorporados ao texto da entrevista para que esse mesmo texto expresse com clareza a força narrativa do colaborador. Para tanto, é operada uma tradução do código oral para o escrito que requer a interferência do oralista no texto, a fim de que o texto-narrativa seja mais do que passagem literal do falado para o escrito.

A busca é porque seja preservado o sentido do discurso do colaborador, entendendo aqui o discurso como sendo não apenas a fala, o fonos, mas como aquilo que o colaborador quer comunicar e argumentar, inclusive com os silêncios, as expressões, os movimentos gestuais, os olhares e as emoções. O oralista exerce então

um trabalho que é de teatralização daquilo que o colaborador disse com a voz, o corpo e o espírito.

Em “Canto de Morte Kaiowá”, Meihy apresenta a transcrição como a última etapa do processo de construção do texto-narrativa, “a fase final de trabalho dos discursos” (1991, p. 30). Alberto Lins Caldas retoma estas reflexões acerca do conceito e o redimensiona, dando-lhe um alargamento que o torna menos procedimental, atribuindo-lhe caráter mais filosófico ao propô-lo como “concepção e visão de mundo, não somente de como se produz um texto, mas sobre o fundamento da própria realidade e de como podemos modificá-la” (CALDAS, 2001, p. 34). Para ele a transcrição é muito mais que a fase final da construção do texto-narrativa, é todo o processo que se inicia com a elaboração do projeto, passa pelas entrevistas, pelo trabalhamento textual dado a elas, chegando até a interpretação do texto; a transcrição pensa a transformação da memória em fala, da fala em texto transcrito, da transcrição em texto-narrativa, chegando à interpretação.

A narrativa começa a se materializar no momento do contar e esse momento é o da entrevista. Em que pese muitas vezes a entrevista ser pensada e confundida como sendo a própria História Oral, aqui ela é vista como um dos procedimentos, uma das etapas do projeto.

Meihy divide a entrevista em três momentos: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista. A pré-entrevista é o primeiro contato antes, ou o contato imediatamente anterior ao momento da gravação. Este é o momento em que se explica ao colaborador o projeto e a importância de sua colaboração, deixando bem claro o uso do gravador durante a entrevista e explicando a necessidade dos sucessivos retornos para conferência, firmando o compromisso de que a narrativa será devolvida ao colaborador depois do processo de constituição da mesma.

Durante o desenvolvimento do presente trabalho, apenas duas gravações não se deram no dia do primeiro contato. Em ambos os casos porque os contatos foram mediados por outras pessoas que, cientes de que eu buscava fazer um trabalho com histórias de vida, estabeleceram uma conversa inicial, já marcando dia e horário para a entrevista. Com os demais colaboradores, após a explicação do trabalho que estava

fazendo, perguntei: “Então quando poderemos fazer a entrevista?”. Em geral, as respostas foram: “Pode ser agora!”. E as entrevistas foram realizadas. Portanto, dependendo das circunstâncias, a pré-entrevista pode se tornar em seguida a própria entrevista e o oralista deve estar preparado para isso.

A entrevista, em sentido estrito, é o momento da gravação. No entanto, percebida em sentido mais amplo, é o momento em que o diálogo, iniciado desde o primeiro contato, se estabelece e efetivamente se materializa; é o momento em que a experiência do narrador é comunicada e, por isso, o diálogo tem o seu centro voltado para ele. É, também, o ponto de precipitação das construções engendradas pela memória, que atua como suporte para a narrativa.

A memória não é um depósito, recipiente, pote de ouro onde estejam guardadas as ricas recordações da vida do indivíduo, ou muito menos um arquivo onde todos os momentos da vida possam ser buscados a qualquer momento, bastando localizá-los na “gaveta” certa. A memória não é documento, não é reprodução ou recordação do acontecido, não revive esse acontecido.

Ecléa Bosi (2003, p. 53) diz que , a memória é “um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. A memória é trabalho porque é construção narrativa que se revela como desdobramento da experiência vivida. Refaz, reconstrói esse vivido no momento do lembrar.

Há essa diferença entre a recordação e a lembrança: enquanto a primeira sugere que a atividade mnemônica é o “reviver da forma como aconteceu” um passado conservado num inconsciente, a segunda parte da idéia de que essa atividade é um refazer, um reconstruir o vivido a partir dos elementos que estão à disposição de quem lembra.

O entendimento de memória como reconstrução da experiência, é muito caro a esta História Oral. Esta conotação dada ao conceito vem de Maurice Halbwachs para quem a memória se dá em quadros sociais específicos, ou seja, a atividade mnemônica é um processo social construído a partir de convenções sociais que estão disponíveis no momento do lembrar.

Para significarem, as lembranças pessoais evocam memórias coletivas nas quais se sustentam, que são o suporte que fazem tais lembranças existirem e terem sentido dentro de quadros sociais. Essa é a estratégia de sobrevivência da memória individual: evoca a memória coletiva, que dá sentido ao grupo social, para poder significar ao se impor como individualidade construída socialmente.

As versões cristalizadas da memória coletiva são constantemente reproduzidas pelas instituições sociais, tais como a escola e a universidade, bem como reafirmadas pelo conhecimento gerado dentro das Ciências Humanas. Esse é um movimento que ratifica a identidade e atualiza as ferramentas de comunhão do grupo e estabiliza as tensões sociais. Para Ecléa Bosi (2003, p. 22), “Há, portanto, uma memória coletiva (...), a qual se alimenta de imagens, sentimentos, idéias e valores que dão identidade e permanência àquelas classes”.

A entrevista é o momento do diálogo e só se realiza enquanto diálogo (CALDAS, 1998, p. 39). Nesse momento o centro do diálogo tem o eixo deslocado para o colaborador: é quando o colaborador deixa fluir aquilo que lhe resta do vivido: imagens, palavras, discursos (1999b, p. 54). Para mim, a entrevista é momento de encanto e de fascínio. Encanto-me pela experiência contada, pelo modo de narrar e pelas escolhas narrativas. E o encantamento é premeditado pelo colaborador. Ele conta e narra para mim e por mim. Mas, a escolha do modo de narrar é dele.

Na entrevista, o cuidado em não determinar a temporalidade ou o momento de sua vida a partir do qual o colaborador deve iniciar a sua narrativa é que justifica a cápsula narrativa (1998; 1999). A cápsula narrativa não é apenas procedimento metodológico ou técnica facilitadora do ofício do oralista no momento de trabalhar o texto. É, antes disso, atitude valorizadora da individualidade e da singularidade do narrador. É postura ética que permite que o colaborador decida por onde quer começar a narrar. Com a cápsula narrativa o diálogo entre oralista e colaborador é proposto em termos de igualdade, mas um assumindo a diferença do outro. Nesse relacionamento, o que se busca é uma igualdade que faça a entrevista aceitável, mas assumindo a diferença que a faz relevante (PORTELLI, 1997a, p. 23).

O não fazer perguntas iniciais e pedir ao colaborador que apenas conte sua experiência de vida revela uma dimensão do contar que jamais seria alcançado pelos tradicionais inícios de entrevista – nome, filiação, data de nascimento, enfim, os quesitos geralmente solicitados nos testemunhos policiais, cartoriais, judiciais ou acadêmicos – que sugerem o ponto de partida da narrativa, determinam por onde o interlocutor deve começar a contar a sua história de vida.

Com a cápsula narrativa é o colaborador quem determina o caminho da narrativa. Ele a ordena segundo seus próprios critérios. Esses critérios podem, inclusive, não privilegiar uma ordem cronológica ou uma seqüência que, normalmente, pode ser tida como lógica. No entanto a narrativa sempre terá coerência e será encadeada segundo a lógica subjetiva do colaborador. Essa lógica subjetiva de que falo é a mesma “forma de organização mental” de que fala Meihy (2005, p. 149), que vai determinar a forma de construção da narrativa e que o oralista deve buscar compreender.

Em síntese, com a cápsula narrativa o colaborador inicia o contar por onde achar melhor e não é interrompido até que se perceba o esgotamento da fala, nos dando, dessa maneira, seu eixo narrativo, que será respeitado não só durante a entrevista, mas até o fim do processo de criação do texto, processo esse que é sempre instaurado em colaboração.

Cabe aqui explicar que, de forma alguma, procura-se uma narrativa isenta, imparcial. Em História Oral não se busca, evidentemente, a neutralidade ou a imparcialidade do oralista. Isso não só não se dá como é impossível acontecer. É Alessandro Portelli que nos esclarece que a narrativa:

(...) é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador. Parcialidade aqui permanece simultaneamente como inconclusa e como tomar partido: a história oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os lados existem dentro do contador (1997b, p. 39).

A não interferência – fetiche positivista – é falácia, além de não ser o objetivo da cápsula narrativa. A consciência do papel do oralista enquanto mediador implica

na assunção de sua interferência no processo de construção da narrativa. No entanto, o oralista sempre deve ter uma postura que respeite o colaborador, que respeite a singularidade – a diferença – do outro e que se disponha ao diálogo, que é o meio pelo qual se chega a qualquer objetivo em História Oral. A entrevista deve ser vista, como bem propõe Alessandro Portelli, como um experimento em igualdade, “uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua” (1997a, p. 24). Assim, a interferência nos rumos da narrativa que a presença do oralista ocasiona deve ser assumida e vista como um dos resultados de um trabalho de História Oral. Nesse sentido, o resultado final da narrativa é, sempre, fruto do diálogo, “produto de ambos, narrador e pesquisador” (PORTELLI, 1997b, p. 36).

Após a entrevista é feita a transcrição. Esse procedimento inicia uma questão que se faz fundamental em História Oral: a transformação do oral em texto. A transcrição é o início da mudança de códigos de linguagem: transpõe-se a narrativa do código oral para o código escrito, processo esse que abarca a voz – o audível, a fala em sentido estrito – e todas as maneiras de dizer do narrador. Nesse processo “(...) O limite não é a voz, mas a existência. A questão não é oral, mas interpretação viva de sociabilidades humanas” (CALDAS, 1999, p. 103).

Assim, o processo de criação textual pós-entrevista é sempre uma busca pelo sentido do outro, pela integralidade discursiva do momento da entrevista e pelos significados das palavras ditas no momento do contar.

Em termos práticos e técnicos, na transcrição o oralista deve ouvir a entrevista e passá-la para o escrito, palavra por palavra, tudo o que foi dito, anotando as pausas, os momentos que expressam as emoções, as interferências de outras pessoas – caso existam. Assim, entendemos a transcrição como “literal, rigorosa, passando-se para o papel tudo o que foi dito inclusive todos os erros, repetições, vazios, silêncios, incluindo também as perguntas;” (CALDAS, 1999, p. 103).

Essa dimensão técnica da transcrição tem como suporte um viés teórico que dá uma dimensão viva à oralidade, percebendo o texto resultante da entrevista como um campo de possibilidades aberto ao diálogo, de onde podem surgir variadas leituras e veios interpretativos. Por outro lado, a transposição deste oral para o escrito não

busca “civilizar” a oralidade ou dar-lhe um status científico; não busca criar “fontes”, “documentos”, levantar “dados” ou informações para os estudos acadêmicos. Oralidade e escrita não são pensadas aqui dentro da dicotomia primitivo/civilizado, mas dentro de uma lógica que considere o oral como possibilidades de leitura, materializada em texto, em escrita. Esta, por sua vez, percebida como campo aberto ao diálogo, como rede ficcional cujas malhas podem dar origem a outros textos, numa perspectiva de leitura sempre hipertextual. Em *História Oral*, essa mudança de códigos valoriza a dignidade tanto da escrita, quanto do oral, onde “(...) A escrita realiza a oralidade enquanto a oralidade vivifica o escrito” (CALDAS 1999, p. 104).

Após esse primeiro procedimento que é a transcrição, passa-se, segundo Meihy para um trabalhamento textual que é conceituado como textualização. Seria a textualização o que garantiria a integração ao texto dos elementos não oralizados no momento da entrevista. Esses elementos não verbais seriam inseridos no texto para dar sentido ao que foi expresso no momento do contar. Ocorreria uma teatralização da linguagem não verbal (dos gestos, das emoções, da entonação da voz) utilizada pelo colaborador na hora da entrevista, mas que parte fundamental da narrativa, sem a qual o entendimento do discurso do colaborador ficaria comprometido, conforme aponta Meihy,

“Teatralizando o que foi dito, recriando-se a atmosfera da entrevista, procura-se trazer ao leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato e, como é evidente, isso não ocorreria reproduzindo-se o que foi dito palavra por palavra.” (1991, p. 30-31)

Tem-se, portanto, que entendida a transcrição como passagem literal do que foi gravado para a forma escrita, resta que, para Meihy, o que ainda se tem são textos-entrevistas que necessitam de uma interferência para que se tornem textos em sentido amplo, ou seja, textos-narrativas. Nesse sentido, textualizar seria dar forma de texto ao que antes era apenas entrevista transcrita, suprimindo desta as perguntas feitas e incluindo-as dialogicamente no texto.

A noção de cápsula narrativa criada, por Caldas (1998; 1999a; 1999b; 1999c;) vai influenciar de maneira radical a textualização, que Meihy apresenta como sendo o

momento de “reorganização do discurso” (1991, p. 30) ou como “reorganização cronológica da entrevista” (2005, p. 184). Com a cápsula narrativa não há a necessidade de “dar uma lógica ao texto” com o intuito de uniformizar os discursos, pois como já foi dito essa lógica é dada pelo próprio narrador quando ele determina o próprio fluxo narrativo. Não há, portanto, reorganização cronológica do discurso. A temporalidade é a do narrador e não a do oralista. Assim,

“a Cápsula Narrativa não só facilita como redimensiona todo o processo da textualização, propondo uma outra temporalidade e uma outra relação oralista-colaborador.” (CALDAS [2], 2001, p. 11).

Em texto ainda não publicado, intitulado **Experiência e Narrativa**, Alberto Lins Caldas retoma a discussão acerca da textualização e o redimensionamento deste procedimento/conceito a partir do uso da cápsula narrativa. O que ele sugere é que a interferência feita na entrevista a partir do uso da cápsula narrativa seja uma “textualização suave”, deixando assim de utilizar o termo textualização no sentido utilizado por Meihy.

A essa “textualização suave” Caldas chama de pontuação, que seria em sentido estrito a colocação de sinais ortográficos na escrita, ou seja, a utilização do sistema de sinais gráficos que indicam na escrita, pausas na linguagem oral. Assim Caldas define a pontuação:

A pontuação (...) é a aproximação ao oral, ao dito, atuando no texto no sentido dele, isto é, para realizá-lo, não para formatá-lo. (...) Permanece, do conceito de textualização, quando existir ‘perguntas’, a ‘anulação da voz do entrevistador’, mas não é anulação completa ou gratuita, mas inclusão na dialogicidade do texto quando isso for pertinente e exigido por essa mesma dialogicidade, tema ou narratividade”. (no prelo).

Assim, Caldas evidencia a diferenciação entre o que ele nomeia de pontuação e o que Meihy chama de textualização, mostrando que “a ‘reestruturação requerida para o texto escrito’ própria da História Oral de Meihy não faz parte da perspectiva da Cápsula Narrativa nem da pontuação (...) que é um processo intermitente de busca do outro e instauração de negatividades” (no prelo).

Por fim, a pontuação estabelece a lógica contrária à da textualização. Se nesta última a busca é pela estruturação do resultado do oral dentro do que tradicionalmente se exige para o texto, na pontuação é a lógica do texto que se curva à narração, estabelecendo uma escrita da oralidade e não uma oralidade escrita. Por isso a pontuação é a atuação ou interferência em pontos específicos para que o oral se realize em texto.

É certo que essa diferenciação conceitual entre a textualização e a pontuação é recente, mas na prática essa diferença é reconhecida há algum tempo. O próprio Caldas vinha chamando de textualização o que só agora é, em termos conceituais, a pontuação. No entanto essa diferença entre Meihy e Caldas já era patente desde os primeiros usos da cápsula narrativa.

Neste sentido, acatando aqui a definição de que a pontuação é essa textualização suave, sem reorganização do discurso, as narrativas que veremos a seguir foram pontuadas e não textualizadas no sentido que Meihy dá a essa textualização.

De qualquer forma, tanto a pontuação quanto a textualização são processos que por interferirem no texto e assumirem tal interferência, por vezes são mal interpretadas por alguns historiadores orais como sendo uma higienização do sujeito, como se esse trabalho fosse feito à revelia do colaborador. Considerar esse procedimento como uma “ingerência maldosa” na fala do outro é esquecer que o texto é constituído em colaboração, com sucessivas correções feitas entre o colaborador e o oralista. É esquecer também que a narrativa passa pela conferência, momento em que o colaborador legitima o texto final da narrativa, afirmando ser aquele texto aquilo que ele quis comunicar.

A conferência é o momento em que fica estabelecido o ponto pacífico sobre o conteúdo da narrativa, sobre as negociações feitas. Assim, a incorporação do indizível convida a uma interferência que tenha como fundamentos a clareza do texto e manutenção de sua força expressiva. O reconhecimento do texto pelo colaborador seguido de sua autorização para uso determina se ele se identificou ou não com o

resultado. Essa é a grande prova da legitimidade do texto final, que dá validade a todo o arcabouço teórico da História Oral e que justifica os seus procedimentos.

Após a conferência e a devida autorização para o uso, as narrativas estão prontas para o trabalho de leitura. Se na entrevista o protagonista em cena é o colaborador, na leitura é a vez do oralista.

NARRATIVAS

RAIMUNDO CLÁUDIO

Eu vim do Ceará em mil novecentos e quarenta e quatro¹, pra trabalhar², pra fazer borracha porque naquele tempo tavam precisando de muita borracha aqui na Amazônia e não tinha gente aqui na Amazônia, num sabe. Então eu vim pra cá³. Cheguei aqui subi para o Alto Guaporé. Entrei para o rio São Miguel e lá trabalhei num igarapé por nome Jurupari, na frente do São Miguel, num sabe. Lá eu passei esse tempo todo fazendo borracha.

Quando eu saí de lá, vim para Guajará-Mirim. Foi o tempo que a borracha daqui desvalorizou né, que aquela borracha da Malásia disse que é muito boa e tava vindo muita de lá pra cá e o banco não financiou mais os seringalistas⁴. Aí pronto: eu saí do seringal e fiquei em Guajará-Mirim até um certo tempo.

Eu vim pra Amazônia com os americanos, botado pelos americanos⁵. Naquele tempo era Getúlio Vargas com os americanos. Os americanos eram quem faziam a força do Getúlio mandar⁶. Tudo caía por conta dos americanos, num sabe... as passagens... até falavam que eles dariam dinheiro pra nós quando nós quiséssemos voltar e esse dinheiro nunca apareceu. Agora tá bem com uns cinco anos que apareceu aí um negócio de dois salários, do Soldado da Borracha, desses que ainda tem. Mas tem bem pouco porque naquele tempo morreu demais. Quase acabou-se com tudo, não é.

Naquele tempo tinha muita doença né, aqui na região. Os poucos que ficaram, hoje tão recebendo dois salários mínimos. Eu não tô porque eu tinha a aposentadoria que eu trabalhei na CIBRASEM. Eu trabalhei uns quinze anos lá. Quando eu completei a idade de 65 anos pedi a minha aposentadoria, aí me aposentei e fui-me embora pro Ceará. Voltei em noventa. Aí eu soube, que tavam aposentando naquele tempo os Soldados da Borracha. Aí eu vim pra cá pra ver se ganhava também essa aposentadoria. Aí cheguei aqui eu fui lá no fórum, falei com a moça que tava cuidando daquele negócio, daqueles papéis. Ela disse:

— Sim, pode sim, mas se você pegar essa aposentadoria do Soldado da Borracha você tem que largar esta outra.

Eu ganhava pra mais do que dois salário né, aí eu deixei. Disse:

— Não, não quero não. Vou ficar com essa que eu tô.

E fiquei. Até hoje eu não ganhei essa aposentadoria do Soldado da Borracha. E diziam que ia ter os dois: aquela porque eu trabalhei e a do Soldado da Borracha. Mas não. Muitos senhores que já tavam aí ...aposentados por idade né, aquele negócio de 65 anos, tavam recebendo. Aí foi cortado, ficou só o do Soldado da Borracha. Aí eu também não quis. Deixar o

mais pelo menos né⁶... Aí fiquei na aposentadoria que eu tinha. É pequena assim, mas é melhor de que a do Soldado da Borracha.

Pois bem! Quando eu cheguei aqui em Porto Velho, não tinha estrada ainda né. Essa rodovia não tinha. Só tinha a Estrada de Ferro. Daqui a gente ia até Guajará... pega uns dias bom até Guajará-Mirim, indo pela Estrada de Ferro. Aí quando cheguei lá os patrão tavam tudo esperando o seringueiro, né. Porque naquele tempo os patrão ficavam só esperando o pessoal, porque os americanos davam tudo. Dava negócio de utensílio, tudo para a pessoa que ia tomar de conta assim de dez ou quinze homens pra ir pro seringal. Aí os americano dava tudo aquele utensílio de seringa, de trabalhar... tudo. Aí passou aqueles anos todinhos o banco financiando, o Banco da Amazônia. Aí quando o banco fechou acabou-se tudo.

Aí eu fui um que vim pra cidade e fiquei. Em Guajará-Mirim tinha muita gente que ia ali pro Pacaas Novos, esse rio. Vixe... alí os índio matavam gente demais. Mas lá pra onde eu fui, graças a Deus, pro Alto Guaporé, já não tinha. Pra você vê as coisas... não tinha essas coisa. E hoje, depois que eu saí de lá, vê que foram apertando daqui né, aí os índio foram-se embora e foram pra lá. Onde eu tive, que nunca cheguei saber nem o que era índio, eles chegaram a matar gente. Porque aqui do Pacaas Novos a turma foi avançando né, e eles foram correndo. Aí foram pra lá, pro Alto São Miguel.

Você vê: naquele tempo quando eu vim, a gente vinha desde Fortaleza, no Ceará, Belém, Manaus, vinha pra Porto Velho. Hoje já tem essa BR que sai de São Paulo vem até aqui. Pra todos esses lugares. Você pra ir pra Pimenteiras, Laranjeiras, Colorado... você ia tudo pelo rio Madeira. Hoje, vai tudo por lá, aqui pela BR. Fica tão facinho né. Vila Bela do Mato Grosso a gente ia por aqui, pelo rio. E hoje vai pela BR... até Vila Bela, mas não cheguei a ir até lá não, nunca fui não. Só mesmo aqui até o Alto Guaporé. Aí fui pro Rio São Miguel. No rio São Miguel trabalhei num afluente por nome Jurupari. Daí eu vim pra Limoeiro de novo. Aí foi o tempo que a borracha desapareceu né. Aí eu vim aqui pra Guajará-Mirim onde fiquei esse tempo. Ainda hoje, graças a Deus, tô contando a história.

Naquele tempo era muita doença. Em 1946 houve tanto de uma doença por nome beribéri... **mas morreu gente que só formiga! Morreu gente demais⁷**. Aquilo, dava aquela doença que nêgo inchava... você metia o dedo na testa chega afundava. A gente ficava todo inchado. Quando aquela inchação batia nos peito aí nêgo morria... morria, como se diz, falando. **Mas, graças a Deus, tô contando até hoje⁸**. Naquele tempo o pessoal também falava do negócio de mapinguari, mas nunca vi. Nesse tempo não existia mais não esse negócio de mapinguari. Falaram que tinha acontecido isso, mas nessa época de quarenta e quatro pra cá já não existia mais essas coisa não, esse negócio de mapinguari. Disse que ele botava a pessoa debaixo do braço, saía mordendo, saía comendo... é engraçado. Eu ouvia falar disso... disse que

era. Mas nunca aconteceu isso... não sei porque mais não. Aconteceu mais não. A mãe d'água eu também nunca vi. Nada disso. Se houve isso foi do meu tempo pra trás. Mas do meu tempo, mil novecentos e quarenta e quatro... quarenta e três... já não existia mais isso não. Onça, graças a Deus, tive muita sorte. Onça e cobra. Eu andava pelo mato... às vezes eu saía de madrugada assim pra cortar seringa com a poronga na cabeça... poronga é um negócio que do jeito que a gente baixa ela... é uma lamparina grande, com tocha grande, clareia que é uma beleza, chega no pé da seringueira tá vendo tudo. Aí você corta. Muitas vezes quando era assim bem de madrugada pra amanhecer o dia, cinco horas da manhã, dava um sono danado. Aí eu me deitava nas folhas assim e dormia aqueles dez ou quinze minutos... aí me levantava com os olhos ardendo que parecia pimenta. Aí ia embora. Nunca me aconteceu nada, graças a Deus. **No mato sozinho... só eu e Deus e ninguém mais**⁹. Mas nunca aconteceu nada comigo não, graças a Deus... até hoje tô contando a história.

Eu vim pra cá tava com dezenove pra vinte ano né. Nesse tempo que eu vim pra cá é o tempo que eu já tinha que servir né, porque naquele tempo tava indo muita gente pra Itália, pra brigar. Ir pra guerra, num sabe. Tinha gente lutando. E outros vinham pra cá pra fazer borracha. Aí eu vim pra cá pra fazer borracha. Os que saíram pra ir pra lá, com pouco tempo a guerra acabou, em quarenta e cinco, e eles nem chegaram a brigar, foram só até lá e aí voltaram. Aí foram os homens que ficaram como expedicionários, né? Ficaram recebendo e nós aqui... necas. Viemos ter de uns cinco anos pra cá esses dois salário mínimo do Soldado da Borracha. E outros que eu conheci aqui mesmo, quantos deles que foi expedicionário empregou-se aí com o governo ganhando dinheiro, né? E nós... necas.

Pois bem! Quando eu cheguei aqui o Aluízio Ferreira era o grandão daqui. O Aluízio Ferreira era muito conhecido. O deus-pequeno daqui era o Aluízio Ferreira. O deus-pequeno daqui era ele. Ele aqui mandava. Só não fazia chover, mas o resto ele fazia tudo. Ele aqui... qualquer coisa que você fizesse, se não fosse "peixe" dele, não tinha como escapar. Aluízio Ferreira... foi um grande homem aqui do território.

No dia que nós saltamos aqui nesse posto de Porto Velho, tinha um fulano de tal... parece que era Ênio Pinheiro, que era parente do Aluízio Ferreira. Rapaz esse homem deu um batido tão grande em nós que... só pra cachorro. Porque tinha vindo muito carioca e os cariocas eram desordeiros mesmo, fazendo muita desordem e nós chegamos aqui ele pensava que nós éramos do tipo daquele pessoal. Escrachou mesmo em cima da gente. Ele botou nós pra um baixo que tinha aí na beira, no Arigolândia por ali assim, nuns barracãozão só coberto. Uma lama... e nós ficamos lá. Esse homem esculhambou. Disse: “Vocês aqui não tão pensando que vocês tão lá não. Vocês aqui é assim, assim, assim!”.

Esculhambou mesmo. Disse o que quis. A gente não podia dizer nada, né? Eu tava na voz

deles mesmo. Aí botaram nós por aí. Foi soltando um bocado pra Abunã, outro pra São Miguel, pra Guaporé... pra esse meio de mundo. Esse homem era brabo. Porque os carioca chegaram fazendo desordem mesmo, né rapaz? Desde lá que eles vinham fazendo desordem, no navio que eles vinham. Vinha aquele bocado. Eram desordeiro, pessoal desordeiro danado. E pensaram que nós era assim também. **Cearense, paraibano, essas coisa... é outro pessoal mais diferente, né?**¹⁰.

Pra mim aqui é o melhor lugar. Aqui é o lugar. Lugar muito bom, muito farto, aqui só passa fome quem é preguiçoso... porque chove. Se não puder viver na cidade, você pode, na beira de um rio desse ou uma mata dessa, plantar e não passa fome¹¹. E lá pro meu Ceará, naqueles interior, só se você comer terra. Porque é num seco de nada do mundo. Não tem o que dê... nada, não tem nada. **Tem muita gente que vive ali, sofrendo naqueles lugares e não arriba pra uma região dessa tão boa**¹². Isso aqui é uma região boa. Eu hoje tô morando lá. Tô com onze anos que estou lá, mas de vez em quando eu tô aqui. Ano passado eu vim... passei foi nove meses aqui. Fui embora agora em abril. Aí passei lá o resto de abril, maio, junho, julho, agosto e vim embora pra cá de novo. Tô aqui. Passei só quatro meses lá. Mas não gosto de lá não. Sou de lá, mas não gosto de lá não. Eu gosto daqui da região norte. Lugar d'água. Você vê: lá agora é um sequidão danado. Até energia você não pode usar à vontade né. É uma lampadazinha só pra você não tá no escuro... isso é lá lugar. Às vezes de noite em casa, lá em Fortaleza, tava aqueles pessoal na calçada e eu dizia:

— Eu vou-me embora pra Rondônia. Eu vou pra beira do Madeira, que lá é que é bom.

E se danavam comigo:

— Égua!... esse bicho é daqui e vive por lá.

Mas aqui é bom mesmo. Aquele racionamento que tem lá, aqui não tem. Se você quiser passar a noite com a lâmpada acesa, você passa. Aqui tem duas a três televisão, ar condicionado passa a noite ligado aí, só quando tá frio é que desliga. E lá nós tem um, agora a mulher disse que tá ligando um pouquinho porque é muito quente. Não pode ligar. Se você ligar e passar daquele negócio que eles lhe dão pra você gastar... se passar, eles cortam a luz e a gente fica no escuro. Tem que gastar só aquele tanto. Não é preciso você ter dinheiro pra pagar não. Isso é lugar de viver?!

Naquele tempo que eu vivia aqui não era nem Estado, era território mesmo. Antes era do Amazonas. Naquele tempo quando eu cheguei aqui tinha passado pouco tempo, que aqui ainda tinha muita gente que dizia que era do Mato Grosso né. Porque isso aqui era uma parte do Mato Grosso e a outra do Amazonas. Tinha passado, parece, a pouco tempo quando eu cheguei aqui naquela época. Tinha muita gente. Até mesmo essa mulher minha era do Mato Grosso. Guajará-Mirim era do Mato Grosso. Aqui era tudo Amazonas. Aí tiraram um pedaço. Pra você vê como o

Mato Grosso é grande né. Mato Grosso e Amazonas, tiraram um pedaço de cada um deles. Um pedaço do Mato Grosso e outro pedaço do Amazonas. Aí fizeram o que hoje é Estado, não é mais território não.

Quando eu cheguei, logo eu passei logo pro seringal. Não fiquei não. Fui pro Alto São Miguel, num lugar por nome Limoeiro. Morei lá. Lá foi que eu passei um bocado de ano. Construí família lá. Quando eu vim pra Guajará-Mirim eu já trazia uma mulher. Não trazia os menino, os menino já nasceram aqui. E daqui eu ainda trabalhei dois anos no Cautário, não fui mais pro São Miguel, entrei no rio Cautário e trabalhei dois anos. Aí foi o tempo que saí e não fui mais. Fiquei por aí... me batendo, como se diz. Sofrendo aí com um diacho de um seringal... não trouxe nada. Fiquei me batendo... até que consegui trabalhar por aí, fazer um barracão... até hoje tá lá nossa casinha. No seringal o dia-a-dia era trabalhar. Passava o dia trabalhando. Saía de madrugada, ia pra mata, chegava... chegava de tardezinha com o leite, aí ia defumar. Aí fazia comida, que era solteiro né, fazia aquela comida, comia ...aí dormia. Quando fosse no outro dia de madrugadinha arribava de novo, fazia o mesmo serviço. **O seringueiro anda muito rapaz. Eu pensava que a estrada de seringa era uma estrada que você vai aqui reto. Mas é nada rapaz, é uma madeira aqui, outra ali, tudo assim**¹³. Porque a seringueira ela solta a fruta muito longe, ela só vai abrir galho em cima, depois de passar de todo mato. Só essa que você planta, essa dá baixinha, se você plantar ela dá baixa, mas a que nasce dentro da mata ela sai, só vai abrir galha depois que ela passa de todos os mato. Aí é que ela vai abrir galha, e aí que dá fruta. Por isso que a hasta dela é muito grande. Aí quando é assim no mês de fevereiro aí é que ela vai estralar aquela fruta. Aquilo é assim... umas três baguinha... umas três frutinha. Ela dá aquele estralo e aquela fruta vai voar muito longe. Por isso que a seringueira é longe uma da outra.

Nesse tempo que eu chegava aqui fui trabalhar no seringal do Arlindo Freitas, ali no rio São Miguel, num igarapé por nome Jurupari, lá foi que eu trabalhei um bocado de ano. Trabalhei no seringal dele e trabalhei no seringal do Melchiades Santos também. Ele foi um seringalista antigo ali de Guajará-Mirim. Eu nunca cheguei a ver índio. Agora ali no Pacaas Novas tinha muito, perto de Guajará-Mirim. Toda semana você via chegar gente flechado de índio aí do Pacaas Novas. Você via! Aí perto de Guajará-Mirim tinha. E no Alto São Miguel, que eu trabalhei, é longe, não tinha, como eu falei ainda agora. Daí tinha uma tal de colocação da Maloca da Gruta, aí perto de Guajará-Mirim. Lá é índio que só o diacho. Aí nesse seringal Ouro Preto, dentro dos Pacaas Novas, tinha índio demais. Tinha o Manoel Manussakis, que era um grego, ele soltava dinheiro. Eu nunca quis porque ele soltava dinheiro e os homens gastavam naquele negócio de mulheril, aquelas coisas, né?. Tinha cabra que queria tirar dinheiro e tirava. Ia pra lá só pra morrer, só pra ser flechado. Às vezes não morria... mas era flechado. Perto daí de

Guajará. Eu nunca quis.

Eu subi com o Arlindo Freitas pro Alto São Miguel, graças a Deus, nunca nem vi índio. O Arlindo Freitas era cearense. Ele era de Iguatu. A gente chamava ele de venta chata, que ele tinha a venta bem chata mesmo. Parece que brigando, não sei, quando era novo, quebraram o nariz dele e ficou com aquela venta chata e chamavam ele de venta chata. Era muito engraçado. Mas um sujeito bom, viu! Era um homem que a gente, ali na casa dele ...quando a gente baixava ali pra Limoeiro, porque nós trabalhávamos no seringal, mas o barracão dele era no Limoeiro ...quando a gente baixava, ele era homem que comia com a gente tudo na mesa. Esse negócio de patrão, de comer e de servir pra acolá... Não! Era tudo na mesa com ele. Sobre esse ponto ele era bom... de barriga cheia e comida na mesa com ele. Não tinha esse negocio de separação não. Era muito bom o Arlindo Freitas.

Mas... lá no seringal tinha muita caça, mas eu nunca fui matador de caça porque eu fui doente da vista desde cedo. Isso foi no Acre, já não foi aqui em Rondônia. Eu fui em quarenta e dois pro Acre. Lá no nordeste eu era meninão, naquele tempo eu era meninão, vivia em casa mesmo. Trabalhando com o negócio da agricultura né. Lutando com bicho, com animal... com essas coisas né. Fui pro Acre por dentro de família, mas outras famílias, não era essa minha não. Aí fui lá pro seringal do Acre e lá fiquei, bem novinho nesse tempo, uns dezoito anos né. E lá eu peguei uma doença na vista. Eu defumando.... porque a seringueira ela tem um bichão que a gente, o brabo, que eles chama a gente de brabo quando a gente chega do Ceará, puxando aquela brasa pra melhorar a fumaça, pra sair a fumaça assim bem aprumadinha, pegava muita quentura no rosto. Aí eu acabei de defumar, fui tomar banho num igarapé... assim dentro da mata, aqueles paxiubão, a água fria, geladinha... boa pra ir tomar banho. Tinha a tábua assim que a gente tomava banho. Aí eu jantei... tudo bem. Eu era solteiro, trabalhando pra um cidadão lá. Ele só chamava a gente de meeiro, trabalhava de meia, eu não tinha despesa de nada, mas trabalhava de meia. Aí eu tomei banho que quando eu acordei de manhã os olhos não agüentava abrir. Parecia que tinha terra dentro. Os olhos encarnados que parecia sangue. Daí começou a minha doença da vista. Eu tomei purgante, eu melhorei, mas quando eu vim pra cá eu já trazia essa doença na vista. Por isso que eu tinha medo de atirar. Quando eu atirava, antes de atirar eu fechava o olho e atirava com medo... não sei, da vista, né? Eu não era bom pra atirar, nunca matei bicho não. Às vezes botava armadilha. A anta eu tive de matar. A anta é um bicho grande. Eu tive de matar de armadilha. E às vezes nambu, jacu, mutum... essas coisa eu matava. Mas os bicho grande... veado, porco... nunca fui bom pra matar não. Tem gente que é danado. Eu conheci um neguinho, ele é aqui mesmo de Rondônia, chamado Salustiano... Rapaz esse neguinho... podia ser o lugar ruim de caça, mas ele saía e com um pedaço assim... podia tá chovido... podia cuidar que ele trazia a carne... trazia um porco, trazia um veado. Ô homem bom rapaz, pra matar caça. Tinha

uma sorte danada. Ele é de gente nascido aí dentro do mato mesmo. Ele era danado. Ele subia em castanheira. Aquilo é grandão né, aquele pezão... pois não é que ele não subia! Ia lá por cima dos galhos. Eu dizia: “Pelo amor de Deus, desce Salustiano!”. E ele lá em cima. Tinha muito nervo, né rapaz? Ele subia naquilo e ficava andando em cima. Eu tava nervoso... que faltava morrer de nervoso. E ele lá em cima. Bom, mas também encostado das folhas tinha pau, tinha cipó, ele pegava no cipó e no pau e ia bater lá em cima da castanheira. Mas com tudo isso, é muita coisa. Pois é... bom pra matar caça. Ô neguinho bom danado. Ele saía e quando você escutava o tiro... lugar ruim de caça... podia contar que a caça vinha, ele vinha trazendo... veado ou porco.

Quando eu fui pro Acre, naquele tempo da migração, não era com o apoio americano. Era do Getúlio, mas era migração de família né, em mil novecentos e quarenta e dois. Eu fui no meio das família. Fui de Manaus até Rio Branco, no Acre, num navio pequeno. Esse navio até chamava-se Ajudante, ainda me lembro até hoje. Fomos até Rio Branco nesse navio. E Rio Branco tem o rio raso, eu não sei como não é fundo. Acho que é fundo no inverno, o rio enche né. Pois bem, fomos até Rio Branco nesse navio. Rio Branco, no Acre. Disse que lá hoje tem uma grande ponte cruzando o rio. Naquele tempo tinha uma canoa. Era do governo. A canoa era do governo. Cruzava de graça. Chamava-se Jabuti a canoa. Era na falha viu, cruzava-se na falha. Hoje tem uma grande ponte. Isso foi em quarenta e dois. Aí eu passei lá o ano de quarenta e dois, quarenta e três e em quarenta e quatro eu baixei... e quando eu baixei fui pro Ceará.

Quando eu cheguei no Ceará, tava naquela influência de gente pra cá pra fazer borracha... mas aí já era os americano com o Getúlio. Aí eu não me acostumei mais lá e a danação era de voltar mesmo. Aí pegamos o navio... pegamos o caminhão e viemos pra fortaleza. Ficava num pouso grande, cheio de gente e era só chegando caminhão cheio de gente ficando ali, até esperar o embarque. Aí quando tinha muita gente a gente embarcava lá em fortaleza. Naquele tempo era tudo escuro, tava na força da guerra já. Daí, de Fortaleza era tudo escuro. Você não via uma luz, não via nada. Dentro do navio se você acendesse um cigarro, se você fumasse você ia preso pro porão. Por causa, diz eles, que no navio, de um cigarro eles viam uma tocha enorme. Eles contam né... no mar. E a gente não fumava nem nada. Era tudo no escuro, de noite ...até Belém. Porque Manaus aí já não tem mais perigo porque a água é doce, né? Mas até Belém é perigoso. E de Belém subia pra Manaus. Mas o navio grande só vinha até Manaus. De Manaus aí só navio pequeno. Aí nós pegamos o navio pequeno pra ir pro Acre. A gente vinha no escuro por causa da guerra, que tavam brigando, com medo dos contra. E Fortaleza era tudo no escuro. Não tinha luz, não tinha nada. Tudo no escuro, com medo, porque tava no tempo da guerra, na força mesmo... em quarenta e três. De noite, quando eu ia assim no navio, eu escutava aquelas pancadas no casco do navio... ficava com medo... eu digo: “Vixe Maria não será o torpedo não?!”

Deixe estar que de dia a gente ficava satisfeito porque de dia você vê o céu e água, aí

você ficava com mais coragem. Mas de noite, naquela escuridão, você não vê nada. Tem aqueles salva vida, tem tudo. No navio, dos lados, tem umas baleeiras grandes tudo cheio de água e bolacha e tudo ali. Porque se causo o navio for pro fundo, eles cortam os cabos daquelas coisa e aquilo não vai pro fundo. Aí sai boiando. Aí você se agarra numa bicha daquela, tira água e tira bolacha e você vai até encostar na beira. Tinha essa facilidade também. Mas eu tinha muito medo... quando era de noite. De dia eu não tinha medo não. Até chegar em Belém. À noite o bicho pegava. Quando eu escutava a pancada no casco do navio... eu digo: “São eles. Isso é os coisa... os alemão”. Mas, graças a Deus, até hoje tô contando a história.

DICO MENDES

Eu cheguei por aqui em mil novecentos e quarenta e três, no tempo da guerra.¹

Vimos do Ceará direto aqui pra Guajará. Teve até uma passagem que quando nós viemos naquela época os navios tavam sendo afundados. Os submarinos tavam botando os navios brasileiros a pique também, como botou não foi só um nem dois não, foi mais. Então nós viajamos, naquela época, com as luzes do navio apagadas... máquina só na lenta, enquanto a gente cruzava a água do oceano pra passar pra água doce. Essa foi uma passagem em que nós tivemos um susto muito grande quando nós viemos. Naquele tempo você não era nem nascido quando existiu isso. Quando nós viemos do Ceará o Brasil tava brigando, naquela época, com a Alemanha por causa dos Estados Unidos, porque a gente era aliado com os americanos e o americano pediu auxílio ao Brasil. E no Brasil Getúlio Vargas que era o presidente. Então ele enviou forças brasileiras pro campo da Itália pra ajudar os americanos.

Quando chegamos aqui foi muita luta, muita dificuldade naquela época pra poder chegar aqui onde eu tô hoje. Daqui nós fomos pro primeiro seringal. Nós fomos pra um seringal chamado Parati e o nosso patrão chamava-se Manuel Domingos Paschoal... era um português. Aí nós fomos pro seringal dele na primeira vez, o primeiro seringal... isso em mil novecentos e quarenta e três. No dia vinte de março de mil novecentos e quarenta e três chegamos aqui nessa estação de trem de Guajará-Mirim e fomos no mesmo ano pro seringal do finado Paschoal, que hoje ele é falecido. Faz muitos anos né, ele já era um homem de idade, um português... ainda mais nessa época. Agora ele já morreu há muitos anos... Pois bom, daqui nós fomos pro seringal dele. Tinha muito índio... muita perseguição de índio, onça, cobra e era aquela luta terrível e aquele povo, aqueles arigós... chamavam a gente de arigó porque a gente vinha pro Amazonas, vinha do Norte pro Amazonas era arigó. Uns vinham por conta do governo, nós viemos por nossa conta mesmo. Papai veio direto pra cá, mas veio por conta dele, não quis vir por conta do governo. Mas nós sendo Soldados da Borracha.

Naquela época esse povo arigó, como meu pai, não foi pra guerra. Ele era um homem novo, podia ter ido, mas não foi. Ele veio pro Amazonas cortar borracha porque tinha os filhos dele... nós éramos filhos dele e ele não ia nos abandonar pra ir lá pra guerra, ele veio pra cá. E aqui ele subiu pro seringal. Chegamos lá, muita dificuldade... e aí ficamos mais ou menos um mês no barracão esperando condução pra ir pra colocação. A gente viajava do barracão pra colocação... eram doze dias de viagem, em costas de animal, de burro. Uns andando e outros carregando a carga nas costas do animal, né, dos burros. Tinha o comboeiro... a pessoa que

tomava de conta dos burros chamava-se comboeiro. Essa viagem já era pra colocação. Nós chegamos, trabalhamos o primeiro mês, o segundo mês e assim foram oito meses dentro do seringal, quando nós viemos pra cá. Em Dezembro, quando terminou o fábrica... porque o fábrica termina no fim de Dezembro... quando foi por essa época nós já estávamos tirando as tijelas, pra poder vir pra Guajará. Porque no fim do fábrica o seringueiro tirava as tijelas, não deixava as tijelas no mato... porque o macaco carregava, furava... caía dentro d'água e a chuva furava... então a gente trazia pra deixar dentro do tapiri. Tapiri é uma barraca. Nós chamamos tapiri porque é pequena, é só mesmo pra gente trabalhar ali... não é mais do que o tamanho de dez metros quadrados.

Então nós baixamos, descemos o rio, viemos pra cá. Fomos novamente pra outro seringal. Fomos pro seringal do Pernambuco, um preto que tinha aí... era patrão também. Fomos pra lá... meu pai com nós tudinho. Nós éramos seis filhos homens e uma moça... sete, sete filhos viu e tinha só ela de mulherzinha... e seis homens. E por lá, nós trabalhando, meu pai foi cruzar o rio e não tinha canoa, o patrão ainda não tinha levado uma canoa pra nós e nós tínhamos estrada do outro lado do rio, né, do rio Ouro Preto, que não é muito largo mas é como daqui lá no muro, uns vinte metros. Então nós não tínhamos canoa e tinha que cortar a seringa do outro lado do rio. Meu pai desceu, entrou n'água e chamou a gente. Ele ia na frente, né, que ele é que era nosso pai, o chefe. Na hora que ele chegou, já pra subir o barranco, a arraia ferrou ele. Aí foi coisa feia meu amigo! Quando o velho suspendeu a perna a arráia caiu. Entrou no tornozelo dele! Ele ficou doente... doente, doente, doente... e sem poder cortar. Tinha lá um vagabundo dum gerente, que não valia nada, botou uma água pra ferver e botou em cima do meu pai, do pé dele. Cozinhou a perna todinha... aquela água fervendo... disse que pra poder matar o veneno da arráia. Mas não foi bom, que a perna dele quase ficava inutilizada. Então nós baixamos com ele e viemos pra Guajará. A sorte é que isso aconteceu já no fim do fábrica, né. Nós viemos embora. Com o nosso pai doente não deu mais pra ficar até dezembro. Baixamos em fins de outubro pra novembro, foi quando nós viemos embora por causa da doença de meu pai.

Vimos pra Guajará-Mirim e depois subimos pra outro seringal, o seringal Porto Acre, do finado Zeca Gondim, lá no rio Cautário. Lá meu pai sofreu muito... um seringal muito precipitado, muito difícil também. Ali também era costa de burro pra carregar a carga. Nós passamos oito meses nesse seringal. Quando foi em dezembro nós baixamos e fizemos dois mil e quinhentos quilos de borracha. Era muito produto... eram dois mil e quinhentos quilos de produto, de borracha que nós fizemos. Dois mil e quinhentos limpo... sem tara e sem nada... já tirado tudo, limpa, borracha boa.

Vimos pra cá e quando chegamos aqui fomos novamente pra outro seringal. Subimos pro seringal do Manussakis... fomos pro Manussakis. Lá houve muita dificuldade devido aos

índios. **Naquela época os índios matavam muita gente e a gente não podia abandonar a colocação, tinha que trabalhar. E cortava de dois em dois, porque só um não dava que era muita perseguição dos índios, naquele tempo.**² E assim nós ficamos nessa colocação do Manussakis, na beira do rio, isso aí já era na margem. Ficamos ali trabalhando, trabalhando... e os índios ainda flecharam meu irmão... meu irmão mais velho... foi uma dificuldade! Eles flecharam... mas Deus ajudou que não foi nada grave.

Vimos pra Guajará novamente... baixamos em dezembro. Chegamos aqui fomos receber o saldo, né... tudo bem. Nesse ano nós tiramos até um bom saldo, porque fizemos muita borracha e tivemos muita ajuda na comida, na refeição... na bóia da gente, né, porque era na beira do rio então tinha o peixe, ainda tinha a caça e assim a gente levou o ano todinho, foi favorável pra nós.

Chegamos aqui aí subimos novamente pro mesmo seringal, porque era muito bom de leite... era bom de leite mas era muito perseguido pelos índios. Perseguido mesmo, a gente não tinha boca. Mas agora nós entramos e ficamos trabalhando, mesmo aperreado... e o meu pai vendo a hora os índios matarem um de nós. A gente não era muito crescido ainda, né, era tudo rapazinho. Mas a gente enfrentava era só mesmo, cortava tudo só, não tinha esse negócio de medo... porque a gente queria fazer produto, borracha, porque nós fomos pioneiros de borracha. O nosso apelido no seringal, o apelido dos Mendes, era “sacassaia de seringa”. Porque eram poucos que agüentavam nossa barra. O cabra dizia:

— Eu vou fazer mais borracha do que um menino desse, mais do que um rapaz dos seus rapazes.

Aí meu pai dizia:

— É?! Então vamos ver.

Quando era no fim do fábrica ele apostava e já tava pagando o que devia. O cabra dizia:

— Então se eu ganhar seu Mendes, se eu fizer mais borracha do que ele o senhor vai me dar cinquenta quilos de borracha.

Meu pai disse:

— Tá feito, mas se você não fizer você vai pagar!

— Pago!

E pagava mesmo. Era besteira! Até hoje eu dou risada quando lembro.

Aí eu tinha um gerente chamado Bahia, que já é falecido faz muitos anos, o filho dele foi até prefeito daqui, seu Salomão Silva. O patrão disse:

— Ó eu vou dizer pra vocês, não aposte com esse menino, não aposte que vocês vão perder.

— Não... que conversa. Onde que um rapaz desse vai fazer borracha mais do que um seringueirão como nós?!

Entao aí meu irmão, era assim que era a barra. O cabra cortava todo dia... todo dia, todo dia, todo dia. Quando chegava no fim do ano era nêgo chiando pelos cantos... eu dou risada porque era muito engraçado:

— Como pode?! Diacho como é que pode eu perder na produção pra um menino desse?!

A gente dizia:

— Pai, o senhor me chama dez horas da noite.

Você creia como a palavra de honra, eu tô lhe dizendo uma verdade não é conversa não, é coisa que passou-se comigo com meus irmãos e meu pai. Eu tinha um irmão mais velho... que Deus o tenha lá, é falecido, o finado Chico... ali era seringueiro macho. Ele sozinho era dois mil quilos de borracha que ele fazia... ele sozinho. Ele não era seringueiro de cria não! Seringueiro de cria é que corta filho, corta mulher, corta tudo. Ele era só na colocação. Então ele dizia:

— Eu quero sair de noite pai, o senhor nos chame.

Quando davam dez horas da noite papai chamava todo mundo. Papai dizia:

— É muito cedo!

— Não! O senhor nos chame que quando o dia vir amanhecendo a gente já vai fechando o corte, quando der duas horas da manhã nós estamos com o leite em casa.

Era assim. E o velho chamava. Achava cedo e tudo... mas nós íamos. **Não tinha medo de cobra... nós fomos ameaçados por cobra, onça, índio e o que tivesse. Coisas feias dentro da mata, tamanha meia noite sozinho.**³ Eu cansei de ver coisa que eu nunca mais vi na minha vida. Rebuliço dentro do mato que parecia que o mundo queria se acabar. Aquilo tudo era coisa da mata. Era, como se diz, era coisa gerada daquilo que... eu não sei, eu não posso dizer que era isso ou aquilo mas a consequência era feia. E ninguém corria, num podia correr. Meu pai dizia:

— Meu filho, se o bicho abrir a boca e lhe engolir, abra os braços que ele vomita você de novo, ele não passa. Com os dois braços abertos, não. Ele tem que botar pra fora. Mas não volte porque se você voltar... Não chegue aqui dizendo que você chegou com medo que você vai apanhar.

Era assim. E apanhava mesmo. Então a gente não voltava, podia acontecer, ferver tudo, derreter, o que quisesse.... mas a gente não voltava, continuava... e assim foi. Quando chegou no fim do ano viemos pra cá novamente. Nessa época eu já tava rapaz... já por minha conta. Disse pro meu pai:

— Vou pro seringal. Eu arranjei uma menina aí... uma mulher, né... e vou levar pro seringal.

— Mas rapaz, vai pra onde?

— Vou pro seringal, agora eu vou por minha conta.

Mas só que o produto, quando eu trabalhava, chegava o fim do ano o velho era quem tomava de conta, né. Me dava aquilo que eu tinha de direito e o resto ficava. Era assim que nós confiávamos. Nós não lançávamos a mão em nada assim sem a ordem de nosso pai não.

Eu fui pro seringal de um patrão que se chamava Conrado Farias... esse foi um grande patrão aqui, foi muito falado. E ele tem até um filho, ele morreu mas deixou um filho, que é advogado, o Polegar. É filho de criação dele, mas ele criou e educou, né. Pois bom, então eu fui... levei a mulher. E quando foi um dia de sábado, como hoje, um dia de sábado... minha mulher nunca tinha ofendido a índio, nem nada.... eu disse pra ela:

— Tu fica aí na colocação que eu vou matar uns peixes. Aí tem espingarda e tem cartucho.

Aí entrei dentro da canoa e disse:

— Cuidado!

— Toma cuidado por aí tu também... sozinho!

— Não, não tem problema comigo.

Aí eu saí, peguei a minha canoa e saí abeirando o rio e nesse dia eu arriei umas quatro voltas no rio em volta da minha barraca. Eu tava esperando um peixe boiar pra eu poder atirar né, porque lá ela vem na beira, vem comer o lodo, quando ela sobe em cima pra pegar uma fruta eu atirava na cabeça e matava pra comer, né. Eu tava sentado na canoa... puxei um cipó e amarrei na cintura pra canoa ficar ali, parada na beira do rio... e eu ali, sentado. Eu tava bem na beira, tava até amarrado com o cipó de um barranco. Na hora que eu me levantei, que fui atirar no peixe, os índios tavam assim com uns três metros da minha vista e eu não via... eu tô rindo agora, mas na hora... Eu vi foi eles correrem. **Aqueles gritos feios, como macaco, gritando... que os bichos parecem assim... é humano, a gente sabe que é humano, mas... é grito de animais, de bicho, de macaco grande, aqueles gritos feios.**⁴ Eu fiquei até sem ação pra atirar no peixe né, eles correram pra beira do barranco. Não me flecharam porque não quiseram nesse dia. Eu não sei o quê que eles tiveram porque se eles tivessem de me flechar tinham me matado porque aos três metros entrava até a pena da taquara na minha barriga.

Eu fui e ainda disse assim: “cabôco”... Disse comigo só, né: “cabôco”. Mas correram. Da viagem que eles saíram eles vieram me esperar em frente a meu tapiri. E a mulher tava aí, tava em casa... Deus tá com ela, é falecida a minha esposa... essa que tenho já é a segunda. Então eu fui, matei o peixe, botei dentro da canoa... já tinha matado um, fez dois. Eu digo:

— Já chega, vamos embora.

E fui. Quando cheguei em casa, saltei... aí eu fui e disse pra ela:

— Tu não vai pra beira do rio que aqui abaixo, há três voltas, os índios correram com medo de mim.

Aí ela ficou meio amedrontada logo né e eu digo:

— Não vá lá pra beira do igarapé agora. Trate do peixe aqui mesmo, aqui em cima, no barranco.

Mas aí ela se esqueceu e desceu. Eu tomei banho, ela botou o almoço pra mim, eu almocei e me deitei numa rede que ficava em frente à porta que descia lá pro porto. E comecei a me embalar lendo um folhete, né, um romance. E cá eu via ela de cócoras lá em cima da tábua tratando do peixe.

E os índios vinham quebrando pedaço de mato seco pra poder flechar ela, né. Aí ela viu aquela quebradeira... olhou... olhou... aí ela gritou, quando ela deu fé do índio ela gritou:

— Dico, olha o bicho! Olha o bicho!

Mas não disse: “olha o cabôco!” Disse: “olha o bicho!” Eu pensava que era uma piranha que tinha mordido no dedo dela enquanto ela tratava do peixe... porque tinha muita piranha no Ouro Preto. Mas aí eu escutei o estralo do cordão: Tum! Tum! Tum! É que quando o cabôco solta a taquara o cordão estrala, né, dá aquela cipoada, então daí esse Tum! Tum! Aí eu corri. Digo: “são os índios que tão flechando a minha mulher”!

Eu corri, bati a mão na espingarda... já tava com a cartucheira... de bermuda. Quando eu cheguei ela já vinha passando arrastando a flecha. Jogaram nove flechas nela e ela escorregou quando vinha correndo e justamente... porque se ela não escorrega as flechas tinham entrado no meio das costas... ela escorregou e levou o braço pra trás e a flecha veio e entrou no braço, entrou que varou do outro lado. Então ela passou por mim e tinham dois vizinhos assim mais abaixo um pouquinho que escutaram os gritos dela né, e vinham correndo. Eu pulei dentro da canoa, remei até com a coronha da espingarda, não peguei remo nem nada, aí eu toquei atrás deles, pra pegar mesmo. Naquele tempo tinha que pegar, o cara trabalhava assim... um bocado sendo macho... ou do contrário, como se diz, o cabôco vencia ele. E não era pra vencer, a gente é que tinha que vencer.

Eu corri atrás deles até seis horas da tarde, mas não peguei... não cheguei a pegar os cabôcos. Então eu voltei seis horas, já escuro, tirei um sapato de borracha que a gente faz pra trabalhar, aí cortei e fiz um facho. Como dentro da minha capanga eu carregava tudo que eu precisava né, eu fiz um facho: enrolei com folha de sororoca, cortei um pau, meti e vinha com o facho... já tava escuro dentro da mata. Quando eu cheguei já tinham feito curativo nela. Ela ainda tava chorando porque as flechas tavam envenenadas com sangue de cobra. Cobra ou cururu. Então aí eu disse pra ela:

— Você baixa pra Guajará, eu vou ficar.

Ela disse:

— Não, eu não baixo! Se você ficar eu fico, nem que ele me mate mas eu não vou lhe deixar só!

— Então tá bom.

Aí passando uns quinze dias eu tava na frente da barraca, no mesmo ponto, na mesma barraca... isso depois de uns quinze dias que jogaram as flechas nela... aí eles me jogaram seis taquaras. Eu tava desgutando a canoa e eu até pensava que era morcego, porque era bem cedinho, né... pensava que era morcego riscando a água ou gaivota que dá no rio. Mas não era não! Eram as flechas que batiam, batiam na canoa que chegaram a enfiar na canoa... jogaram seis flechas. Quando eu puxei a espingarda... o cão da espingarda enganchou no banco da canoa e aí detonou à toa. Eles correram... foram embora. Eu digo: “vou ficar, eu não vou baixar, vou terminar meu fabrico”. Quando foi em dezembro... eu só baixava em dezembro... eu já fui tirar as tijelas das seringueiras. Eu disse pra minha mulher:

— Vou desentijelar pra nós irmos embora.

Aí andou um velho lá na colocação, um paragoense muito amigo meu que disse:

— Dico Mendes, eles vão voltar pra ver se te mataram, se você morreu. Eles querem confirmar. Eles voltaram pra ver se tinham matado a tua mulher, mas eles viram a tua mulher. Por isso que eles botaram em tu. Eu vou te dar um conselho: cuidado! Cuidado quando tu for desentijelar.

Desentijelar é tirar as tijelinhas, umas tijelinhas pequenas de madeira que a gente deixa pra aparar o leite, né.

Eu digo:

— Tá bom, o aviso tá ótimo, eu acho bom.

Porque eu conhecia outros seringais, mas esse aí não, o Ouro Preto eu não conhecia.

Sáímos seis horas da tarde. Botei as coisas dentro da minha canoa... minha canoazinha era boa, pegou nossas coisinhas todas... e aí viemos pra Guajará. Quando escurecia eu viajava né. Eu gastei três dias de lá aqui. Quando amanhecia eu encostava a canoa na casa de um seringueiro e deixava passar o dia. Aí o seringueiro dizia:

— Não, não vai não Dico Mendes, fica aqui! Cuidado, os índios andam danados por aí... já flecharam fulano de tal aí...

— Tá bom então!

Quando escurecia eu pegava minha canoa e vinha pra Guajará, no remo... era no remo! A mulher pilotando com o outro remo, só agüentando porque ela vinha doente... coitada, doente do braço, ainda não tava bem sarado. Aqui em Guajará toda passagem de lua... quando dava lua nova, ela sentia dor... isso antes de ela falecer. Ela dizia:

— Tá dormentinho meu braço Dico.

— É o veneno da flecha que ficou no teu braço.

Então quando a lua era forte, lua nova, que é a lua que o índio ataca o civilizado... porque eles atacavam os civilizados na lua nova... aí ela sentia dormente o braço. Já aqui em Guajará, ela dizia:

— Tá dormentinho!

— É o veneno... é que sarou e tudo, mas ficou o veneno dentro do braço, onde foi metida a flecha.

E assim nós ficamos trabalhando. Então eu fui pro seringal. E você sabe quantos anos eu passei no seringal? Vinte e cinco anos. Se tivesse sido empregado do governo, né, eu tinha me aposentado. Vinte e cinco anos foi só de seringal rapaz. Mas eu passei muitas coisa horrível, muita dificuldade, patrão ruim, patrão bom. Outros eram ruim, não gostavam de pagar saldo e ficavam massacrando o seringueiro.

Eu sofri muito junto com meus irmãos e meu pai. Porque quando nós chegamos aqui não tinha trabalho. Não senhor! Isso aqui tudo que você tá sentado aqui e tá vendo aí, isso tudo era uma mata. A cidade era só lá por perto da estação da ferrovia, na beira do rio. Aqui eu hoje eu moro era só caminho. Morava gente, mas era só aquele caminhozinho. Já tinha esse cemitério aqui na frente da minha casa... O cemitério era aí... era bem dizer dentro da mata. Não tinha cem pessoas mortas aí dentro quando nós chegamos. Hoje já foi enterrado tudo de novo, umas cinco ou seis vezes, arrancando e enterrando outros no mesmo lugar. Pra você ver: não tinha umas cinquenta... podia ter umas cinquenta pessoas enterradas aí... não tinha quase ninguém. E aqui nós viemos e ficamos.

Foi muita dificuldade naquela época. Também, tinha patrão ruim que não gostava de pagar o saldo do seringueiro. Foi o tempo que eu já tava com a minha conta, com o meu saldo e baixei pra cá, pra Guajará. Eu disse pra minha mulher:

— Sabe de uma coisa, não vamos pro seringal, vamos falhar esse ano.

— É Dico, é isso mesmo.

— Não vamos pro seringal. Vamos ficar.

Quando foi um dia, eu tava lá na feira e quando dei fé chegou um jipe do exército. O sargento saltou... o cabo e o sargento. Disseram:

— É esse ali.

Eu digo:

— Vixe, o que foi que aconteceu?! Eu nunca briguei com o exército.

— Como é seu nome?

— Fulano de tal.

— Entra no jipe.

— E o que é que se passa?

— Lá no comando você vai saber o que é.

E viemos. Chegamos com o sargento, que foi direto ao comando, né:

— Pronto comandante, tá aqui o rapaz.

Eu olhei, tinha mais uns quatro lá. Eu disse rindo:

— Égua! Tão na mesma cipoada, o que foi que aconteceu?

O comandante disse:

— Ah! Você é o Raimundo Mendes Martins?

— Sou eu mesmo.

— Você não se apresentou. Você se alistou e não se apresentou no exército pra servir.

— Comandante, eu me alistei, mas acabei de me criar, me formei e fiquei adulto aqui... já em Guajará-Mirim. Mas nós viemos do Nordeste pro Amazonas e de lá eu já vinha rapaz. Porque, naquela época, isso aqui tudo era bacia Amazônica, pertencia tudo ao Amazonas. Veio do Nordeste pra cá era o Amazonas... do Pará pra cá era Amazonas. Eu vim como Soldado da Borracha, junto com meu pai e meus irmãos.

— Ah, você é soldado?

— Sou sim senhor, eu sou de mil novecentos e quarenta e três, do tempo da guerra. Nós viemos pra cá cortar seringa. E aqui estamos. Eu quis parar este ano por motivos meus.

— Tá bom então. Por isso você se saiu, porque você é soldado borracha mesmo.

— Sou sim senhor.

— **Mas só que você vai servir o Exército.**⁵

— Sim senhor, se o exército quer isso eu tô pronto!

Então eu fiquei no exército, incorporei. Nós éramos cinco homens naquele dia. Naquela época o quartel não tinha alojamento, o alojamento só pegava trinta homens. Então éramos eu e mais quatro, nós éramos cinco homens que o exército pegou nesse dia. Tudo foi pego assim... eu fui pego assim... entrei no exército porque o exército me levou, eu vivia no meu serviço no seringal, né.

Aí eu tinha tirado dois cruzeiros de abono naquela época. Porque todo patrão abonava a gente pra gente subir pro seringal... dava um dinheirinho... principalmente pra quem já tinha família né. Quem tinha família tirava o abono e quem não tinha também tirava. Eu digo cá comigo: Puxa vida! Imaginei no abono que eu tirei do patrão. Eu disse:

— Comandante, eu não posso enganar meu patrão. Eu tô de saída, faltam só doze dias pra eu subir pro seringal e eu tirei um abono de dois cruzeiros. Como é que eu vou pagar?

— Você não deve nada a ninguém. Toda conta que você fez de hoje pra trás você não paga nada, você vai cumprir com o regulamento militar. Quem deu o abono, deu. Quem não deu, não dá mais.

Engraçado né... eu fico é rindo quando lembro...

— Então tá bom.

— E você vai servir! Amanhã você vem pra passar pela inspeção.

— Sim senhor. Eu e os outros.

Aí quando cheguei em casa eu disse:

— Mulher eu vou ser militar. Nós não vamos pro seringal, eu vou ser militar.

— Tu vai pro exército?!

— Vou! Fui pego lá na feira e amanhã já vou passar pela inspeção. E eu tô te avisando que eu vou ser militar.

— E o dinheiro que tu tirou lá do seu Manussakis?

— Eu vou lá, vou falar pra ele.

Eu cheguei lá e falei pro patrão. Ele disse:

— Você vai subir pro seringal?

— Não, não vou.

Contei pra ele a história e ele disse:

— Não... tá certo, tá certo. Você não me deve nada meu amigo, você não me deve nada porque você vai cumprir com a lei do exército. Você vá servir o exército.

— Vou sim senhor, me pegaram lá na feira. Eu sou de mil novecentos e trinta e quatro. Não fui servir porque eu tava cortando seringa e o exército me dispensou por isso, mas não me dispensou de servir. Eu sou obrigado a servir o exército.

Naquele tempo o exército pegava no duro, hoje não. Eu tenho um filho no exército e é como eu disse pra ele: hoje é um civil fardado. Não é mais como era aquela lei do exército... aquele rigor. Ali era no duro, tinha que ser militar mesmo. O cara militar, era militar. Não tinha esse negócio de “lá vem o bicho” não. Então eu expliquei pro patrão, e ele disse:

— Pode servir. Quando você sair do exército, se você tiver vontade de vir, a sua colocação será entregue pra você novamente.

— Sim senhor. Então... muito obrigado!

Então o patrão não teve esse direito, né, de se impor contra mim. Ele não era doido, pra ir contra o exército. E eu era obrigado a servir. A classe de trinta e quatro todinha tava sendo pega, inclusive os que não serviram.

Então eu fui servir. Passei o primeiro ano de recruta. O segundo ano eu já era antigo... passei a ser antigo e aí eu criei uma amizade com meus superiores, que eram muito bons. Eu era

muito destemido a trabalhar. Eu trabalhava! Me botaram pra granja, me botaram pra roçar sapé, eu rocei sapé de noite. Eu assombrei tudo. O comandante chegou lá e disse:

— Vixe mas esse rapaz tá roçando isso é de noite?

O sargento disse:

— Mas eu falei pra ele que não precisava, só que ele disse que quando amanhecer o dia já tá tudo roçado.

Quando a lua era muito clara eu pegava minha bicicleta ia bater lá na granja. Chegava lá eu metia o pau a roçar. Por isso eu passei a ser o chefe de lá da granja... me botaram como chefe da granja porque eu tinha conhecimento do trabalho e era muito trabalhador. E assim... eu trabalhando, trabalhando... passei o primeiro ano, o segundo ano e o terceiro ano. Aí eu já tava antigo né, já tinha uma grande amizade dentro exército com meus superiores e antes de completar os três anos construímos o que hoje é o batalhão. Eu ajudei a botar tijolo e pedra ali. Depois de pronto ainda servi lá por dois anos. Então eu criei aquela amizade... todos gostavam de mim. É! Todos gostavam de mim: era o comandante, o sub-comandante, os sargentos, os cabos, os soldados, todos eram meus amigos... pelo menos aqueles que eram gente boa. Os que não eram gente boa eu sabia me defender deles... eu não ia procurar encrenca com colega, né. Então depois o sargento disse:

— Martins, você é uma pessoa que... você é o sabe tudo, tudo você sabe fazer.

Me botaram como carpinteiro. Eu fui endireitar todas aquelas carroças do quartel, aquelas diligências que pegavam quatro burros, que tinha ainda no meu tempo, né, aquelas diligências que parecem com as que a gente vê no cinema, puxada a animal. São quatro cavalos... era puxado assim. O quartel não tinha um jipe. Tinha um jipe velho... cara baixa. Só o que o quartel tinha era um jipe velho de cara baixa, que foi nesse que me levaram pro quartel.

Pois bom, então eu fiquei trabalhando na carpintaria. Aí eu fiz o curso de cabo. Quando eu fiz o curso de cabo, eu já tava nos quatro pros cinco anos de exército... eu já tava um cara conhecido, né. Eu já era cabo-carpinteiro, eu tinha torado a profissão né... já tinha torado a profissão. Depois eu me desgostei do exército, por uma pequena coisa me desgostei e tomei uma decisão. Pensei comigo: “Sabe de uma coisa? Eu vou pro seringal de novo! Vou pro seringal, vou pedir a minha baixa”. Aí eu pedi a baixa e disseram:

— Não... não pode! Não pode sair do exercito agora.

— Mas porque que eu não posso sair do exército?

— Porque o exercito precisa de você.

— Não senhor, eu vou sair do exercito!

Mas ia ter uma incorporação. Foi a primeira vez que teve uma incorporação, pra poder passar à Companhia. Lá já era companhia, mas não tinha soldado. Eram só uns quarenta,

cinquenta por aí... não tinha muito soldado. Eu disse: “Agora eu vou ser licenciado, com certeza”.

Aproveitei quando houve a incorporação. Foram cento e cinquenta homens incorporados de uma só tacada. Eu digo: bom, agora eu saio. Aí eu meti o artigo 100, o amparo militar né. Meti o artigo 100 e aí não queriam me dar a licença. O sub-comandante disse:

— Você vai pra casa e com quinze dias você volta, vem aqui. Até lá você já resolveu ficar.

Eu disse:

— Sub-comandante, eu não vou continuar mais no exército porque eu estou magoado com o exercito.

— Mas porque?

— Porque promoveram um outro homem na minha vaga, um recruta, porque ele tem saber e eu não tenho... o meu saber é pouco. Eu sou especialista na minha profissão, mas em sabedoria não.

E ele tinha o 91 naquela época... era muito estudo, né. Ele era acreano, o recruta. Eu disse: “Eu vou sair do exército!”. E saí. Com quinze dias eu cheguei lá com a roupa e disse:

— Tá aqui o fardamento, não vou mais servir.

Ah rapaz, teve um sargento, o sargento Noma, que era um primeiro sargento, ele lagrimou os olhos... encheu de lágrima. Disse:

— Olhe Martins, eu nunca esperei que você fizesse isso. Você agüente aí rapaz, um ano ou dois você vai ser reformado, tu vai sair sargento com certeza, eu te digo com sinceridade, não tem ninguém melhor do que você pra sair sargento aqui na companhia. Você fique aí rapaz, não faz isso.

— Não! Quero não senhor!

Saí do quartel e fui completar meus anos no seringal. E assim eu fiquei lutando no seringal. Vinha pra cá e ia pro seringal... lutando. Depois eu baixei e tomei a decisão:

— Agora não vou mais pro seringal! Pronto, acabou, encerraram-se os meus anos de servir de seringal.

Quando eu cheguei aqui, tirei a carteira profissional de taxista. Eu aprendi a dirigir com meu irmão que era taxista aqui e aí eu pegava o caro dele pra aprender. Depois fiz o exame pra tirar a carteira e passei. Nós éramos doze alunos, passaram seis e os outros seis foram reprovados. Eu, graças a Deus, fui um dos aprovados. Eu me apeguei até com São Cristóvão, que é o protetor dos taxistas e fui bem atendido. São Cristóvão me ajudou. Eu recebi a carteira e fui trabalhar na praça dirigindo uma Rural velha que era de uma viúva. Nesse tempo tinha Rural e tinha Jipe... eram os carros que tinham.

Então eu fiquei trabalhando de taxista... lutando dia e noite dentro de um carro sem parar. Depois, quando abriram a BR aqui pra Porto Velho, melhorou a situação. Eu ficava na praça e naqueles lugares onde tavam fazendo laje de ponte e quando era dia de sábado o capataz de cada trecho do serviço ia daqui até a laje, de táxi. Nessa época já dava de andar de carro na estrada. Da laje da ponte até Vila Nova a gente andava com o carro, durante um bom pedaço, por cima dos trilhos do trem. Porque o trem já tinha sido abolido né, não tinha mais trem.

Mas tem duas coisas de quando eu era militar que eu quero contar. Quando eu tava com um ano de exército nós recebemos uma ameaça. O comandante recebeu uma denúncia contra o gerente de um seringal. Mas foi tudo invenção, não era verdade. O que aconteceu é que um cara foi baleado de metralhadora num barracão e deu parte no quartel. Então ele disse pro comandante:

— Comandante, o senhor não vá desprevinido porque tem cinquenta homens armados lá esperando o exercito.

Então o comandante foi, chamou o sub-comandante e disse:

— Qual é o militar que mais conhece essa região?

— Eu tenho um soldado, o soldado Martins, que conhece tudo porque cortou seringa muitos anos. Ele conhece toda as regiões.

Eu era soldado na época e meu nome de guerra era Martins. Aí o comandante disse:

— Chame ele e mande ele vir aqui. Diga pro sargento mandar ele vir aqui no gabinete.

Eu fui lá e ele disse pra mim:

— Você se prepare que você vai numa missão junto com um sub-tenente, um sargento, um cabo e mais trinta praças com você.

Nesse tempo já era companhia, já tinha gente suficiente. Aí ele perguntou:

— Você conhece tudo?

— Conheço sim senhor. Conheço palmo por palmo dentro dos rios Ouro Preto, Pacaas Novas, Água Branca, Cautário, Cautarinho, Ouro Fino, tudo eu conheço porque em todos eu estive lá e trabalhei. Não adianta ninguém contar fofoca desses rios porque eu conheço tudo... eu me lembro das colocações... tudinho... assim, eu me concentrando, me lembro das colocações.

— Você vai cumprir uma missão: você vai com essa força e o sub-tenente vai lhe fazer umas perguntas. Você responde que eu quero uma coisa bem feitinha.

— Sim senhor comandante, tô pronto!

— Pois então vá na sua casa e avise pra sua senhora que você vai numa missão, não diga o que é, diga que vai a uma missão do exército e que não pode voltar hoje, não pode voltar amanhã... que não sabe, só quem sabe é o exército. Segredo militar um militar não pode botar na rua.

— Sim senhor, isso aí eu já sabia.

Quando o sub-tenente chegou formou todo o exercito e nós fomos. Ele disse:

— Martins é o seguinte: qual a distância desse depósito que nós vamos cercar até aqui onde nós estamos?

— Têm três voltas.

— Três voltas?

— Sim. Do barracão pra cá pra donde nós estamos são três voltas.

— Então quando faltarem três voltas você avisa pro motorista parar o barco.

Quando faltavam três voltas eu disse:

— Olha, só faltam três voltas pro depósito. Então pára.

Já tava tudo preparado pra ir. Na falha viu, ali era no braço pra chegar lá. O sub-tenente chamou o sargento e me perguntou:

— Na hora que encostar quantos depósitos tem aí?

— Têm quatro depósitos: tem um no pé da serra, que é onde botam qualquer coisa e lá ninguém vai porque é uma distância que da beira do rio pra lá dá uns quinhentos metros... quatrocentos metros mais ou menos.

— Você conhece tudo?

— Conheço sim senhor, eu trabalhei muitos anos aí, conheço tudo. O seringal que nós vamos é de um ex-patrão meu, um dos melhores patrões que tinha pra pagar saldo.

— Tá bom.

Então quando faltavam três voltas eu disse:

—Turma, é aqui. Pára tudo.

O sub-tenente perguntou:

— Quantas voltas faltam?.

— Tem três voltas. Quando terminar as três voltas, tem um estirão e pode parar o motor nas três voltas. Vai entrar um estirãozinho que tem uns quatrocentos metros, aí pára.

Quando faltavam as três voltas eu disse:

— É aqui.

Todo mundo parou e eu disse:

— O estirão é esse aqui, aqui nesse estirão estão os depósitos e a beira dos barracões todinhos.

Nós chegamos lá na câmara lenta. Quando o barco encostou o sub-tenente disse:

— Todo mundo cercando os depósitos!

Eu disse:

— É por aqui. Vamos pra Serra, vamos correr porque se esses armamentos estiverem aqui estão todos no pé da Serra.

Mas o cabra deu um alarme falso. É que ele tava baleado e tava puto né, tava baleado na costela e no braço, mas não era grave. Mas aí, coitado, ele pediu auxílio ao exercito né. Rapaz, quando chegou que nós saltamos com toda a força, pisando macio, aí o sub-tenente pegou o apito: Priiiiiiiiiiiiiittt. Era soldado correndo por todo canto. Eu corri e disse:

— Me acompanha aqui pro pé da serra.

Mas antes de ele apitar, primeiro eu disse:

— Seu sub-tenente tem esse depósito, tem aquele, tem outro lá e tem o do pé da serra. Eu vou pro pé da serra junto com a força, o senhor me dá dez soldados pra lá.

— Leva dez homens pra lá.

Então nós fomos. Quando o sub-tenente apitou o alarme, rapaz era nêgo correndo... Aí ele disse:

— Onde tiver, baioneta escalada. Nem vai e nem vem, nem se senta e nem se levanta, onde tiver é pra permanecer, é ordem severa.

O sargento disse:

— Pode deixar.

Os soldados já estavam todos transmitidos da ordem. Inclusive tinha um amigo meu que era até meu parente rapaz... foi muito engraçado isso... coitado, ele não me reconheceu. Eu de capacete, daquele capacete de aço, todo fardado ele não me reconheceu né. Eu fui pro pé da Serra e depois, na volta, eu encontrei com ele, mas ele não me conheceu. O cara vinha com a lamparina... no seringal é lamparina né, a poronga... aí eu disse:

— Êpa! Pára aí... nem baixa o braço... não abaixa nem levanta, fica aí onde tá.

Você já pensou o cara ficar com a poronga na cabeça como ele ficou né, parado ali? Ele ficou todo assustado:

— O que foi? O que é que tá acontecendo?

Isso foi muito engraçado... ele ficou muito assustado.

Enquanto isso o sub-tenente disse:

— Pega o gerente!

Quando pegaram o gerente... tava na barraca dele... o sub-tenente disse pra ele:

— Se você negar você vai morrer porque a ordem que eu trago é pra metralhar tudo aqui, não escapa ninguém não. Aqui só não morre mulher e criança, mas o resto se acaba tudo.

Porque você sabe: numa aglomeração dessa o cabra fica com medo mesmo. E sendo o exército logo, né?! O cara tem medo da polícia, mas não é assim... no exercito a coisa é outra.

Então eles ficaram todos lá e nós fomos lá no pé da Serra... não tinha nada. Voltamos e dissemos:

— Seu sub-tenente, não tem nada. Ficaram cinco homens lá, de prontidão, mas não tem ninguém.

Eu disse pro sub-tenente:

— A coisa está aqui dentro do depósito, se tiver arma elas estão aqui dentro... e não tem ninguém armado. Só tem esses seringueiros que estão por aqui... só empregados, não tem ninguém armado, ninguém apareceu lá.

Era alarme falso. Aí o gerente do barracão foi e mandou uma velha lá se deitar em cima de um colchão... numa cama velha e gemer pra dizer que tava doente. O sub-tenente disse:

— O senhor dá um jeito de mandar tirar ela daí e botar noutro lugar porque nós temos que revirar os colchões.

— Mas ela não vai agüentar!

— Tem que agüentar! E deixe de conversa senão você vai ver...

Aí o cabra aquietou-se. Tiraram a velha, botaram numa rede e levantaram o colchão. Tinham três fuzis e uma metralhadora. O sub-tenente perguntou pro gerente:

— Cadê a munição dessas armas?

— Não tem, não tem.

— Tem dez minutos. Sargento, marca no relógio dez minutos, se ele não falar atira, corta ele na bala!

Já tinha vindo ordem de Brasília... não era nem de Brasília que nesse tempo ainda não tinha Brasília... era Rio de Janeiro. Já tinha vindo ordem do exercito de lá, do General, dizendo que não era pra facilitar... era pra agir dentro daquilo que era possível.

O sub-tenente disse:

— Vamo embora rapaz, tá terminando... eu vou mandar metralhá-lo!

Ele disse:

— É... tá... tá ali, me acompanhe que tá ali.

Tava debaixo de uma caixa. Tinham cinco mil tiros ali, da metralhadora e do fuzil... tinha até granada... sim senhor. Isso tudo sabe pra que era? Isso tudo era projeto do... não era do patrão que o patrão era um abestado, não sabia de nada, era o gerente, o gerente é que era danado, era grego o gerente. Ele ficou todo amedrontado. O sub-tenente falou:

— Embarque essa munição no motor, lá dentro do motor, na chata.

Botaram tudo pra lá. Eu digo:

— Vamos revirar, vamos entrar dentro desse depósito grande.

Reviramos tudo e não tinha mais nada, era só aquilo mesmo. Era com essas armas que eles amedrontavam índio e tudo, naquela época. Aí meu amigo, essa foi uma missão que eu fiz. Ah, mas eles ficaram muito satisfeitos comigo.

Naquele tempo tudo era atrasado aqui. Isso era pra ter sido filmado, era pra ter sido feito uma revista... era pra fazer alguma coisa, porque merecia, não era? Mas não! Naquele tempo tudo era atrasado. O que acontecia, acontecia. O que não acontecia ficava por isso. Então isso passou-se e eu fiquei no exército ainda.

Depois veio a notícia do Tenente Fernando... não sei se você chegou a ver. Foi um tenente que era pra ser o governador daqui de Rondônia, que nesse tempo era Território Federal de Rondônia... esse homem era o Tenente Fernando. Era um rapaz novo, eu conheci ele. Eu ainda cheguei a vê-lo em Porto Velho, com um bigodinho bem fininho. Era Primeiro Tenente... ele ia sair do exército pra ser governador. Naquele tempo não tinha negócio de eleição. Era colocar e pronto. Aí apareceu o Coronel Aluísio Ferreira, que era major naquela época, foi quem se tornou o governo do Território de Rondônia. Ele foi governador por dezesseis anos... ninguém entrava, ninguém saía... era só ele. Um dia o tenente Fernando, mais um sargento e um cabo, foi caçar lá em Porto Velho, no sentido de quem vai pro Candeias. Tinham umas araras gritando e ele, com vontade de matar né, foi e disse pro sargento:

— Sargento, deixe que eu vou matar as araras.

— Então vá tenente!

Os dois ficaram na estrada... não, estrada não, era pique, não tinha estrada ainda.

Ele era uma boa pessoa, mas era justiceiro, ele era o homem da justiça, ele era militar mas um militar que não era besta não, era um cara inteligente, muito inteligente esse Tenente Fernando. Ele ajeitou muita coisa dentro de Porto Velho.

Então ele foi matar as araras e eles ficaram esperando. E nada... nada... nem atirou nem nada. Desapareceu! Segundo eles o tenente desapareceu... essa é a história que eles contavam. Um dos dois, que andavam com ele, eu conheci. Ele era comerciante aqui em Guajará-Mirim. Já morreu também... já tinha saído do exército fazia anos. Eu cansei de fazer brincadeira com ele, dizia de brincadeira com ele:

— Você matou o homem rapaz!

— O senhor é doido seu Mendes? E eu vou fazer uma coisa dessas?

— Eu tô brincando, é prosa minha.

Então, no dia do sumiço, eles esperaram... e nada. Você acredite, com palavra de honra: voou! Porque desapareceu sem deixar sinal. O sargento disse:

— Tá aqui onde o tenente pisou.

Tinha um formigueiro de saúva e no formigueiro onde você pisa fica a marca da bota né. E o tenente tava de bota. O sargento disse:

— Aqui... tá aqui o rastro.

Da beira da estrada a uns cinquenta metros só. Esses cinquenta metros meu amigo foram revirados à máquina! Não ficou uma raiz, não ficou nada. Então a marca daquela bota, da bota esquerda e da bota direita foi tirada, muito bem tirada. Além de tirarem a foto, tiraram a marca da bota, preservando. Essa marca onde ele pisou foi pro quartel, pra não desmanchar aquela marca da bota dele. Pé direito e pé esquerdo.

E o tenente desapareceu! Reviraram muito essa mata. Eu fui lá aonde ele desapareceu. Depois de muito tempo que eu era taxista eu fui lá. Passei por lá com passageiros, já tinha estrada, tinha tudo. E lá me disseram:

— Aqui é o lugar onde houve o desaparecimento do tenente Fernando.

Eu digo:

— É aqui?

— É, foi aqui... desapareceu nesse mato.

Os militares que tavam com ele foram presos. Perguntavam pra eles:

— Sabe do outro?

— Sei nada não, não houve nada não.

Homem nenhum confessou nada. Então passou-se o tempo e quando completaram-se doze anos que o Tenente havia desaparecido veio um boliviano do seringal e disse:

— Tenente Fernando tá lá com os índios, os índios Buritis.

Os índios Capixaba, Capixaba era o nome dos índios que estavam com o Tenente Fernando na maloca. O comandante então mandou me chamar. Disse:

— Você é escalado pra ir com o oficial.

— Sim senhor! Pois não, eu vou!

Aí apareceu um soldado, um preto, e disse:

— Não, eu sou quem conhece todas essas regiões... mais do que o soldado Martins.

O comandante disse:

— Você conhece mais do que o soldado Martins?

— Conheço, conheço tudo também.

O boliviano... que era boliviano, mas falava bem o português, vivia trabalhando dentro de seringal nosso, no Brasil. Ele disse:

— O índio Juriti exigiu um homem branco... quer entregar o tenente a um homem branco que seja oficial também. Às dez horas do dia, de tal dia da semana. Vai ser entregue às dez horas

do dia. Os índios vão entregar ao pessoal do barracão, ao gerente e para o exército, mas o exército tem que ir.

E esse oficial tinha que ser branco e ele era preto. Mas se interessou a ir... foi luta, foi luta... terminou que eu fiquei e ele foi. Com dois dias ferveu o negócio lá e o comandante disse:

— Mas o homem que foi enviado disse que o tuchaua veio na beira do rio e disse que não pediu preto, pediu branco, oficial branco pra receber o Tenente Fernando ou então ninguém entrega.

Então o sub-comandante, o Tenente Moura, disse:

— Eu garanto a você que vou trazer um homem branco.

E ele, o preto, todo de penacho e tudo... eu tô rindo porque foi muito engraçado... rapaz, brasileiro é bicho sem vergonha mesmo.

O comandante disse:

— Você vai numa missão. Você não foi ser o oficial, mas agora tão exigindo um homem branco e o homem branco é você, que conhece tudo.

— Sim senhor, estou pronto!

Ele chamou o sub-tenente e falou:

— Pega um fardamento com estrela, tudinho, capacete de oficial e tudo pro soldado Martins que ele vai à missão, vai mais quinze homens pra lá.

E veio um coronel que era parente do Tenente Fernando, era irmão dele. Esse homem uma hora chorava e outra hora ria-se com tanta alegria. O velho pai dele ainda era vivo, velhinho... ele morreu na cadeira, na preguiçadeira. Morreu de tanta alegria de saber que o filho tinha aparecido, deu um infarte nele e ele morreu. Ainda perdeu o pai. A mãe já tinha morrido há anos. Ele juntava os brinquedos do Tenente Fernando, de quando ele era criança... trenzinho, carrinho elétrico, tudo. Veio tudo na revista, saiu tudo pra gente ver.

Eu ainda não tinha vestido o fardamento... o fardamento tava guardado ainda, iam me entregar lá na mata, né. Eu cheguei lá eram onze horas do dia e no outro dia ia ser entregue o Tenente Fernando. O comandante disse:

— Você tá pronto? Você tá com a coragem?

— Ora, mas sim senhor!

O coronel veio e já pra chegar no outro dia, que ia ser dez hora do dia, ele chamou o sub-tenente e disse:

— Sub-tenente quem é o militar que vai representar o oficial?

— É o soldado Martins, esse brancão aí, esse é o homem de confiança que nós temos no exército.

— Diga pra ele que eu quero falar com ele em secreto, só eu e ele!

Ele chegou e disse:

— Você é filho daqui?

Eu digo:

— Não senhor, eu sou do nordeste. Mas nós viemos pra cá em quarenta e três, no tempo da guerra e minha função é só cortar seringa.

— Me diga uma coisa, eu quero que você me faça isso pelo amor de Deus! Praça, não me negue, não me esconda nada, me fale a verdade que eu vivo sofrendo por causa do meu irmão. O meu pai já morreu de tanta alegria e eu quero descobrir essa verdade.

— E qual é a verdade que o senhor quer comigo coronel?

— Eu quero saber se você conhece esses índios.

— Coronel o senhor quer saber de uma coisa? Eu não vou jurar pro senhor que eu não sou homem de jurar e nem vou dizer fofoca. O que eu vou lhe dizer... se o senhor quiser acreditar em mim o senhor acredita! Não é obrigado. Agora, se não for verdade isso que eu tô lhe dizendo... o senhor pode mandar me cozinhar dentro de um tacho fervendo!

— Já sei que o senhor é um homem de vergonha e que fala a verdade!

— E o que é o senhor quer?

— Eu quero saber como é essa porção de índios.

— Tudo é mentira!

— O quê?

— Tudo é mentira, não existe nada disso. Coronel eu tenho muitos anos aqui dentro dessa região. Daqui donde nós estamos eu trabalhei daqui a meia hora de subida. Eu conheço tudo! Aqui só tem uma qualidade de índio... e outra abaixo de Guajará-Mirim.

— E qual é esse índio?

— Aqui é o boca-preta, é o índio da gruta, beijo roxo, esse é o índio que existe aqui! E lá embaixo o índio Arara, que é esse que tem a venta furada e as orelhas com pena! E não existe outro coronel, aqui não tem outros índios, são só esses.

Ele disse:

— Não me diga uma coisa dessas! Isso é mentira?

— É mentira!

— E esse soldado que veio disse que correndo com medo dos índios?

— Isso tudo é trama, inventaram. O senhor pode ficar na certeza que o soldado Martins tá lhe contando a verdade. Não existe esse negócio de Juriti, Bacuri e Capixaba! “O Juriti vai entregar pro Capixaba”? Tudo mentira. Só existem duas qualidades de índio aqui: é da gruta, que são os índios do beijo roxo e o Arara, lá abaixo de Guajará, só isso.

— Mas praça, não é possível uma coisa dessas! O gasto que o exército tem feito com essa notícia, com essa mentira!

— Pois é. E o senhor sabe o que é que essa mentira tá rendendo?

— O que é que acontece?

— Vou lhe dizer coronel, eu não quero que o senhor afirme, mas é isso que eu vou lhe dizer: isso aqui chama-se lago de lama! É o Ocaia: lago de lama! Os patrões querem que a gente entre dentro desse igarapé, do igarapé Ocaia, e bote os índios pra correr pra eles poderem colocar seringueiro. É só isso. Porque a melhor seringa que tem no Ouro Preto tá aqui e tá toda virgem! Ninguém entra porque é dos índios, os índios não deixam, metem a flecha em quem entrar. Então eles querem que nós entremos atirando, broqueando... pensando que o exército vai fazer tiroteio aí dentro com metralhadora e bomba e o caralho a quatro. Mas não tem esses índios, é mentira. Nem tem Tenente Fernando, é mentira também.

Ele disse:

— Olha praça, eu queria que fosse meu irmão, isso eu queria.

Eu digo:

— Coronel eu conheci seu irmão. Não era uma criança. Eu o vi em Porto Velho e era um homem destemido, um homem bem simpático.

— Conheceu mesmo?

— Conheci. Se não fosse o coronel Aluísio Ferreira quem era governo do território de Rondônia era seu irmão. Esse é que ia ser o governador para toda vida aí dentro. Mas o negócio é que veio o coronel Aluísio Ferreira que saiu do exército para ser governo daqui do Território. Mas o Tenente Fernando não existe pra cá. O senhor repare a distância que o Tenente foi acolhido.

Ele disse:

— Se fosse verdade eu promovia todos vocês, porque eu tenho ordem do Ministro da Guerra de promover todos aqueles que me ajudarem a encontrar meu irmão.

— Eu sei que o senhor faria isso coronel. Eu lamento muito de o senhor tá sofrendo, sofrendo perda de sono, agonias, come um dia bem, um dia mal... tudo porque nós estamos nessa luta dentro da mata.

— Praça, eu vou chamar o sargento e vou mandar ele levar você pra fazer um rodo nessas tais estradas de seringa que eu não conheço.

— Eu sei o que é estrada de seringa.

— Pois eu quero que você vá ficar lá a noite toda, você e mais dois soldados. Quando o dia amanhecer você vai direto lá pro ponto que é pra receber o Tenente.

— Não tem Tenente, tudo é conversa coronel.

Ele baixou a cabeça e as lágrimas começaram a correr, pensando naquilo que tavam enganando ele. Eu disse:

— Olhe coronel, o senhor tem cinco repórteres fotográficos. Na hora que eles tiverem balançando o mato lá, gritando e fazendo algazarra o senhor manda o Ubiratan de Lemos, que é o maior repórter que o senhor tem, bater chapa que vai aparecer a cara dos bichos.

Ele disse:

— É mesmo!

E preparou tudo, já no esquema, sem o patrão saber porque se o patrão soubesse não ia dar certo né. O preto que era soldado disse que já tinha levado uma carreira dos índios. Tudo era mentira, combinado. Os patrões seringalistas prometeram dar muito dinheiro pra ele. Viu aí como era? Foi encaixando no que eu dizia pro coronel.

Quando foi pra nove horas disseram:

— Ei, os índios tão aqui do outro lado do rio!

E o rio é estreito, da largura de uma rua, dava benzinho pra bater a foto né, eles tinham umas máquinas muito grandes. Rapaz, quando o mato começou a balançar, o índio saiu, o tuchaua. Aí Clic... Clic.... Clic... batia tudo. Eles não sabiam de nada. Não apareceu bacuri, nem capixaba, nem Tenente Fernando, nem nada. Então o major começou a ficar enfezado. O major enfezou-se com razão. Quando fizeram a lavação nas chapas eu disse:

— Esse aqui é o patrão Zé Barbosa. Ele tá de tuchaua, de arco, mas isso aqui é ele. Esse aqui é o Adauto Cortês, é um outro patrão. Eles são os índios que tão balançando o mato aqui.

Ah rapaz, ser você visse! O coronel disse:

— Pega esse filho-da-puta desse boliviano que veio com essa mentira.

Combinado com os patrões, o boliviano foi quem fez essa alçadura de vir no quartel, contar a que o Tenente tinha aparecido. O capitão perguntou pra ele:

— Você conhece o Tenente?

Ele disse:

— Conheço o Tenente.

Deixe estar que já tinham conseguido o retrato do Tenente Fernando e treinaram o boliviano dizendo: “-É esse?”. “-Não é esse aqui”.

E lá no quartel espalharam umas quinze fotografias. Do Tenente Fernando uma só, no meio de todos aqueles oficiais militares. Ele, o boliviano, chegou e olhou... olhou... olhou e disse:

— É esse aqui.

O capitão olhou o retrato e falou:

— Você tem certeza que é esse?

— É esse sim homem, é esse aqui que é o Tenente Fernando que eu vi lá! Não tem erro coronel. É exatamente esse

— Tá bom.

Foi isso que nos levou até lá. O coronel ficou pensativo e disse:

— Se isso for mentira eu vou meter muita gente na cadeia.

— Se for mentira coronel?! Não existe nada coronel. Eu não nasci aqui dentro dessas matas, mas me criei aqui, pra bem dizer. Porque eu cheguei muito novo pra cá e eu conheço tudo. Eu trabalhei durante dois anos numa colocação que fica a uma meia hora daqui coronel. Conheço tudo!

— Você conhece mesmo. Ah se fosse meu irmão! Eu lhe promovia a sargento.

— Eu sei que o senhor promovia, porque a alegria é tão grande... e não é só pro senhor, que é irmão. É pra toda a família e pra nós, que nós queríamos que fosse seu irmão e esses índios o entregassem. Mas não existe esse negócio de Bacuri, nem Juriti, nem Capixaba, tudo é mentira. Chame de mentiroso Coronel! Pode chamar de mentiroso que não existe isso, que tudo é mentira. É um safado mentiroso!

E quando ele viu o foto ele disse:

— Não é possível! É mesmo! O que o soldado falou tá aqui, exatamente como ele falou. Arreia o pessoal!

Lá venho eu e o dito carcará que queria ser um oficial preto. Vieram todos aí pra Companhia Militar. O boliviano veio preso, algemado logo. Rapaz foi tanto nêgo preso, patrão preso, que encheu a cadeia lá do quartel. Tinha um, o que era dono dessa casa aqui na esquina da minha rua, o Adauto, que me conhecia muito né, desde quando eu cortava seringa. Ele me disse:

— Mendes, quê que vão fazer comigo?

Eu digo:

— Rapaz , a lei é essa: vai ser fuzilado!

Mas eu dizia só pra botar medo né. Ele disse:

— Eu vou ser fuzilado?

— Vai. Você errou rapaz! Você abusou do exército brasileiro e você vai ser fuzilado.

— E eu posso ver a família?

— Voce é tipo um terrorista de guerra. Você errou e vai ser fuzilado. Você não tem direito de ver filho, nem mulher, nem ninguém.

E ele imaginava na mulher dele que era bem novinha e ele já era velho pra porra né. Ele tinha bem uns quarenta e cinco anos por esse tempo.

Mas então viemos todos pro quartel. Quando foi no outro dia o coronel mandou me chamar e disse:

— Praça eu fiquei muito contente. Você é um exemplo do Exército aqui em Guajará-Mirim.

— O quê que eu falei pro senhor?!

— Você conhece mesmo essa região.

— Conheço.

— E esse bandido, esse safado, eu vou arranjar uma expulsão pra ele. Vou botar ele expulso do exército. Esse canalha! Dizer que correu dos índios, sendo mentira.

— Mentira! Ele sabia quem eram os patrões que tavam fazendo essa armação, que era pra poder nós entrarmos broqueando o garapé de bala e os índios iam se mudar pra muito além e o garapé ficava pra eles explorarem e botar seringueiro.

— Era isso mesmo!

O coitado do boliviano passou um ano e dois meses no quartel, capinando aquele pátio do quartel todinho, limpando. Ele acabou com uma sandália havaiana... porque não agüentava, de tanto ele andar naquele pátio, capinando. Entrava em forma na hora da bandeira e tinha que ir também pra parada. Ia pro rancho também, mas não deixava a sandalinha, até que ela se acabou. Eu dizia pra ele:

— Mas Salazar – chamava-se Salazar ele- como é que você, rapaz, um homem tão trabalhador, um boliviano tão trabalhador, acostumado a viver dentro do Brasil trabalhando, porque você fez uma coisa dessa rapaz, você não tem vergonha?

Ele disse:

— Foram os patrões.

Ele abriu o jogo todinho pro Coronel, ele contou tudinho pro Coronel e pro Capitão, comandante da força. O coronel perguntou:

— Quer dizer que era isso?

— Era sim senhor. Pra explorar, entrar no Ocaia e os índios correrem pra eles tomarem de conta.

— Que trama hein?! E esse retrato que você viu?

— Eu vi porque me mostraram.

— Eles têm esse retrato?

— Têm.

— Pois eles vão entregar. Vou mandar fuzilar tudinho se esse retrato não aparecer aqui dentro do quartel.

Aí o retrato apareceu. O coronel perguntou pra ele:

— E o quê que os patrões disseram?

— Que era pra dizer que era esse o Tenente. E eu passei quase um mês olhando e treinando.

— Pois você treinou bem né, que quando espalharam você sabia qual era!

— É.

O boliviano falou pra mim.

— Qualquer um faria isso seu praça. Qualquer um faria.

Eu digo:

— O quê que eles prometeram?

— Eles prometeram de dar muito dinheiro, cada qual me dar uma parte de dinheiro e eu ir me embora procurar minha vida aqui dentro do Brasil, outra vida melhor, sem o seringal.

Ele era um bom seringueiro, ele fazia mais de mil quilos de borracha. Mas ficou ali, obedecendo as ordens do Exército. Com um ano e dois meses que ele teve aí ele foi entregue à polícia, polícia civil, nesse tempo não tinha PM. Ele chorou pra não ir, ele queria ficar no exército mesmo, cumprindo a sentença dele no exército. Porque ele sabia que ali ele não apanhava. O comandante disse:

— Não! Você não vai apanhar. Você foi endossado pelos outros, você vai ser liberado. Você vai para a polícia e vai passar lá quinze dias preso. Vão fazer as ocorrências mas já têm ordem pra liberar você.

Foi quando ele ficou mais contente. E assim foi, meu amigo, essa minha luta... mais essa dificuldade. Nós chegamos até lá e nesse dia eu fiquei de descobrir a mentira. Eu tinha certeza absoluta que era mentira, por isso eu disse pro coronel. Ele me chamou e eu fui e disse:

— O senhor quer a verdade?

Ele disse:

— Quero soldado, eu quero a verdade.

— Então a verdade eu vou lhe contar!

Aí contei pra ele. Ele disse:

— Mas não pode!

— Pode sim senhor. O senhor não vai ver seu irmão!

Mas a gente sabe rapaz, o que aconteceu. Devido a ambição que tinham aqui pelo território, de governar esse território que hoje é o Estado de Rondônia. Rapaz, naquele tempo a lei aqui era o Aluísio, ele que mandava.

Então foi assim meu irmão. Essa foi a primeira dificuldade que nós tivemos aqui. Foi quando eu soltei todo o seringal e não quis ir mais pra seringa.

Depois eu tirei a carteira de motorista e fui trabalhar de taxista. Trabalhei vinte e seis anos de taxista aqui dentro de Guajará-Mirim. Eu ia pro Acre, ia pra todo canto, fretado, mas eu

era taxista daqui de Guajará-Mirim, não era de Porto Velho não, eu era daqui. Aqui eu tirei a carteira e aqui eu fiquei trabalhando. Quando o carro tava velho, eu comprava outro... sempre carro usado. Não tinha condições de lutar pra comprar um carro novo não... não tinha condição. Então eu comprava um carro usado. Trabalhava um ano, dois anos e já tava ruim porque era usado já, de terceira mão. Então eu vendia e comprava um melhorzinho. Passei vinte e seis anos como taxista. Tenho o testemunho com quem você quiser aqui dentro de Guajará-Mirim, com os meus colegas, com os que não soltaram a praça também... como eu soltei, porque não tinha mais condições de trabalhar. Eu não tenho mais condições de viver assim, trabalhando.

Foi nesse tempo que a minha esposa faleceu e eu arranjei essa mulher e já tô uma porrada de ano com ela. Tenho um filho no Exército, tinha um outro, também no exército, um gordão, que saiu, só serviu um ano. Agora o outro tá lá dentro há oito anos. Fez o curso de cabo e tudo, tá muito bem. Mas vai ser licenciado porque o exército não dá mais garantia nem ampara mais ninguém. Com nove anos, é rua. Não estabiliza mais. Não é como no tempo que estabilizava. Vixe Maria, no meu tempo o comandante e o sargento pediam:

— Não rapaz, não seja licenciado, fica no exército, tu vai sair pra reforma.

Era assim. Mas hoje não, hoje só serve aquele tanto e pé na bunda... acabou. Então eu acredito que isso é uma história da minha vida.

E aqui eu fiquei como taxista. Tá com cinco anos que eu sai da praça porque eu não agüentei. Eu dirijo, tem um carrinho velho aí, eu dirijo e tudo... mas não na praça mais. Foram só os vinte e seis anos que eu passei trabalhando, as estrada ruins, porque não tinha asfalto... era estrada ruim mesmo. A estrada daqui pra Porto Velho, nessa BR, meu Deus do céu, eram dois dias de carro, era quase igual no trem. Porque de trem eram três dias daqui a Porto Velho, na Maria-Fumaça. E no carro enganchavam dois dias devido à lama, o atoleiro, o aguaceiro. Não tinha asfalto, não tinha nada. E desce, e empurra... Era! Eu andava com dois socorros... dois macacos pra poder fazer uma viagem. A gente não tinha nem vontade de pegar e fazer uma corrida pra Porto Velho por causa da estrada. Mesmo assim a gente ia... reclamando, mas ia. Mas eu era prevenido. Não tinha um borracheiro pra colar um pneu. Você sabe o que é que eu fazia?! Eu levava a bomba manual. Na beira da estrada daqui pro Acre eu levava já preparada uma tijelinha e minha faca de seringa que eu ainda hoje tenho. Eu cortava a seringa, aparava o leite, já levava o remendo pronto, melava o remendo com o leite da seringa e depois colocava pra secar no sol. O passageiro tinha que esperar, não tinha outro jeito! Quando secava eu pregava o remendo no furo e pronto! Alí só Deus! Eu pegava, botava o pito e vum... vum... vum....vum. Botava às vezes vinte e cinco ou trinta libras... que o cabedal são trinta libras, né. Eu tinha até medidor, eu levava tudo. Eu era um taxista prevenido porque eu sabia a distância, sabia a dificuldade e não tinha pra onde correr. Em Santa Clara é que ia ter um borracheiro... era muito

difícil. Se espocasse antes, tudo bem. Pelo menos pra quem era prevenido como eu. Então eu botava o meu remendo e quando chegava lá mandava logo remendar:

— Remende esse pneu! Eu não tô ocupando, mas ele tem que ir pra dentro do carro.

Então toda vida eu fui prevenido, nunca fiquei acuado na estrada, porque tudo eu tinha prevenido. E assim foram vinte e seis anos que eu passei de luta, meu irmão. Eu não tive mordomia, não senhor! Se eu disser que eu tive mordomia eu sou o maior mentiroso do mundo! Não tive. Eu nunca tive ajuda de ninguém... somente de Deus, porque Deus me ajuda... e da minha família.

Há pouco tempo, porque eu, trabalhando, passava horas sem comer e foi indo, foi indo e deu uma gástrica e essa gástrica virou ulcerosa. Essa é uma parte da minha vida também que eu passei uns três anos doente. Eu passei todos esses anos com essa dor, três anos com a gástrica. E a minha mulher sofrendo também. Eu fui pro Ceará pra me operar, cheguei lá não me operaram... voltei pra cá, cheguei em Porto Velho e depois vim pra Guajará. Aí eu piorei, piorei mesmo que não tinha jeito... eu sofri demais. Meus colegas, os taxistas, vinham aqui em casa me ver, quando não era dentro do hospital, depois chegavam lá no banco da praça e diziam:

— Olha, nós vamos perder um grande amigo que nós temos na praça! Um cara legal demais que é amigo de todo mundo.

Aí diziam:

— Quem é?

— É o Dico Mendes, o taxista. Tá bem mal, já não conhece mais ninguém.

Eu não conhecia mais ninguém... iam me visitar e eu não conhecia. A mulher era quem me dizia:

— Olha veio fulano, fulano e fulano te visitar... veio o comerciante fulano de tal...

Eu dizia:

— Eu não vi não!

— Pois é... tu olhava pra ele, mas não via nada.

— Pois é, mas eu não tava conhecendo, tá bom?! Mas eu vou chegar lá porque Deus vai me ajudar.

Foi quando vieram os filhos da primeira família. Esse rapaz que eu tenho, o mais velho, que é militar, disse:

— O senhor vai se operar!

Eu disse:

— Rapaz....

— Não, o senhor vai se operar, o senhor não se preocupe não!

Eu fui então pra Porto Velho, fui me operar lá. Cheguei lá e fiquei três meses na mão de um médico embromão, que não valia nada, era só comendo o meu dinheiro. Olhe, eu vendi o moto-serra e vendi minha colônia, que eu não dava hoje por dinheiro nenhum. A mata que eu tinha era muito grande, era um quilômetro e meio de frente por quatro mil metros de fundo, era muita terra. Toda virgem, sem ninguém meter nada, mas vendi tudo. Fui e vendi a placa do meu táxi... fiquei sem placa... por micharia, pra juntar esse dinheiro e poder ir embora pra Porto Velho. Quando eu cheguei lá, já quando eu vim do Ceará, passei três meses dando dinheiro pra um cabra sem vergonha, um doutor... Dr. Miguel, não valia nada. O meu irmão, que trabalha em Porto Velho, disse:

— Meu irmão, você tá pior. Vou lhe tirar da mão desse embromão, desse médico safado e vou procurar o Dr. Valdez, que é o melhor médico que nós temos aqui dentro de Porto Velho.

Eu disse:

— Eu quero ir pras mãos dele.

Ele era quem fazia meus exames e mandava pra esse doutor embromão. Quem fazia os exames era o doutor Valdez. O meu irmão foi lá e disse:

— Doutor, o meu irmão, a partir desse momento, é seu paciente.

Ele disse:

— Ah, agora sim! Ele é meu paciente?

— É.

— Olha, a primeira vez que eu fiz o exame do seu irmão pra ir lá pro médico dele, seu irmão tinha que ser operado com urgência. Mas eu não podia meter a mão porque não era meu paciente né. Então agora sim, é comigo!

Dr. Valdez! Esse médico eu tenho telefone, eu tenho tudo. Mas se você ver meu estômago, você não acredita. Pode até dizer: “Não, não... é mentira!”. E hoje eu tô aqui conversando com você. Antes se eu bebia um gole d’água tinha que jogar pra fora... não passava no esôfago. Então aí fui pra mão do Dr. Valdez e ele disse:

— Seu Raimundo, o senhor quer se operar?

— Quero sim senhor!

— Então o senhor vem segunda-feira. Nove horas o senhor vem na minha clínica.

E a mulher comigo... era quem me segurava. Nove horas nós fomos lá, já tinha um apartamento pra mim e eu fui pro apartamento... tava tudo bacana. Quando foi nove e meia chegou a enfermeira e disse:

— Seu Raimundo, chegou a hora!

Eu digo:

— Sim senhora, pois não!

E eu fraco... tinha oitenta e sete quilos e fiquei com sessenta e três quilos. Tava indo mesmo ligeiro, né... tava se acabando. Aqui correu notícia que eu tinha morrido. O pessoal da Viação Rondônia, essa empresa que fica em frente da minha casa, veio aqui de manhã cedo e perguntou:

— Dona Maria, cadê o corpo? Cadê o corpo do seu Dico Mendes?

Ela disse:

— Não, ele não morreu não! Vem pra cá, mas vem bem, graças a Deus!

— Fiquei sabendo que ele tinha morrido!

— Não morreu não. Tá bem... foi operado.

Mas então chegou a hora da operação. Chegou a enfermeira que era daqui de Guajará e tava trabalhando lá, nessa clínica do Dr. Valdez. Ela disse:

— Tá na hora!

— Sim senhora.

Mas quando eu fui entrando eu disse:

— Eu queria que me dessem licença, permissão pra eu orar um minuto, que eu quero me entregar a Deus, porque eu sei que a minha situação tá feia.

— Sim senhor.

O médico, que vinha entrando, disse:

— O que foi que houve?

Eu contei pra ele e ele disse:

— Se você quiser orar meia hora pode orar, que você precisa. Seu caso é melindroso demais.

Então eu disse:

— Não senhor doutor, um minuto de minha oração já é suficiente.

Me concentrei a Deus na entrada da porta e me entreguei a ele:

— Deus, faça de mim o que quiser. Se for pra ficar aleijado, doente, eu quero que agora me levem e pra donde Deus me botar eu fico satisfeito.

Eu disse aquilo com muita força e rogância. Eu senti aquele negócio assim... sabe? Eu disse pra mulher:

— Eu senti um negócio no meu corpo, querendo voar.

Quando eu entrei na sala o doutor disse:

— Tá preparado?

— Pode me tirar o estômago e jogar fora, que eu não vou sentir nada. Eu tô preparado pro senhor.

— Então deita aí.

Então eu deitei. E a enfermeira já tinha limpado e raspado o lugar da operação, justamente onde foi essa cicatriz que vai da boca do estômago até o umbigo. O Doutor disse:

— Olha, não pode entrar tua esposa, não pode entrar ninguém. Só eu e outro médico que te conhece de Guajará-Mirim e que fez questão de me ajudar... e também a enfermeira. A tua esposa não pode entrar porque o teu estômago vai pra bandeja, eu vou operar fora depois vou trazer e colocar e ninguém da tua família vai aguentar ver isso. Eu sei que todos querem, mas não dá. Eles têm que ter paciência e não fazer aglomeração, têm que ter paciência que você vai se dar bem. Deus é com você... por mim e por você. Deus vai nos ajudar, tudo vai dar certo. Eu sou católico e peço a Deus que me dê habilidade nas minhas mãos, porque vou precisar. Tem lugar aí que, se mexer, você morre na pedra. E era isso que iam fazer. Mas Deus te conservou até tu vir nas minhas mãos, porque estômago eu faço todinho, de pedacinho em pedacinho. E ele vai funcionar igual como nasceu. Porque eu sou especializado em estômago, eu faço um perfeito.

— Graças a Deus!

Aí entrei pra pedra! Não vi mais nada... fui operado. Ele disse pra minha mulher:

— A senhora não pode entrar porque o estômago dele vai pra bandeja e a senhora não vai resistir. Nenhum parente entra.

Mas tinha vinte e seis pessoas da minha família lá na sala de espera. Era filho, era neto, era nora... tavam tudo lá rapaz! Eu tô rindo, mas é de alegria por saber que tinha tanta gente por causa de mim. O doutor até disse:

— Esse foi o doente que deu mais gente aqui. Nunca tinha dado tanta gente assim na sala de espera como deu esse paciente. Pois é... tá aí tudinho. É nora, é filho, é tudo... só parente. A família desse homem é grande demais e é muita gente. Essa família é grande!

Mas você acredita meu irmão que, quando eu orei, que me concentrei a Deus, eu senti aquele impacto em mim que parece que queria me suspender nos ares. Então Deus tava comigo e me botou na mão do homem certo, que ia me curar. Eu agradeço a Deus, a Jesus Cristo que é nosso pai e que é bondoso. A mulher chorava, a mulher lastimava e teve um dia que me faltou a minha fé, aí eu chamei a mulher e disse:

— Mulher, chegou a hora! Você toma de conta do que é nosso que eu vou lhe pedir que deixe eu morrer sossegado. Não quero mais que me leve pro médico não, pois eu não tenho... não tenho mais... tô desnordeado... e tá se aproximando a hora minha. Toma de conta do que é nosso. O que eu deixo é seu. Os meus filhos todos são grandes e os pequenos tão com você, que são seus filhos legítimos. Então você toma de conta.

Eu fui operado... saí e me dei bem. Aí vim pra Guajará-Mirim novamente. Então eu me senti outro homem. O Dr. Valdez disse:

— Onde eu mexer seu Raimundo, o senhor não sente mais uma dor. O senhor vai ficar com esse estômago novinho.

Eu nem podia comer. Eu via você comer e ficava de lágrima nos olhos sem poder comer, via você beber um copo d'água gelada e eu não podia porque a água descia espremido e era bem pouquinha. Acontece que Deus olhou por mim, eu sei que Deus olhou por mim. E Deus me ajudou que eu venci! Eu posso dizer que eu venci. Venci no beijo da sepultura! Não... eu não tenho vergonha de dizer não, eu digo a verdade. Eu rolava no chão... eu chegava e não queria mais nem conversa com meus amigos. Eu já tava querendo é que Deus me levasse mesmo pra deixar de tanto sofrimento. A mulher chorava, fazia promessa... “ó, meu Deus, não deixe ele morrer! Como é que eu vou ficar nesse mundo, eu não tenho parente, eu não tenho uma mãe, eu não tenho um irmão, não tenho um tio, não tenho nada na vida. Só eu, meu marido e meus três filhos no mundo... eu não tenho quem chore por mim”.

Foi quando eu disse pra ela:

— Você toma de conta de tudo que eu já tô no balanço. Conheci que agora o negócio pesou mais. Você vai chamar o juiz que é pra nós casarmos, nós vamos se casar. Eu quero deixar minha aposentadoria pra você. Não é grande coisa, mas vale a pena também.

Porque eu sou aposentado como Soldado da Borracha. Eu ganho dois salários e cada ano aumenta um pouquinho, né... pouco, mas aumenta. Pra ela tá bom. Então ela começou a chorar. Eu digo:

— Não, não adianta chorar. Você não via meu pai? Ele dizia: “olha vocês não querem que eu morra mas eu vou morrer, chegou a hora, tenham calma”. Então eu tô no mesmo vácuo!

Ela disse:

— Tu não vai morrer, tu não me deixa porque Deus é grande!

E de noite, na clínica, eu vi que ela tava de joelho com a mão posta a Deus. Eu digo: “bom, pelo menos eu tenho essa mulher que ora”. Os filhos aqui... todos perturbados, chorosos. Outro bocado tava pra lá, pra Porto Velho. Depois, no dia da operação foram todos pra lá. E o resultado, meu irmão, é que eu venci mais essa dificuldade. Cheguei aqui não deu mais coisa nenhuma onde o médico mexeu. Ele disse:

— Olha seu Raimundo, eu não vou mexer na sua úlcera, não vou mexer no teu pâncreas, porque ele vai dar um jato de sangue tão grande que, se a casa for baixa, bate até no telhado e não há estancamento pra ele. Então eu não vou mexer. Vou mexer onde é pra mexer! Te garanto. Tenha fé em Deus e em mim que eu vou vencer, vou fazer tudo direitinho pra você.

Já tinha intestino de carneiro, tinha tudo lá pra fazer meu estômago. Eu digo:

— Tá bom doutor! Faça o que você quiser, eu já me entreguei a Deus. Deus é meu pai, é meu protetor.

E aqui eu venci mais essa dificuldade. Já se passaram dois anos depois de operado e o estômago sem sentir nada... não comia e agora eu como que nem um boi. Meu estômago ele cortou todo, botou outros pedaços. Ele me disse:

— Você vai comendo aos poucos... coma quatro ou cinco vezes por dia, tudo passado no liquidificador pra poder ir dilatando o teu estômago porque eu diminui ele. Ele tá como um estômago de criança, mas ele vai chegar ao ponto de aceitar tudo o que você comer. Mas tem que ir devagar!

E assim eu fiz e hoje eu tô normal.

Mas apareceu uma dificuldade: uma hérnia... uma hérnia grande.⁶ Não sei se foi quando eu era taxista, porque quando o carro dava um prego no meio da rua eu empurrava pra beira. E uma pessoa só né... enfim, eu fiz muita força e lá apareceu essa hérnia. Rapaz eu chegava aqui, vinha lá do quiosquinho que eu tenho, já gemendo. Aí a Maria, minha mulher, disse:

— Vamos com a doutora Marlene.

Eu fui lá, ela fez a consulta e tudo e disse:

— Eu vou te operar. Segunda-feira vem que eu vou te operar.

Muito boa doutora. Ela é freira, é boa demais! Ela foi e cortou o meu pé, bacana! Tô me dando bem na operação que ela fez, não sinto nada. Depois eu fui pra... porque dizem que a gente quando atinge essa idade... uns quarenta anos, tem que fazer esses exames que eu tô fazendo, da próstata. Isso é indispensável pra qualquer um homem e uma mulher, a mulher faz do útero e o homem da próstata. A mulher me levou essa semana agora. O médico foi muito bom médico, direito, de competência. Fui e bebi dois litros d'água, ele fez e disse:

— Olha você tá com a próstata inflamada. Voce não sente nada?

— Não senhor, eu não sinto dor de maneira nenhuma.

— Mas você sente dificuldade pra urinar?

— Às vezes eu sinto, urino pouco.

— Pois é devido à inflamação. Mas você vai voltar aqui pra fazer novo exame, eu ainda não tô satisfeito com teu exame não.

Então ele deu o diagnóstico, deu a chapa que veio a próstata e eu vou voltar lá e vou vencer mais essa, se Deus quiser.

Ah, tem também umas experiências da minha vida que eu quero contar. Vou lhe falar e isso foi verdade, o meu companheiro é testemunha. Tenho ele, que já tá velho, como testemunha. Tá de cabeça branca, já não sabe mais nem o que diz, mas ele era novo nessa época. Era mais velho do que eu, mas era novo ainda, cortava seringa na colocação junto comigo. Eu tinha um cachorro e esse cachorro não me deixava pra coisa nenhuma, cachorro bom de caça e de tudo.

Uma noite eu saí e eu sei é que meu cachorro se arrupiu-se todo, isso eram seis horas da tarde... eu fiz uma promessa pra nunca mais sair aquela hora. Ou sair dez horas ou meia noite, mas quatro horas da tarde, como eu saí, pra escurecer no mato, que eu não fosse mais. E eu quando dei fé, pegaram meu cachorro e a peia cantou. E o cachorro entrando pra debaixo das minhas pernas e a peia comendo e o cachorro cãiaim... cãiaim... cãiaim... Era um cachorro que não remava vergonha não! Eu falei com aquilo, aborrecido, eu disse:

— Olha, não faça isso com meu animal! Se querem alguma coisa... querem um pedaço de tabaco, eu vou lhe trazer um pedaço de tabaco. Eu vou deixar aqui nessa seringueira, aqui nesse gancho pra você. Mas não bata mais no meu animal, por favor.

Porque eu ouvia falar que a Curupira do mato judiava com o cachorro, porque ele era bom de caça. Então a gente tinha que dar tabaco pra Curupira. Depois que prometi o tabaco, acabou. Não bateu mais. Quando foi no dia que eu fui pra essa dita estrada e cortei assim uns quatro dedos de tabaco, levei um mói de papelim, botei dentro de um saquinho plástico e deixei dependurado onde eu disse, na forquilha de uma árvore. Passaram-se uns quatro dias e eu fui de novo, cheguei lá não tava, aí olhei, procurei e não vi mais nada. Sem dúvida foi ela que levou. Mas o cachorro apanhou bastante, ficou no meu pé e eu não pude fazer nada.

Outra vez eu ia, eram doze horas da noite, eu saía sempre faltando dez ou quinze minutos pra chegar na boca da estrada às doze horas pra começar a cortar. Quando não saía dez horas saía doze. Mais de doze eu não saía não que eu não gostava, era melhor eu ficar em casa. Então ia ligeiro né, meu cachorro correndo na frente... aí pegou na minha estôpa e puxou pra trás que eu dei dois passos pra trás. Eu dei um salto com a espingarda e disse:

— Não torne a puxar porque eu atiro!

Parou! Não disse nada. Bom, isso aconteceu. Quando foi com uns dois meses mais ou menos eu saí cortando numa estrada que se chamava Cariazal. Era muito brejo que tinha, tinha muita água. Cruzava a água de noite, com a roupa na cabeça pra não molhar... nú dentro da várzea, nuzão, tamanha meia noite... doze e meia... uma hora... A hora que chegasse na beira do rio tinha que cruzar pra ir cortar a estrada. Então eu cruzava... eu tinha que cruzar pra o outro lado, pra continuar o corte. Quando eu cheguei numa madeira que se chamava “A mãe e a filha”, bem no rodo da estrada, eu vi aquele rasgado, assim mais ou menos há uns cinco metros da madeira... lá pra dentro do mato. Tinha um arimanzal, sabe o que é um arimanzal? E o arimanzal era brejado e tinha tudo chavascado, a terra era toda úmida de água, porque era brejo. Aí rapaz lá se vem no meu rumo e lá se vem mesmo e eu digo: “eita diabo!”, pensei comigo.

A coisa era feia, uma anatomia mais terrível do mundo que eu nunca vi aquilo. Aí baixei fogo⁷. Botei a poronga assim na frente... porque a poronga era grande... botei a poronga assim na frente e fiquei com a costa na parede da árvore, de joelho... um joelho no chão e a outra

perna dobrada e meti chumbo... o pau comeu. Eu dei seis tiros, aí acalmou. Eu digo: “matei! Mas agora eu não vou lá, tá escuro! Só com a poronga eu não vou. Eu vou colher. Quando chegar aqui eu passo de dia e vou lá”.

E quando foi de dia eu fui lá ver que bicho era aquele que me entremedou... que eu não tinha medo mesmo, não sabia o que era medo! Deus o livre se eu dissesse pro meu pai que eu tava com medo de uma alma. Eu levava uma pisa que a alma, se tivesse no meu corpo, saía. **Cheguei lá, você acredite, era arimã⁸.** Você conversando com alguém você vai saber o que é arimã. Arimã é com o que se faz peneira, que faz isso, faz aquilo... com o arimã do mato. Ela é alta, assim dois metros e meio, um metro, dois metros... é o tamanho dela.

Aí eu fui lá procurar. Rapaz tava um roçado de chumbo, onde pegou nas arimãs torava mesmo. Eu digo: “mas eu atirei aqui no meu rumo, não tinha errado”. Andei mais ou menos quase uns cem metros arrodando tudo. Não... nem sangue, nem rastro, nem nada. Eu digo: “ah, o negócio não é desse mundo!”.

Eu cheguei e disse pra meu pai que tinha se passado isso, isso, isso.... Ele disse:

— Não é coisa desse mundo, é do outro mundo. Isso foi tipo uma visagem que aparece devido o horário que você frequenta dentro das matas. Pode ter sido o cabôco da mata, pode ter sido o Curupira, pode ter sido outra coisa. Mas não desse mundo... é coisa invisível, por isso você não chegou mais lá. E ela voltou porque achou que você não era mole.

Então eu contei a história do cachorro:

— Meu cachorro apanhou entre as minhas pernas.

Ele disse:

— Isso já aconteceu comigo. Quando eu era rapazinho no Nordeste, vocês não eram nem nascidos ainda.

— Quer dizer que isso não é coisa desse mundo?

— Não, não é coisa desse mundo. É do outro mundo.

Isso foi uma coisa que se passou também. Esse cachorro não tinha dinheiro que tirasse ele da minha mão. Uma vez ele saiu correndo numa caça, uma cotia ou era um porco, eu não sabia... porque ele corria em toda qualidade de caça... quando eu cheguei na beira de uma baía, sabe o que é baía? É um lago dentro da mata, muito grande, de comprimento ele é grande, largura é pouca, a largura de cinquenta, cem metros. Quando eu fui chegando na beira eu vi meu cachorro. Foi o último grito que ele deu, coitado. Um jacaré que não tinha tamanho, um jacaré grande. Quando ele entrou n'água, sem dúvida atrás da caça, tinha muito jacaré e ele, coitadinho, foi o felizardo que foi agarrado. O jacaré ia mordendo ele, ele aos gritos e o jacaré mordendo... aí o jacaré mergulhou. Levou pro fundo. Eu perdi esse animal assim. Eu chorei. Chorei porque ele merecia o meu choro. Ele era um amigo de confiança. Os índios uma vez correram atrás de mim

e se não fosse ele eles tinham me pego e me levado e tinham me comido assado. Quantos rapazes, quantos meninos desapareceram dentro do seringal e nunca foram encontrados, nem em maloca nem nada?! Então eles comeram! Comiam assado, né. Então foi uma coisa muito feia isso. Foi o ano que eu trabalhei e tive que conseguir outro cachorro pra me acompanhar. Ensinei tudo o que eu podia ensinar a esse animal... pra ele ser meu companheiro, meu vigilante dentro da mata por causa dos índios, de onça. Mas esse, o primeiro, era apropriado pra isso. Nasceu pra aquilo, pra ser vigilante mesmo. Eu saía dez horas da noite, fechava o corte e chegava cinco horas da manhã. Aí eu estendia o saco no chão, o saco de eu carregar o leite, botava a espingarda do lado, me deitava e ficava ali. Depois ele se deitava, distante. Com pouco ele começava a dar aquele grunido: grumm... grumm... Então eu me acordava. Eu digo: “aqui não tem ninguém. É alguma coisa que tá se aproximando e o cachorro não deixa. Ou é índio, ou é onça. Seja lá o que for, tá se aproximando pra ver onde eu tô e o cachorro já deu fé”.

Então eu me levantava e me preparava, aí acalmava. Então ele foi muito vigilante pra mim. E eu perdi esse animal vendo ele ser mastigado e não podia dar jeito... não podia dar jeito naquilo. O jacaré mastigando ele e eu não pude dar jeito porque dentro de um lago daquele eu não podia cair porque tinha muito jacaré. Por isso eu fiquei revoltado com jacaré. Quando eu via um no lago eu sentava-lhe chumbo, atirava. Me lembrava do cachorro e ficava revoltado com ele. E ainda tirava a macacheira do rabo dele... levava e comia. Fazia um guisado do tronco da macacheira do rabo. Esse foi um ato que passou-se comigo dentro do seringal. E não me lembro mais. Eu sei que tem muita coisa, mas não me lembro mais mesmo, mas não foi só isso durante os vinte e cinco anos que eu passei dentro do seringal e vinte seis como taxista. Meus anos todinhos foram assim, na luta.

Então quando nós viemos do Nordeste pra Amazônia nós viemos direto pra cá. Nós não desviamos. Meu pai não desviou nada como ir lá botar nós um pro Acre, outro pra acolá... Porque, nessa época, isso aqui tudo era bacia amazônica. Depois foi separando. Hoje o Amazonas é em Manaus, Estado do Amazonas e capital é Manaus. Pois é, o Amazonas é pra lá. Aqui ficou separado, passou a território. Isso aqui era um povoado quando nós chegamos. Era uma cidade do Mato Grosso, aí passou a Território Federal de Rondônia.

Então meu irmão, essa é a minha vida e se tem mais alguma coisa eu não me lembro.

MANOEL ARAÚJO

Eu quero começar pelo seguinte: **é que eu, em mil novecentos e quarenta e quatro, fui dispensado do exército pelo quartel do 16RI pra ingressar no exército da borracha né, porque tava na época da guerra, uma época muito difícil que nosso país vinha passando¹.** Foi o seguinte: tinha polícia nas praças, naquelas pracinhas que tinham aqueles microfones, moveram todos os soldados. Houve debate, moveram políticos de tantas cidades, que tinham aquelas pessoas fazendo aqueles comícios no palanque chamando a gente porque a guerra tava surgindo e tava entrando primeiro no Rio Grande do Norte, que é o meu Estado. E pra isso, hoje tem a grande base, que nesse tempo era Campo de Parnamirim e hoje é Eduardo Gomes. Por aí que a guerra teve possibilidade de entrar no Brasil, pelo Rio Grande do Norte. Então, pra nos conquistar, eles eram inteligentes, eles faziam comício, chamando, convidando para o Amazonas. Quem não fosse fazer frente na guerra tinha que ir pro Amazonas fazer borracha. Tinha transporte, tinha farda, tinha comida, tinha tudo. E se aceitasse eles tinham responsabilidade pra trazer até o ponto estratégico onde existia seringueira, que era nativa... que a seringueira é nativa, né. Então era assim que eles conquistavam, um contava pro outro:

— Olha tá tendo alistamento para o Amazonas. E então você vai?

E eu digo:

— Não, vou não.

— Então você vai pra linha de frente.

E quando a gente chegava lá, pra se alistar, eles davam o conselho... eles aconselhavam e diziam:

— Olha, tem duas opções. Você escolhe: ou você vai pra linha de frente ou vai pro Amazonas extrair a borracha. Mas você tá sabendo que, se você for pra Amazônia, o americano vai contratar vocês, eles que vão pagar vocês, não é o Brasil quem vai pagar vocês, é o americano que vai contratar vocês, por ordem do presidente da República Getúlio Vargas. E vocês vão ser contratados pra trabalhar nessa fronteira onde só tem índios, feras, onças, tigres... vocês vão pra lá, vão enfrentar essa barreira lá. Mas é melhor do que vocês irem pra guerra, porque tá morrendo muita gente e tantos quantos lá estiverem vão morrer, não tem desculpa. Eu acho melhor vocês irem pra Amazônia porque vocês são soldados, mas vocês vão ganhar aquele dinheiro que vocês vêem na revista, em cinema, na fita de cinema, o patrão falando pra vocês. Vocês vão ganhar aquele dinheiro.

Quem é que não quer? Todo mundo quer dinheiro, né. Mas se eu soubesse que a assistência que eles dariam era pirarucu podre, farinha d'água podre, arroz podre e o feijão cheio de gorgulho, eu tinha ido pra linha de frente porque eu tenho certeza que na linha de frente os soldados não comeram o que a gente comeu aqui, eu tenho certeza disso. E foi a maneira que eles nos conquistaram e trouxeram até aqui no ponto estratégico pra extrair borracha. Eu me alistei no dia oito de maio de mil novecentos e quarenta e quatro, no Ministério do Trabalho, em Natal, no Rio Grande do Norte. Daí eu fui levado pra uma área que já tinha disponível, com barraquinhas de lona do exercito, pertencente ao quartel general de Natal, do 16RI – 16. E lá nós fomos botados, já por conta do exército. Lá a comida do exército era nossa.

Quando chegaram os carros do exército, aqueles carros de assalto, de carregar soldado pra campanha, nós embarcamos nos carros pra Mossoró, que é uma cidadezinha do Ceará. Daí pernoitamos no Ceará e quando foi de dia nós saímos pra Fortaleza. Passamos três meses no pouso do Crato, em Fortaleza, onde se reuniam todos os soldados que vinham da Bahia, de todos os estados do Nordeste. Todos os soldados se reuniam nesse pouso, pouso do Crato. E tinha um porquê de eles se reunirem todos lá. Porque o ponto estratégico do embarque para o Amazonas era Fortaleza, no Ceará, no cais de Iracema, na praia de Iracema.

Lá nós embarcávamos no navio. Eles pagavam a passagem do navio. Passei três meses no posto do Crato. Foi quando veio o embarque: Comandante Riper, um navio contratado. Esse navio tinha sido da Itália e tinha vindo porque o Brasil tinha comprado ele. A empresa brasileira comprou. No embarque vieram dois mil e quinhentos homens nesse navio. Quando nós chegamos em águas de Salinas o comandante falou:

— Não quero choro, não quero grito. Todo mundo calado que o submarino vem nos perseguindo.

E nós guarnecidos por uma destróier americana e um avião de caça em cima. Guarnecidos! O americano fez isso. Esse navio tinha um canhão antiaéreo de proa e outro de popa. Ficamos todos esperando o submarino decidir: ou eles torpedeavam o submarino ou o submarino nos torpedeava. Paramos, ficamos tudo às ordens. E de maneira que eles torpedearam o submarino, o destróier torpedeou o submarino. Aí o comandante disse que tava todo mundo de parabéns.

Com dois dias, porque água de salinas já é pra perto de Belém, com dois dias nós pegamos a veia do rio Amazonas. E agora só via o rio Amazonas, às vezes tinha o mangue onde tem os caranguejos, onde tem tudo. Aí nós entramos pra Belém. Nós chegamos em Belém, o navio atracou e nós só tivemos licença de ir na pracinha que se chama Boa Viagem, chama pracinha Boa viagem, em Belém. Porque o pouso de Itapoã tava epideme, já tinha Soldado da Borracha morrendo de malária.

Então nós fizemos a baldeação do Comandante Riper pra uma chata por nome Distrito Federal, porque ela vinha direto pra Manaus. E ele, o navio, voltou. No mesmo ponto que o submarino perseguiu ele, botaram ele à pique. Morreu só a população... morreu só a população do navio porque nós já tínhamos ficado. E já tinha outro submarino. Têm até uma dúvida, eu ouvi mesmo os comandantes falarem que não sabiam se esse submarino era alemão ou se era italiano, não sabiam. Se eles sabiam eu não posso nem lhe dizer porque só tinham a dúvida e dessa maneira que eu tô lhe contando. E ninguém sabia de quem era esse submarino. Eles botaram à pique outros navios. Dos navios que eu conheço, porque eu me criei na beira-mar em Natal, o Itamajé foi torpedeado, o Itapajé foi torpedeado e o Comandante Riper foi torpedeado pelo submarino. Agora ninguém não sabe de qual nação era esse submarino.

Depois, passamos três meses no pouso de Ponta Pelada, guarneceados lá como soldados. Até que veio a hora do embarque pra Porto Velho, que era o ponto estratégico. Porto Velho, o Acre e Amazonas eram pontos estratégicos. Manaus já era ponto estratégico, no rio Solimões, né. Mas a gente não escolhia pra onde ia. Porque você sabe que um soldado, no exército, ele não faz o que ele quer. Era destacado pra fazer faxina, fazer função, fazer revista, pra ficar de sentinela, né. Com a gente era da mesma forma. Disseram:

— Vocês vão pra Porto Velho.

Eu digo:

— Ave Maria, eu vou morrer de malária porque os que tã lá tã morrendo!

— E aí, vai ou volta?

— É o jeito que tem, nós já tamo aqui. O jeito que tem é ir.

Pois foi o que aconteceu. Eu vim pra cá e nunca saí daqui de Porto Velho. Todo tempo aqui esperando.

Então teve esse alistamento, pelo nosso presidente Getúlio Vargas, pra botar os que foram denominados Soldados da Borracha pra extrair a borracha em defesa da Segunda Guerra Mundial. Foi assim que nós viemos aqui pra essa região pra extrair a borracha. Quando terminou a guerra, no dia oito de maio de mil novecentos e quarenta e cinco, nós ficamos aqui aguardando a nossa indenização porque nós fomos contratados. O americano nos contratou porque ele tinha interesse na borracha. Ele contratou e nós ficamos esperando a indenização até hoje e essa indenização nunca chegou. Então nós criamos o sindicato e nós ganhamos apenas dois salários mínimos, que são dois salários de fome que não dá pra nada. Mas tudo bem, não é?!

Então nós passamos privações dentro dos seringais, os patrões não pagavam o saldo, se pagavam de um mandava matar outro, passamos fome, comendo mercadoria já vencida, doente, com malária e quando ficava bom ia trabalhar pra pagar o patrão. A mercadoria completamente cara, que ninguém nem comia, o saldo da borracha que a gente fazia o patrão comia o saldo

todinho. Pesava na balança, roubava borracha, que era pra diminuir o peso porque os quilos eram contados, né. Pra diminuir o nosso saldo a balança roubava e ele roubava na caneta do lado. Se você comprava um quilo de açúcar ele debitava dois, se comprava uma lata de banha ele debitava duas, se comprava um quilo de café ele debitava três. Se era o tabaco, que é o fumo que a gente chama, se te vendia uma libra debitava duas e assim você não tinha condição nem de pagar. Aí já vinha aquela confusão: a gente quando ia fazer ajuste de conta não dava certo. E por aí, nessa peleja, nessa vida cruel, nessa situação difícil eu trabalhei vinte e cinco anos na seringa.

Depois vim pra cá pra cidade, pra Porto Velho, **criamos esse sindicato onde eu sou um dos sócios fundadores**². Estamos aqui ainda na justiça lutando pelo decreto lei que apoiava o nosso direito de ganhar. Nós já ganhamos mais, nós ganhamos perto de oito salários mínimos, ficamos em dois por causa de uma política. Eles fizeram da maneira que eles quiseram fazer e nós ficamos ganhando dois salários mínimos como eu já falei. E de maneira que nós estamos aqui ainda, muitas pessoas já com idade avançada, e tamo esperando ainda. Nesse ponto de vista nós temos até um objetivo, um objetivo de alcançar um salário melhor pra nossa profissão, pra nossa convivência. E de maneira que o que eu tenho pra falar é isso, que eu fui dispensado do exército pra ingressar como Soldado da Borracha. O americano pagou a nossa indenização. Pagou! Fomos indenizados, cada Soldado da Borracha, no valor de vinte e cinco mil dólares, que naquele tempo um dólar valia como uns vinte mil réis, que era vinte mil réis já carimbados em cruzeiro e era o que nós valíamos naquele tempo e hoje a nação não pode pagar mais. Mas nós estamos vendo se pagam pelo menos uns cinco ou seis salários pelo menos, que a gente ganha dois, né. E estamos esperando até hoje, tanto eu como meus amigos correligionários de trabalho que somos todos uma classe só, de seringueiros.

Mas aqui nós somos Soldados da Borracha, eu sou Soldado da Borracha, eu Manoel Pereira de Araújo sou Soldado da Borracha da Segunda Guerra Mundial. Como eu já falei e vou repetir, fui dispensado do exército pra ingressar como soldado no exército da borracha pra trabalhar em defesa da Segunda Guerra Mundial, fui contratado pelo americano e até hoje tô aqui esperando e nada foi resolvido ainda.

Criamos esse sindicato que vem trabalhando também, pedindo a um, pedindo a outro. Nós agradecemos ao deputado Ramiro que trabalhou fortemente para a doação desse prédio, também damos agradecimento ao governador José Bianco, que concordou com a doação do prédio. Porque a gente pagava aluguel e não tinha com o que pagar. E dois salários não dava pra pagar aluguel, que nós pagávamos aluguel de duzentos reais pra ter o nosso escritório, permanecer com nosso escritório, né. E agora, quando nada, a gente tá livre desse aluguel, pra melhorar. É certo que o prédio tá deteriorado mas nós estamos esperando uma verba pra recuperação do prédio.

Tô com fé no senador Moreira Mendes que tá trabalhando em nosso benefício, o presidente da República prometeu que vai dar uma indenizaçõzinha pra nós, né. Mas não vai dar aquilo que a gente merece. É por isso que nós criamos esse sindicato e estamos aqui esperando isso. E até hoje eu estou aqui. Agora se no fim do ano não chegar nada pra mim, após as eleições, quando for no fim do ano, eu vou-me embora pra onde estão meus irmãos, lá no Rio Grande do Norte. Porque, eles tão lá, né... eu vou pra lá, onde eles estão, se não chegar a indenização. Agora, que nós estamos esperando, estamos. Estamos confiando nos políticos. De repente vai ter uma indenização pra nós. Vamos melhorar de salário, né.

E como eu já disse, você tá ciente do que eu já sofri. Fui perseguido pelos índios... os índios nos perseguiam pra matar e muitos morreram. Muitos morreram, a onça comeu, outros a malária comia. Quando o comboieiro chegava com a mercadoria pra deixar pro cara, não agüentava mais a podridão. Porque às vezes o cara trabalhava sozinho e aquela pessoa que trabalhava sozinho, às vezes quando a gente chegava, já tava morto, já tava podre. Era obrigado a cavar uma sepultura pra enterrar ele lá nas selvas que ninguém sabe nem aonde é hoje em dia. E tudo isso, os que escaparam como eu e os outros que tão hoje em dia contando essa história, é uma benção de Deus. Devemos agradecer essa oportunidade que Deus deu pra nós de ainda estarmos vivos, dando essa entrevista que é uma entrevista muito importante, que muita gente ainda não conhece a nossa história. Tá se alastrando pouco a pouco, acho que você vai ficar muito satisfeito com a minha entrevista porque é a realidade e eu estou aqui pra prestar mais alguns esclarecimentos e, se possível for, pra outros que vierem em seu lugar. Eu estou aqui pronto, pronto pra isso e gosto de dar minha opiniões para aqueles que não conhecem. E melhor, pra um jovem como você, saber de uma historia dessa, como é que eu estou aqui e não sabe o que eu passei na minha vida de sofrimento.

Quando eu cheguei aqui em Porto Velho em mil novecentos e quarenta e quatro tinha um juiz, só um juiz. O Banco do Brasil era de tábuas. As casas que tinham telha eram as da estrada Madeira-Mamoré, que ainda hoje existe a estação. Essas casas daqui, esses prédios, foram construídas muito depois pelo Estado, pelo Território Federal do Guaporé. Elas vieram muito depois, porque eu cheguei aqui em mil novecentos e quarenta e quatro e não tinha nada aqui.

A população daqui cabia dentro de um Loid brasileiro, cabia dentro de um Loid. É... hoje eu me admiro Porto velho do tamanho que está, onde em mil novecentos e quarenta e quatro, no dia vinte e dois de julho de mil novecentos e quarenta e quatro, eu tive a oportunidade de chegar nesse porto aí da estação da estrada de ferro, numa chata chamada Chata Fortaleza, no meio do sol quente. No dia que nós chegamos não tinha ninguém. Só tinha o coronel Aluísio Ferreira e tinha uns guardas da estrada de ferro. Aí foi criada a guarda territorial, que foram os nossos companheiros que vieram pra extrair a borracha e ficaram uns na Estrada de Ferro Madeira-

Mamoré, outros foram os que ficaram na Guarda Territorial, outros foram trabalhar de pedreiro, os que tinham profissão e assim foi que nós reconstruímos Rondônia. Reconstruímos não, eu posso dizer que sou um pioneiro, que construí Rondônia porque esse edifício do relógio eu carreguei tijolo lá da beira do rio, nos braços, pra construir esse edifício do relógio. E eu tenho mais amigos que podem provar que eu carreguei tijolo lá da beira do rio, nos braços, pra construir esse edifício do relógio que hoje é o museu. Acho que a minha história vai finalizar por aqui e é uma história importante, pra quem não conhece. E aqui eu acho que você tá bem informado, né? Aqui eu vou dar meus agradecimentos e meu ponto final.

JOÃO BATISTA

Eu vim pra Amazônia porque eu fui sorteado para ir pra guerra. Como a minha família não queria que eu fosse para a linha de frente na Itália, me tiraram pra eu vir pra cá. Chegando aqui eu me coloquei num seringal. Vim direto trabalhar, tirar borracha. Trabalhei dentro de seringal até mil novecentos e sessenta. Em sessenta eu saí do seringal porque foi se acabando o serviço da borracha e os seringalistas abandonaram e fecharam os seringais e foram entrando no garimpo.

Na viagem do Nordeste pra cá eu peguei um navio e vim bater aqui em Porto Velho, porque tinha notícia de que os seringais pra cá eram os melhores, davam mais leite. Então eu vim direto pro Rio Machado, onde trabalhei com o Rocha, que foi o primeiro patrão com quem eu trabalhei. Trabalhei lá com ele, mas as condições dele eram muito precárias porque ele só recebia a borracha no fim do ano, quando era o fim do fábriço. A gente tirava o fábriço todinho e só pesava a borracha quando chegava em janeiro. Então a borracha quebrava muito, ficava muito seca né e como o seringal do Benevides ficava perto do seringal dele eu passei pro seringal do Benevides. O Benevides pesava todos os meses, a borracha que a gente fazia ele recebia e pesava todos os meses. Aí melhorou a situação porque eu vendia mais, né.

No seringal eu trabalhava sozinho, porque eu nunca levei mulher nem nada pra dentro do seringal... era sozinho. Quando às vezes arrumava um companheiro bom, trabalhava com o companheiro e quando a gente achava que não dava certo trabalhava só. Aí a vivência de quem trabalha, sabe como é que é né... faz tudo. Faz comida, lava roupa, faz tudo o que precisa. Não tinha outro meio da gente viver, não tinha como pagar gente pra fazer esse serviço, porque às vezes ficava longe, morar sozinho a uma distância de mais ou menos um quilômetro ou dois de uma colocação pra outra. Tinha vezes que a colocação ficava perto de outra, mas tinha vezes que ficava longe até pra fazer visita, viu?! A gente ia na casa do vizinho só dia de Domingo. Quando era fim de fábriço vinha pra cá, pra Porto Velho, passar o carnaval aqui. Aí voltava de novo. Era assim... a vida da gente era assim.

O dia era de trabalhar... tirar o leite, defumar e cortar. **Toda vida eu trabalhei e nunca saí de noite¹**. Tinha gente que trabalhava de noite, começava na boca da noite, saía uma hora da noite pra cortar e quando amanhecia o dia tava com o leite em casa. Eu não. Cheguei a experimentar uma vez e não deu certo. Eu vi que era muito ruim, esquentava muito... com aquele negócio daquela poronga na cabeça... esquentava muito a cabeça da gente. Aí eu digo: “não, não vou cortar de noite não”. Então eu comecei a só cortar de dia mesmo. Saía seis horas da manhã e

quando eram cinco horas da tarde, mais ou menos, tava com o leite em casa defumando. E dava pra trabalhar bem durante o dia né. Quando eram seis e meia por sete horas eu tava com o leite todo defumado. E assim continuava a vida pra frente.

Quando eu saí de lá vim pra cá pra Porto Velho. Cheguei aqui ainda fui trabalhar aqui pro lado do Abunã. Trabalhei no seringal do Otávio dos Reis... é no rumo de Guajará. Depois que eu sai desse seringal eu vim pra cidade e aqui me coloquei como colono ali na beira da estrada de ferro. Fiquei trabalhando aí... trabalhava na colônia. Tirava lenha e dormente pra estrada de ferro... essas coisas assim tudo eu fazia... pra fornecer pra estrada de ferro. Fiquei trabalhando aí e até hoje tô trabalhando de colono. Eu tenho um sítio, tenho um terreno que foi ganho de Soldado da Borracha. Até agora nós temos pelejado pro Incra abrir a estrada, pra gente explorar esse terreno e não acha meio de abrir a estrada. Dinheiro veio pra eles fazerem esse serviço e tá tudo pronto lá pra gente receber eles, tudo pronto. Casa, estrada e essas coisas... comeram o dinheiro e nada fizeram. Aí nós ficamos e depois adquirimos um terreno do Incra, onde fiquei trabalhando. Até hoje eu tô trabalhando. E tenho continuado assim, só trabalhando, sendo colono mesmo, não tenho outra profissão.

Quando eu saí do Nordeste pra vir pra cá eu vim de Fortaleza, mas eu morava mesmo era no interior. A residência aonde eu nasci e me criei é no município de Beberibe. E eu morava perto de uma lagoa, a lagoa da Sussuarana. Quando foi pra vir pra cá, aí eu vi que era perto pra Fortaleza. Então eu fui pra Fortaleza e de lá eu vim pra cá. Viajei pra cá destinado a trabalhar na seringa, que aqui naquele tempo só tinha isso mesmo. Você chegava aqui não tinha emprego, não tinha coisa nenhuma. Quando você chegava na beira do rio, em qualquer canto desses que encostava navio, já tava aquela ruma de gente procurando o seringueiro pra levar pro patrão. O patrão já deixava tudo pago: a pensão, o hotel pra receber as pessoas pra elas se arrumarem e ficarem onde dormir e comer até ele chegar pra modo de levar pro seringal. Você chegava aqui... podia chegar sem nada, mas aí não faltava mais nada. Dinheiro e tudo que você precisava era pago pelo patrão. Você se assentava com ele e aí pronto, não lhe faltava mais nada. Nesse tempo o dinheiro dos patrões vinha do Rio de Janeiro pra eles, porque o americano mandava né. Porque essa borracha o americano era quem comprava, que era pra levar pra guerra, né. Aí o americano era quem comprava tudinho e o dinheiro vinha de lá. Não faltava dinheiro não.

Agora tinha patrão que gostava de dar uma amassada no pagamento, outros até matavam pra modo de ficar com o dinheiro. A gente encontrava muita cruz dentro desses matos aí, em varador. Porque eles pagavam o camarada e quando acaba botavam os capangas pra ir atrás dele. Aí matavam o camarada e traziam o dinheiro pra trás. Tinha deles aí que eram assim. Pelo menos esse com quem eu trabalhei no rio Machado, o Rocha, ele tinha um capanga lá e tinha umas colocações lá que não parava ninguém. Porque eles queriam mandar no seringueiro e botar o

seringueiro na posição que eles gostavam, do jeito que eles queriam. O seringueiro às vezes não aceitava e eles trocavam tiro. As casas, os barracos do seringueiros, era tudo varado de bala. E naquele tempo as armas eram tudo quarenta e quatro... era tudo varado de bala.

Quando chegamos lá entramos pro seringal dele numa turma de dez homens. Chegando lá fomos pra um gerente e o gerente levou a gente e disse logo pra ele:

— Ó, você trate bem direito desses homens porque senão aí tudo é bem dizer irmão e você não mexa com eles que eles são as pessoas que trabalham direito.

E o velho era acostumado nessa arrumação de querer humilhar o seringueiro. Aí a gente sempre previnha:

— Aí rapaz, ninguém discute com ele, não tem discussão com ele.

Então ele recebeu essas ordens e como não pôde fazer nada ganhou o mato, ganhou o mato e se perdeu, passou um pouco de tempo no mato e quando vieram achar ele tava na beira de um rio, nuzinho, todo rasgado. Aí vieram aqui pra Porto Velho, trouxeram ele pra cá, mas não teve mais jeito. Morreu aqui em Porto Velho. Mas era assim, tinha essa qualidade de gente aqui. O mais perigoso eram essas coisas de perseguir a gente no seringal. E ele se perdeu na mata.

Mas eu nunca tive problema com a mata. Você acredita que eu trabalhei esses anos todinhos e nunca vi uma onça?!² Rastro você via muito... Quando a turma passava no varador eu escutava os tropeiros tangendo os burros, aí eu passava lá pra ver o comboio, mas quando chegava lá não via mais rastro de burro, só via pata de onça. Mas eu nunca vi uma onça. Tinha um negócio que me defendia que eu não via elas. Eu vim ver onça quando eu vim viver aqui nessa região. Quando eu cheguei aqui em Porto Velho eu até atirei numa, lá pra banda da colônia, quase dentro de casa. Mas ela foi embora. Matei outra aqui na outra colocação. Na outra colocação que eu adquiri eu matei uma, mas dessas onças vermelhas. Foi nesse tempo que eu fui ver uma onça, mas dentro do seringal mesmo nunca vi uma onça. Já vim ver aqui.

Dentro do seringal eu vi índio. **Os índios atacavam muita gente, mas eu nunca baleei índio, eles nunca me perseguiram³.** Quando eu entrava nas aldeias deles até me recebiam bem, porque o negócio é tratar as coisas direito né, do jeito que eles querem, aí a gente escapava. Agora se fizesse qualquer motim aí entrava na flecha, ou então matava eles. Mas tinha deles que atacavam as colocações, porque eles botavam um aviso na estrada e os seringueiros não atendiam. E assim são as coisas, a gente andando tudo direitinho no mundo é meio difícil encontrar barreira. Sempre eu digo pra certa gente que começa com brabeza:

— Rapaz esse negócio de briga, se fosse coisa de vantagem, eu não trabalhava, só vivia disso.

Quando eu vivi no Nordeste... a vida de lá... eu nasci e me criei na colônia. Lá só trabalhava de colônia mesmo. Quando eu fui sorteado pra vir pra cá, cheguei aqui fui pro

seringal e depois que sai do seringal virei colono de novo pra me aprumar. A minha vida lá era essa. Não tinha outra profissão não. Eu trabalhei em dois seringais aqui no Machado, aliás três no rio Machado. Em sessenta quando eu saí do seringal eu tava aqui no Machado, trabalhei com um senhor por nome Firmino. Ele tinha um seringalzinho lá na beira do Machado, eu trabalhei lá a derradeira vez. E trabalhei aqui no Abunã, noutro seringal. Foram quatro seringais. No Abunã eu trabalhei com um patrão que arrendou umas colocações do velho Otávio, Otávio dos Reis. Otávio dos Reis foi o patrão mais conhecido na história dos seringais. Ele era coronel, o mais falado daqui da região. Três patrões falados no Rio Abunã foram: Geraldo Peres, Carlos Peixoto de Alencar e Otávio dos Reis que era presidente dos seringalistas.

Às vezes era melhor de trabalhar com os aviados do que com os patrões né, porque tinha menos exigências. Mas a exigência dentro do seringal era essa: trabalhar. Se não trabalhasse pra fazer produto eles cortavam a mercadoria, aí o sujeito ia sofrer mais porque não tendo mercadoria como é que ia trabalhar? A gente tinha era que trabalhar porque eles queriam produto, nêgo tinha que se virar pra fazer borracha, se não fizesse eles cortavam. Mas eu nunca tive problema com patrão não. Saí na boa. Até com esse derradeiro que eu trabalhei, que foi o Firmino, desse eu não recebi. Agora eu acho graça, mas eu tô esperando até hoje... dá até vontade de rir da situação. Eu fui em Manaus atrás dele né, porque a borracha dele ia pra Manaus. Eu ainda dei uma viagem a Manaus atrás dele. O patrão dele era o dono do antigo Café Santos, era um seringalista do rio Machado. Ele arrumou essas colocações e sempre vinha aqui onde era a sede dele. E eu trabalhava lá, com o Firmino, que era aviado desse seringalista que se chamava Raimundo Ferreira. Então eu andei procurando, mas nunca mais pude me encontrar com ele. Ele ficou de me pagar aqui e eu não vi mais ele. Não sei se era porque ele não queria me pagar né. Eu procurei o patrão dele e ele disse:

— Não, ele tá aí, mas ele sempre vai pra Manaus.

Aí eu fui bater numa viagem em Manaus. Fui pra Manaus pra ver se eu encontrava eles. Não vi. Até hoje eu tenho essa conta, mas não vi ele. Mas o resto não, o resto eu recebi. Naquele tempo era pouco que ele me devia, mas eu fiz um negócio com um outro companheiro que eu tinha, nós trabalhávamos juntos. Eu vendi a minha parte de borracha pra ele porque eu trabalhei poucos dias lá, em sessenta. Eu trabalhei pouco porque tinha a abertura da BR, essa BR que saiu de Cuiabá pra cá, aí o pessoal fazia aquela fofoca que se tava ganhando muito dinheiro na BR, que juntava era com gancho, coisa e tal. A gente só ouvia era a fofoca. E eu tava trabalhando lá no seringal e tava até fazendo uma borracha, aí foi que eu disse:

— Sabe de uma coisa eu vou-me embora pra BR, vou trabalhar na BR.

Aí eu vendi a minha parte de borracha pro rapaz que ficou lá. Quando eu cheguei no barracão ele não tava. Tava pra outro seringal. A mulher dele disse:

— Eu esperei tá com uma semana e ele não chegou.

Então passou um barco que vinha pra cá pra banda de Porto Velho e que saía lá do rio Machado. Ele ficava lá onde é Ji-Paraná, no Rio Machado. O barco passou e eu digo:

— Me arrume uma passagem!

Eles não me cobraram. Disseram:

— Não, você quer ir nós levamos. E não paga nada não.

— Então eu vou-me embora pra BR.

E fiquei certo com ela de que quando o marido dela viesse aqui em Porto Velho nós acertaríamos a conta. Ele pagava quinze mil de saldo naquele tempo. Eram quinze contos naquele tempo, quinze conto naquele tempo era até um dinheirinho que dava pra gente se virar bem.

Mas vim, cheguei e acabou-se, não pude encontrar mais com ele e ficou esse dinheirinho de lado. Se ele hoje fosse me pagar e pagar os juros, correção e tudo até dava um ordenado pra mim. Mas aí nunca mais pude me encontrar com ele. E são assim os prejuízos que a gente tem sempre. O maior que nós tivemos foi esse do Soldado da Borracha porque o dinheiro veio e eles não pagaram. Isso aí é o saldo maior que a gente tem. O dinheiro veio, o americano mandou pra pagar os Soldados da Borracha. Quando terminou a guerra o americano mandou o dinheiro pra fazer o pagamento. Porque aqui a gente trabalhava por conta do americano né, aí assim que terminou a guerra ele mandou o dinheiro, nós tivemos notícia de que o dinheiro veio. Mas ele nunca chegou nas nossas mãos. De lá pra cá nós temos pelejado e dizem que a gente tem direito e coisa e tal... Mas só que esse direito não aparece. As coisas que eu tenho pra lhe falar são essas mesmas.

RAIMUNDO BAIANO

Nós viemos num ano político, então nós sofremos muito pra acabar de criar os meninos... as crianças. Desde a idade de onze anos que eu trabalhei cortando seringa. Nós fomos esquecidos por nossos governantes, né, e até agora somos esquecidos porque nós viemos de lá com direito a cinco salários mínimos e uma pensão vitalícia e até agora ainda não recebemos nada disso. Foram tirados todos os direitos que nós tínhamos pelo que trabalhamos. Estamos ganhando dois salários mínimos na maior briga do mundo.

Nós somos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial e nós temos prova. E aí nós somos esquecidos pelos governantes. Os pracinhas, que não vieram como Soldados da Borracha, mas que ganham um salário digno, não foram pro mato, não enfrentaram a onça, nem a cobra, nem o índio e ganham um salário digno. E nós, que enfrentamos serra, bériberi, febre amarela, onça e índio ficamos esquecidos pelos políticos. Então é isso o que nós lamentamos. Tá com mais de oito anos que eu sou aposentado como Soldado da Borracha e nunca tive uma visita de um político desses. **Era pra sermos merecidos e não somos¹**. Nós temos direito a não pagar imposto predial... além disso só nós temos direito a se aposentar, nossas esposas não têm direito, mas nós somos casados no civil e no católico. Eles pegam e põem o imposto predial no nome das nossas esposas que é pra esposa pagar, tá entendendo? Eu tenho o imposto lá em casa e eu vou até na prefeitura pra ajeitar isso. Porque se nós somos isentos do imposto e nossas esposas não podem aposentar, então elas também não podem pagar imposto predial, que nós somos casados no civil e no católico, nós temos como comprovar isso. Mas lá no seringal... o meu avô foi morto por índio, todo o capital que nós tínhamos e tudo o que a gente tinha roubaram. **Acabei que com onze anos de idade eu comecei a trabalhar como seringueiro e hoje sou esquecido por esse povo²**.

Nós viemos pra cá no navio Augusto Contineiro, então com meu avô. Meu avô chamava-se Genésio Soares da Silva e minha avó Maria Angélica da Conceição. Nós chegamos em Calama, que era fronteira nessa época. De Calama a gente era destacado pro seringal fulano de tal... pro seringal do seu Raimundo Ferreira... pro seringal do seu José Luíz de Miranda... pro seringal do seu Marçal... Roberto Bennesby, que era parente desse político que tem aí... E tinha que ir. O último patrão com quem eu trabalhei, por onde eu me aposentei, foi o Antônio Mariano do Lago, aqui no rio Madeira, foi último seringal que eu trabalhei.

Então nosso sofrimento é esse. Aqui nós sofremos de uma maneira que, se nós formos contar tudo o que se passou com a gente, vira um romance. Nós aqui somos sempre

desmerecidos pelas próprias autoridades. A própria autoridade não nos encheria, eles só precisam de nós pra voto, mas pra outra coisa, pra dar uma ajuda ou alguma coisa eles não ajudam. Até os hospitais daqui maltratam a gente...

A vivência no seringal era assim: se o freguês era um bom seringueiro, como a gente era e nós temos prova, era tratado mais ou menos. Se ele era mal seringueiro chamava-se rabo grosso. Se tinha um freguês ali que era saldistista e o camarada que devia era casado, eles tomavam a mulher do cara que devia pra dar pro saldistista e às vezes matavam o devedor também. Pegavam o seringueiro e botavam num tronco que existia. Até hoje ainda existe um tronco lá em Tabajara, se for preciso a gente te leva lá porque até hoje ainda existe. E o sofrimento nosso era esse, o tratamento nosso era esse. Quando o camarada pensava que tava bem, tava na peia. Saldo a gente nunca via a cor do dinheiro, eles pagavam a gente com açúcar, café, uma camisinha de alfossina e uma calcinha de mescla, era um jabazão daqueles de touro... de gado e farinha do Pará. Então nosso tratamento era assim, né. Era mil réis, não era cruzeiro não. Tinha até umas patacas pelo meio, né. Era um réis, dez tostão, cinco tostão, dois tostão, cinco mil réis, era assim o dinheiro na época, né. E o dinheiro, pra gente receber, era dessa maneira. Era troco de açúcar, café, aquelas calças de mescla e camisa de alfossina, que era o melhor pano que existia, né. Calçado, se a gente queria um calçado bom nós fazíamos um sapato de seringa pra calçar, de leite da borracha, do leite da seringueira. E o nosso calçado era esse.

Quando eu vim da Bahia com oito anos de idade, eu vim no leito dos meus avós e da minha mãe, né. Minha mãe faleceu agora... no ano passado fizeram três anos que minha mãe faleceu. Até quando ela morreu ela tinha marca de flechada de índio nas pernas. Ela chamava-se Geralda Soares da Conceição. Minha mãe tinha flechada de índio nas pernas e minha avó tinha flechada de índio pelos ombros. Da minha família só quem não tem marca de flechada de índio sou eu, mas os outros mais velhos todos pegaram flechadas de índio. O nome da colocação que minha avó e meu avô foram flechados chamava-se Torre da Lua. O seringal todo era do meu avô, Genésio Soares da Silva. Aí o seu Sebastião Pereira Rêgo de Melo, que era sócio dele, tomou de conta do seringal todinho e vendeu pro Antônio Batista. Aí, como éramos proprietários, o meu tio que era mais velho ficou trabalhando como cassaco deles. Meu tio morreu com setenta e quatro anos e nunca foi aposentado. E da família nós temos parentes que merecem ser aposentados como Soldado da Borracha e nunca foram. O único da família que é aposentado como Soldado da Borracha sou eu e isso porque os outros amigos, os seringueiros e os seringalistas foram que me ajudaram e me deram essa proteção.

Quando nós saímos de lá foi prometida uma coisa pra nós, chegamos aqui era outra né. Primeiramente quando nós chegamos aqui, nós viemos de lá com direito à pensão vitalícia, como eu já falei, né. Disseram que a gente ia ter salários mínimos, pensão vitalícia, bons hotéis, boas

coisas e isso nós nunca recebemos, nunca vimos. Então a vida aqui era topar com índio, topar com onça, topar com cobra e esses eram os bichos mais mansos que tinham aqui, além do bérberi e febre amarela. Tinha uma tal de cesão e dava essa cesão no camarada que ele ficava na rede tremendo que nem vara verde... igual vara verde na correnteza. Então o nosso passado é esse, é daí pra pior. E daí por diante. Quando nós começamos a brigar por causa das nossas aposentadorias, pelos nossos direitos, foi difícil porque a maioria dos nossos documentos de Soldado da Borracha foram queimados. **Bem poucos Soldados da Borracha têm a carta de referência porque foram queimadas, foram queimadas aqui na delegacia**³. Naquela época o Banco do Brasil também era aqui perto de onde é a central de polícia. Era de madeira... a casa era de madeira e tudo foi queimado lá perto. O Doutor Aluísio e o Doutor Ênio Pinheiro queimaram nossos documentos pra nós não termos direito ao que era nosso. Tudo isso nós sofremos aqui... eles queimaram nossos papel tudinho. Eles queimaram... tocaram fogo em tudo.

No seringal às vezes a gente ia no barracão pra se aviar e quando o camarada tava doente também tinha mal tratamento, quando o camarada tava doente não tinha mercadoria. Corria atrás da casa do patrão pra receber... pra comprar mercadoria... mas não tinha direito à mercadoria porque tava doente. Se não podia trabalhar não tinha direito e quando tava trabalhando a compra da mercadoria era controlada. Não era a mercadoria que você queria... era controlada. Se você queria, por exemplo, dois quilos de açúcar... ele lhe dava um, embora que na tua conta saísse o preço de dois. Na tua conta saía o preço de dois, mas só era um que você levava. Então era assim. Nós passamos essa vida e nós tem testemunha disso. A minha maior luta foi com índio. O meu avô foi morto por índio e da minha família todinha só quem não tem marca de índio sou eu. Um tinha marca pelas pernas, outro pelos braços, pelos ombros, outro pela cabeça, todos pegaram flechada de índio. Fui muito perseguido por índio. Até aqui na estrada de Ferro Madeira-Mamoré, porque eu trabalhei ajudando aí numa viagem, como cassaco, né, nós ainda fomos atacados pelos índios, nos trilhos. Você não podia sair porque era atacado por índio. Quando eles vieram pra atacar, como foi o que aconteceu quando eles nos atacaram lá na Torre da Lua, eles arremedavam jacú, jacamim, mutum, onça, porco queixada, tudo eles arremedavam né. Eles chegavam na estrada da gente, pegavam a tigela de seringa, que era pregada com a boca pra cima, pregavam com a boca pra baixo e derramavam o leite. Depois faziam aqueles amarradinhos na estrada e se você cortasse aqueles amarradinhos deles você tava procurando briga com eles. Se você passa por baixo daquela armadilha que eles fazem, eles não fazem nada contigo. Mas se você cortasse, ali mesmo você já ia ser atacado, como aconteceu com a gente lá na Torre da Lua. Lá foi assim. O meu avô foi pra estrada, quando ele voltou o leite tava derramado e tava aquela amarração, mas ele não percebeu nada, né. Quando ele voltou pra trabalhar no outro dia, tinham as mesmas coisas, as marcas. Aí ele pegou e cortou as marcas.

Quando foi no outro dia, cinco horas da manhã, eles já foram atacando com as flechadas. Flecharam e atacaram ele. Roubaram um baú com tudo quanto foi de documento do meu avô. Levaram o gramofone, a vitrola, levaram tudo, tomaram tudo de nós. Meu avô tinha sessenta contos de réis na época, no banco, e ele não pôde tirar esse dinheiro por causa que os índios levaram os documentos dele. Nós perdemos tudo, a nossa família ficou numa pior, comendo pelas casas dos outros assim como eu tô falando.

Minha avó era do Piauí. Era uma tola, não sabia escrever... não sabia nada... Aí tomaram tudo que nós tinha, e pronto. Foi a razão de eu, com onze anos de idade, tomar responsabilidade e conta, como homem da casa, porque não tinha outro meio. Ia cortar seringa. Eu, minha avó cortou muita seringa, minha mãe, minhas tias... todos nós cortamos seringa pra se alimentar. E esse meu tio... o que me dói é que ele morreu com setenta e quatro anos e nunca foi aposentado como soldado da borracha. O único sou eu. Então a minha história que eu tenho pra contar é essa.

CHICO SANTOS

Eu quero falar da minha viagem, desse contrato que o governo fez conosco. O exército contratou um grande número de jovens na época da Segunda Guerra Mundial. E dia seis de fevereiro de quarenta e três eu me desloquei lá da minha cidade, Crateús, pra cidade de Sobral, onde tinha uma sede da companhia SEMTA contratando gente. Já havia agente recenseador pelo interior, naquelas vilas, nas cidadezinhas menores. Os agentes saíam contratando os rapazes... “Quem quer se alistar na companhia SEMTA pra campanha da borracha no Amazonas?”.

A companhia SEMTA recrutava trabalhadores para o vale amazônico, pra trabalhar na campanha da borracha. Mas eu não fui nem convidado por recenseador porque o meu procurador, pai de criação, que era Lúcio Carneiro da Frota, na cidade de Crateús, onde eu convivi.... convivi mais de.... cheguei lá com idade de dez anos saí com idade de vinte e três anos quando sai pra cá pra essa... pra essa companhia, pra esse contrato. Então, em Crateús não tinha jornal, mas vinha jornal da capital, Fortaleza. Ele, meu pai de criação, chegou lá do centro e trouxe o jornal. Aí chegou, foi ler o jornal e disse:

— Aqui tem... aqui tem uma história... uma história bonita aqui: “Companhia SEMTA em Sobral contratando jovens de vinte a vinte e cinco anos de idade para uma frente de trabalho: campanha da borracha na Amazônia.”

Aí disse as vantagem que a companhia oferecia:

— Rapaz, desde o dia que é julgado apto para o trabalho, que é fichado na companhia SEMTA, passa a ganhar quinze cruzeiros... uma diária de quinze cruzeiros com direito a água, mês e luz e assistência médica.

Rapaz... já era um... já era uma... uma coisa fantástica. Quinze cruzeiros, eram mil-réis naquele tempo, acho que já era. Livre de tudo. Aí tava o posse de farda, na frente.

— “Posse de Farda – Farda: fazenda cáqui, calça, camisa, gandola, capacete e borzeguim de couro preto.”

Você sabe o que é o borzeguim? É o sapato de soldado, porque tem diversos nomes: borzeguim de couro preto, botina, coturno, bota.... é um sapato só, um tipo, é por causa que tantos nome, né? Borzeguim... Porque eu falei uma vez, fui fazer uma entrevista acolá e a moça perguntou, talvez que nem você, procurando essa... essa atividade, ela perguntou:

— o que é um buziguim de couro preto?

Eu disse:

— É um sapato de soldado. Porque coturno... botina... tudo é uma coisa só.

Pois é, tá aí o posse de farda, mas só que ninguém recebeu isso não. Mas tá bom. Chegamos foi outra coisa pra arrumar.... roupa velha de mescla serrana mais frágil que nós conhecemos no nordeste, era a calça.. e a camisa era de algodão branco, chapéu de palha e percata de rabicho. Foi essa a farda. Aquela não, só foi a... só foi o anúncio. Como também foi a promessa dos quinze cruzeiros que prometeu, que era os quinze cruzeiro livre e isso não apareceu.

Bom, foi isso que me levou à companhia SEMTA, em Sobral. E o velho não admirou daqueles quinze, que já era coisa fantástica. Lá na frente ele falou:

— “Preço do quilo de borracha, no toco...

E eu não sabia que diabo era isso, mas antes ele, o meu pai... sem vir aqui, um homem sabido, sabia que vinha gente prá cá antigamente e passava ali, de cinco dez anos. Ele sabia sem vir aqui. Ele disse:

— Ô cara “Preço do quilo de borracha: dezoito cruzeiros, no toco.”

Você sabe o que era? Era lá na casa do seringueiro, na barraca do seringueiro esse preço. Absurdo! Ele disse:

— Ô, com os trezentos, desse jeito até eu queria ser novo.

Ele era um homem com sessenta anos, mas a proposta só era pra novo. Ele podia fazer esse trabalho, mas a proposta só era pra novo porque nós, nessa campanha, nós tava escolhido, recrutado pelo exército, nós tava cursando o exército. Depois da guerra foi que... calou-se todo mundo, queimaram os documentos, nem sei.... e a gente ficou aqui nadando no seco.

Pois é... ele disse:

— Ô que desse jeito até eu queria ser novo, que de manhã eu já tava desatando a corda da rede.

Aí foi que ele falou e disse:

— É Francisco, você chegou aqui menino, ficou o tempo todo aqui, esses anos todos eu gostei do seu trabalho, né, modo de dizer, tanto que eu sempre fiz questão, você já fez.... umas duas avançadas pra sair pra dar uma volta por aí. Eu boto um amigo meu pra lhe aconselhar, pra ficar, mas nunca querendo lhe obrigar, mas porque eu gostei do seu serviço. Você viu, o Anastácio quando chegou aqui menino, era meu vaqueiro na fazenda, só saiu quando casou. Seu Gonçalo também, o tropeiro, que ele foi comerciante num navio, num comboio de vinte burros, seu Gonçalo pronto isso aí tudo casaram ainda lá comigo ficando no meu trabalho por muito tempo. Assim eu queria que fosse você também se fosse possível. Se um dia você conseguisse, resolvesse casar eu lhe daria uma área, uma semente de criação pra você tocar sua vida, mas agora com essa proposta tão boa, até eu queria se pudesse ir também, eu não quero mais que ninguém dê conselho a você pra você não ir. Quer ir vá, desejo que seja feliz, que essa proposta é

boa, também não ia perder, por isso eu não quero mais que ninguém lhe aconselhe mais pra você não ir.

Aí eu... no dia seis de fevereiro eu me despedi daquela família. Foi aquele sufoco, aquele chororô medonho, ele... e ela, minha mãe de criação. Viajei no dia seis de fevereiro para ingressar na companhia SEMTA de Sobral. Chegamos em Sobral no dia sete, por volta de oito ou nove horas da manhã, se dirigimos à companhia SEMTA e perguntaram:

— E aí querem se contratar?

— Querem.

— Entra em forma aí pra receber vacina, dar o nome. Dá o nome que é pra consulta médica.

E fazia a ficha, pegava cinco e levava. Era que nem lá no Hospital de Base... pegava cinco e levava prum médico acolá, pegava outros cinco e levava pra outro atender, era aquilo. Eu fiquei lá. Quando chegou a minha vez a escritã que me interrogava, me perguntava, procurando nome de pai e mãe, avô, quantos tinha na família, quantos eram e quantos tinham na família, quantos eram falecido, de que doença, se tinha sido doenças contagiosas ou não... Eu digo:

— É... minha mãe foi de derrame e minha irmã de parto. Nós somos uma família de oito, inclusive o casal.... família de oito. Falecido já tem dois: mamãe e minha irmã. Ela de derrame e minha irmã de parto.

E isso ficou na ficha lá. Aí é que me chamam pra consulta. Consultou dos pés à cabeça! Olhou a gente... chegou na parte da cabeça e aí não sei o quê que ele viu.... o quê que ele viu que.... o que ele ia encontrando no meu corpo humano aqui, ele repassa pra escritã, do lado. “Isso assim, assim... isso assim, assim...” E ela ia anotando. Até que teve uma vez que ele disse: “sobe na cama!” Os pés suspensos, né? Chegou, pegou aquela borrachazinha pra bater no joelho. Fez tuc! Que a perna foi lá naquele teto, lá em cima. Aí ficou pra acolá... se fazendo que tava procurando alguma coisa. Aí de novo, tuc!. Bateu no joelho que a perna a perna subiu. Eu digo: “quando ele vier agora eu vou segurar!”. Ah, mas não segura não! Quando ele veio e... pou! A perna já tava lá em cima. Aí ele disse:

— Nervoso normal! Nervoso normal.

Eu digo: “Puxa-vida... não passei!”

Ora, normal! Depois foi que eu entendi: normal é normal. Todo mundo tem nervoso, né?! Normal. Aí quando chegou na parte da cabeça eu não sei o que foi que ele viu que saiu. Quando veio foi com dois, outros dois médicos. Aí eles conversaram uma língua que eu não entendi. Aí foi... e coisa e coisa... aí conversaram lá e coisa.... Eu não sei qual era o problema, eu sei que eu passei. Passei na inspeção.

Mas tinha deles que era... você via assim, parecia com tanta saúde. Eu digo:

— O que foi rapaz?

— Não passei rapaz.

Doido pra vir porque a proposta era boa, né? Já pensou? É! Só vinha com perfeita saúde. Problema de coração, hérnia, nervoso demais, curto da vista... qualquer problema de saúde, não vinha não. Só se fosse probleminha que derrepente recuperasse. Quando tinha um pequeno problema ou tava em recuperação recebia um cartãozinho com a ficha R, que quer dizer recuperação. Ele estava apto, mas precisava de uma recuperação. E aquele que passava de primeira recebia a ficha A. Aquele já tava sabendo que tava apto. Se fosse preciso viajar no outro dia, como meu irmão viajou assumindo a vaga de um que se apresentou na turma que ia viajar no dia seguinte, dia oito de fevereiro... eles colocavam aqueles que tinham chegado recém sabido que a gente tava com perfeita saúde, completo, com ficha A.

Meu irmão viajou e no outro dia debandemos. Vim encontrar com ele aqui em Porto Velho, seis meses depois. Dia sete de fevereiro, eu vi meu nome sair pra chamada. No dia cinco de maio de quarenta e três, cinco horas da tarde, saímos de Sobral. Demos um pernoite na cidade de Tianguá e no outro dia cedo saímos. Correndo o dia todo! Numa certa partezinha era um lanche, umas onze horas. Duas horas nós demos um paradeiro na cidade de Campo Maior, no Piauí. Aí pegou a estrada de novo. Chegamos no acampamento de Terezina cinco horas da tarde, no dia seis de maio de quarenta e três. Passamos dez dias no acampamento de Terezina e depois viajamos para o acampamento de Coroatá, centro de Maranhão, onde passamos cinco dias. Viajamos pro acampamento de São Luís, o acampamento Maracanã e passamos mais cinco dias. Aí embarcamos na embarcação do salgado, no Vapor Itapuí, com destino a Belém do Pará, no acampamento Tapanã. Chegamos em Tapanã no dia vinte e nove de maio.

Dado isso, depois de passar na inspeção, disse:

— Dinheiro só quando chegar no acampamento de Belém.

Olha já tava com fevereiro, março, abril, maio... Rapaz, tinha peão que falava assim:

— Rapaz quando eu chegando em casa, eu pegando esse dinheiro eu caio é fora!

Mas eu não tinha essa idéia não! Meu destino era enfrentar, trabalhar, conhecer! Meu destino era esse. Não era a idéia de voltar com dois anos... que disse que o contrato da gente... falavam que era por dois anos. E no final desses dois anos nós tínhamos ainda uma indenização, que não houve também. Com meio século que veio sair essa aposentadoria, essa pensão vitalícia... veio sair com meio século. Que até eu fiquei sentimental porque eu, na agricultura, pagando contribuição pro INSS, eu tenho dois cadastros de terra. Eu tenho o cadastro do IBRA, que foi o primeiro, tendo a carta de aforamento. Depois de seis anos veio o cadastramento do IBRA. Aí foi extinto o IBRA e veio o INCRA. Fiquei cadastrado no INCRA. O INCRA fez o cadastro, aí o pau torou. Fiquei pagando aquelas contribuição que me davam os direitos. Tão lá

os recibos que me davam o direito na idade de sessenta e cinco anos de uma aposentadoria de meio salário, pelo FUNRURAL, como aconteceu. Na idade de sessenta e cinco anos me aposentei pelo FUNRURAL. Meio salário... continuei na agricultura. Quando chegou essa proposta do Soldado da Borracha, pensão vitalícia, eu procurei pra ficar com ela e o INSS tirou a outra que já tava com mais de oito anos. Eu fiquei sentimental com isso porque a do INSS eu paguei. E essa pensão vitalícia, foi um contrato. Do jeito que foi feito, é um contrato, não tem nada a ver com a do INSS. Não tem nada a ver com isso. Aí tiraram. Disseram:

— Você fica com uma ou com outra!

Claro que eu preferi a maior né. Se é assim... E por isso ficou. Teve uma pensão vitalícia lá, mas perde outra.

Pois é... Então como eu tava falando, chegamos em Belém e, em Belém, onde chegava o assunto era seringá. É rapaz... Sim! Fomos recebidos com quatro dias lá no hospital da companhia. Lá pegou minha carteira, que a gente tinha tirado... batido foto né, em Sobral... e veio as carteiras de Belém, plastificadas. Não tava plastificada, aquela que ele me mostrou não tava plastificada. Tava como uma folha, como uma carteira de reservista que eu tenho aqui... que eu servi, quando cheguei. Disseram “isso aqui é sua carteira!”. Com aquele foto... numeração no peito: onze mil e noventa e sete, se não me engano. Aí vai o pagamento: cinquenta e dois cruzeiro... ou mil réis... o equivalente ao real hoje. Se fosse hoje era cinquenta e dois reais. Eu digo:

— Mas... meu amigo, o quê que é isso? Na hora que a companhia ofereceu era quinze cruzeiro.

— Não... vocês ganham quinze cruzeiros do dia que viajam. Da companhia aonde se cadastrou, onde foi recrutado, do dia que dá sinal de partida! De lá até aqui vem descontando.

— Mas, meu amigo... e eu não tava a disposição do governo desde o momento que fui...

— Não! é isso aí. Se você ficasse lá o ano todinho pra viajar, só ganhava mesmo a comida e a roupa.

Aí tá bom. E nisso, tinha um cartaz lá mostrando o corte da seringueira. E o seringueiro naquele traje mesmo como eu lhe falei, todo arrumado, como tava no jornal. Calça, camisa, gandola, capacete, borzeguim... mostrando um canudo de leite danado! Eu digo: “Rapaz!” E tinha mais uma explicação que dizia assim: “Brasileiros, vocês não tão livres do serviço militar, estão em força reservada na campanha da borracha”.

Um rapaz lá disse:

— Tá muito fácil de entender isso aí não tá.

— Já tá entendido! Até eu, que sou analfabeto, entendo isso aí.

Nós tava sujeito a voltar do meio de viagem, lá da seringa, de onde tivesse no campo de batalha. E nosso campo de batalha, já sabe, era Pará, Amazonas, Acre e Mato Grosso. Nesse trecho, nessas partes, qualquer canto que nós atuássemos é campo de batalha. Por exemplo: aqui era Amazonas, mas bem ali em Santo Antônio era Mato Grosso, cidade de Mato Grosso. E aqueles que viajaram na frente apareceram um dia fardado de polícia. Eu digo:

— Que é isso Zé Cardoso? Tu não tá na companhia SEMTA?

— Não, eu tô na polícia de Mato Grosso!

— Onde é isso rapaz?

Pra mim era no fim do Judas! Ele disse:

— É daqui sete quilômetros e meio, na estrada de ferro. Uma cidadezinha pequena.

Aqui, chegou aqui não era só seringa não! Era pra tocar o que tava no campo de batalha. Era o que desse e viesse. Aí saí procurando saber o preço do quilo da borracha. Aí o que tava orientando nós disse:

— É o seguinte: o preço da borracha, borracha de primeira, é treze cruzeiros. Vocês chegando lá no Amazonas, onde vocês chegarem, onde se colocarem, é assim: os seringais são nas margens dos rios... de um lado e de outro. Aí as lanchas do governo é transitando, de um lado a outro dando assistência a vocês.

Não houve isso! Os melhores seringais são lá pra cima. Tanto que tem seringal nas margens também, mas o melhor é o seringal lá pras serras... no pé da serra. Eu digo:

— Vixe Maria! De dezoito já tá em treze.

Passados então dois meses nós viajamos pra Porto Velho. Houve o embarque no dia cinco de julho, do acampamento Itapanã no Belém, pra Ponta Pelada em Manaus. Aquele embarque Zé Romão tava. Você ouviu falar no Zé Romão aqui? É da minha turma, da S-25. Nós debandemos lá desse embarque. Eu voltei da banca do pagador. Eu já tinha mostrado minha carteira, tava contando aquele dinheirinho, aquele cigarro... eles pagavam um cigarro, cigarro Asa. Tinha a asa do avião, né? E a nossa turma foi embarcando, embarcando... Eu digo:

— Manél, a nossa turma já embarcou todinha!

E eu fui com fé no seu Raposo.

— Seu Raposo a nossa turma já embarcou todinha e nós tamo aqui. Só tem nós dois aqui.

Aí ele já fez uma fila.

— Daqui pra frente!

Fiquei eu no final da fila que ele fez e o meu companheiro atrás de mim. Seu Raposo Disse:

— Daqui pra frente!

Aí veio um dacolá:

— Seu Raposo, eu quero embarcar, eu quero embarcar.

Aí ele colocou na nossa frente. Outro depois:

— Seu Raposo eu quero embarcar.

Aí ele colocou na nossa frente. Quatro! Que era só pra não dar pra eu viajar, que não era pra eu ir naquele embarque mesmo. Fiquei despreocupado. E vai... vai.. vai... vai. Até que chegou a vez. Eram dois: ele e o pagador. Seu Raposo apresentava a carteira e o outro fazia o pagamento. Aí ele já me apresentou uma plastificada, pequenininha assim do tamanho da carteira de motorista:

— Tá aqui! Sua carteira.

— É!

Ele passou pro pagador. O pagador preparou lá as dez carteiras de cigarro, o dinheiro eu não sei de quanto era, devia ser sessenta cruzeiros, não sei. Quando um guarda lá na frente foi me chamando pra embarcar, o outro guarda disse:

— Completou. Setecentos e cinquenta.

— E agora? O quê que é isso?

— Agora só outro embaixo, esse aqui já terminou.

— Puxa vida! Mas essa não...

Aí sai, fui reclamar pro chefe, seu Raposo:

— Mas seu Raposo, o tanto que eu pedi pra...

— Mas meu filho, o quê que eu tô pra fazer homem? Amanhã vai ter novo embarque!

— Mas é pra Porto Velho e eu num tô querendo ir pra Porto Velho.

Mas eu tinha que vir pra cá, que meu irmão tinha viajado na frente e tava era aqui e eu não sabia.

— Homem você deixa de ir amanhã, num embarque de duzentos homens, pra ir aí... emalado, como boi, imprensado...

— Não, mas eu queria ir lá com meus companheiros, que tão lá.

— Ó, amanhã você viaja muito cômodo, só duzentos homens. Porto Velho não é ruim não rapaz.

— Não doutor, eu não tô dizendo que é ruim. Eu tô dizendo que não tô querendo muito ir pra lá.

É... num teve jeito. Chegamos lá na frente o meu chefe de turma era um piauzeiro, Manoel dos Santos, da cidade de Parnaíba, profissão até alfaiate. Esse ainda trabalhou aqui em Guajará-Mirim, mas quando eu passei ele tava em Ponta Pelada. Ele tinha uma camisa que, naquele tempo, era umas camisa de jérsei, muito checada... Ele tinha uma, que ele queria a

camisa mais do que a mãe dele. Ele tinha comprado lá no Mercado Ver-o-peso e fez um sinal bem do lado de dentro, com a ponta do cigarro.

Naquela madrugada nós levantamos eram duas horas da madrugada e vai que roubaram a camisa. Os malandros. Os nossos companheiros mesmo faziam isso, roubavam as roupas e iam vender, num sabe. Ele disse:

— Rapaz, roubaram minha camisa!

Ô, mas ficou muito desgostoso. Como eu não embarquei, voltei da banca do pagador, vim encontrar a camisa dele! Quando eu vim de volta, vi num botequim. Um companheiro da mesma turma:

— Manél, ó lá o Abidoraldo!!

O que pegou a camisa de Manoel dos Santos, uma camisa de meia, colada, manga comprida e aí tirou a camisa e foi dar ao “dono”. Quando foi entregando pro rapaz do botequim eu fui chegando...

— Rapaz essa camisa não é a camisa de Manoel dos Santos?

— Não! Essa camisa eu comprei em Pinheiros.

É uma cidadezinha que tinha perto de Belém. Naquele tempo era Pinheiros, hoje em dia é Coraci. Eu digo:

— Bom, a camisa de Manoel dos Santos tem um sinal de ponta de cigarro, bem do lado de dentro do colarinho. Vira aí.

Eu disse:

— Eita...

O rapaz do butiquim:

— Foi pegado com a boca na botija, cabôco. E você vai agora vai ficar com a camisa!

— Vou, é do meu chefe de turma. Se eu um dia me encontrar com ele... eu não vou usar ela tão cedo... e se eu usar, no dia que nós se encontrar eu participo pra ele, ele me diz quanto é e eu pago a camisa... porque eu não vou usar tão cedo.

Mas não tava pensando de encontrar ele, porque nessas alturas eu tinha dito pro companheiro Manél, Manél Ferreira Gomes:

— Manel, vamos sair dessa companhia rapaz, vamo embora pra cidade amanhã, procurar trabalho?! Já tamo com cinco mês e ninguém chega no final desse trabalho, rapaz!

— Vamo rapaz! Agora, da nossa turma não tem muita gente. Da nossa turma, que era aquela irmandade, só tem nós dois. Pra onde você me convidar eu vou acompanhar.

Mas quando foi à noite, nós lá naquele pavilhão que portava setenta homens, só tava nós dois. Nos outros pavilhão tinha, mas naquele tinha ido tudo aquilo já. Rapaz, mas que coisa triste

rapaz! Só nós dois ali, conversando... Aí, por volta de umas oito horas da noite, aí me veio dar na idéia. Eu digo:

— Manel, vamo seguir nesse embarque da manhã Manel! Quem sabe nós vamos se dar bem?!

Ele disse:

— Vamos!

Aí no outro dia nós zarpamos! Passamos três dias no posto de Manaus. Eu fui lá em Ponta Pelada, falei com meus companheiros. Eles pensavam que eu tinha ido pra ficar. Eu digo:

— Não rapaz, tô de passagem. Vou aí pra um tal de Porto Velho, num sei pra onde é isso...

Imagine... a tropa era pra ser de duzentos homens, não deu! Não deu os duzentos, só cento e oitenta. Eles disseram pra mim:

— Mas rapaz, nós pensava que tu ia ficar aqui! Olha companheiro, seu Trajano chorou com a tua falta, cumpade!

— Cadê o Manel dos Santos?

— Tá pra acolá.

— Mas é? Eu trouxe aqui um presentinho pra ele.

Ele veio, me abraçou e eu disse:

— Manel, tá aqui um presentinho que eu trouxe pra ti. Não vai reparar não, que é pequeno.

— Rapaz, eu tenho que reparar que... eu posso abrir?

— Pode!

Aí quando ele rasgou, que era só um papelzinho...

— Rapaz, mas não é possível. Isso é minh...

— Você não fez um sinal aí? E seu Abidoraldo tinha levado ela e calhou de eu não embarcar. Voltei da boca da banca do pagador.

Eu não tinha mostrado minha carteira, aí completou setecentos e cinquenta. O Zé Romão que não sabe quanto foi aquele embarque em quantia de passageiros. Eu sei, que ia passar pra setecentos e cinquenta e um comigo. Mas, era só setecentos e cinquenta e parou, não teve mais jeito e eu voltei.

Pois é, de lá foi vinte e cinco dias tirando só de dia. Dez dias de Belém pra Manaus. E de Manaus pra cá, quando entramos na boca do Rio Madeira, só viajava de dia. De noite arriava, que era tempo de seca, mês de agosto... só viajava de dia. O último pernoite foi na cidade de São Carlos. No outro dia ninguém saiu cedo, foram desembarcar umas ferramentas. No caminho de Manaus pra Porto Velho, por lá foram perguntar o preço da borracha. Disse:

— É... borracha de primeira aqui é dez e quinhentos.

— Tá bom! Dez e quinhentos... deu mais uma queda.

O último pernoite foi na cidade de São Carlos, ninguém saiu cedo, como eu acabei de falar agora. Aí entra um seringueiro que trabalhava na várzea e aí a raça, nós, cerca logo. E lá vai perguntar sobre o trabalho e o preço da borracha. Ele disse:

— É... eu trabalho num seringalzinho aqui na margem, já colhi o leite e agora quando eu voltar cuido de defumar. O preço do quilo de borracha... borracha de primeira... é sete e quinhentos o quilo.

Aí eu ri pros companheiro e eu digo:

— Eita companheiro, se nós viajar mais uns cinco dias não tem mais preço. De dezoito já tá em sete e quinhentos. Isso lá é preço. Que coisa rapaz! Que mentira danada!

Bom, no outro dia, sabe, chegamos aqui dia dez de agosto, mais ou menos umas quatro horas da tarde. Quando eu fui saindo:

— Não, não sai ninguém.

O guarda tava lá. Com pouco entrou um conhecido, um arigó... que chamavam a nossa classe era arigó. Era conhecido lá... ajudante de carro também... por Chico Suíno. Ele disse:

— Rapaz o teu irmão tá aqui, tá trabalhando aí nos carros da Estrada de Ferro Madeira Mamoré!

— Rapaz, não diz rapaz...

E pelejaram:

— Mas eu num posso sair...

— Pois ele tá trabalhando.

Aí por lá ele convidou o companheiro dele, do volante, que trabalhava com ele. Disse:

— Rapaz, chegou uma embarcação, um navio aí. É a Chata Fortaleza, vamo embora lá? Chegaram e encontraram comigo.

— É... mas eu não posso sair. Tem um horário pra sair. Só cinco horas, cinco e meia.

Tavam preparando o trem pra nós embarcar, pra subir aí no rumo de pra Guajará-Mirim, Fortaleza de Abunã... esse mundão de meu Deus. Aí ele disse:

— Ah rapaz, peraí. Didi - que era o companheiro dele - tu vai. Tu pode ir que eu vou ficar aqui do lado do meu irmão, que eu vou falar com o chefe.

As autoridades daqui naquela época eram Major Aluízio, que a gente já sabia, Major Aluízio Pinheiro Ferreira. A segunda pessoa dele: doutor Joaquim de Araújo Lima, engenheiro, era a segunda pessoa. Tava como chefe da estação, naquela época.

— Eu vou ficar aqui pra falar com o chefe. Já fiquei aqui a mandado dos outros!

Saiu. Tava em forma, saiu e foi lá falar com o doutor Araújo Lima. Aí veio! Aquele homem muito distinto, chegou e falou:

— Qual é?

— É esse aqui doutor!

— Qual é o nome dele?

— Francisco.

— Seu Francisco, faça o favor! Pode sair de forma.

— E você já sabe onde ele vai trabalhar?

Ele disse:

— É... ele vai trabalhar aqui nessa construção do prédio do relógio, aqui.

— Tudo bem!

Tava começando aquele prédio do relógio. Aí ele botou a mão no ombro de cada um de nós:

— Que tal, tá satisfeito?

— Tô sim senhor, muito obrigado ao senhor – nós respondemos.

— Tá bom, eu também fico satisfeito. Já que vocês tão satisfeitos eu também fico satisfeito.

Aí disse aquela brincadeira:

— Quer dizer que agora juntou-se Virgulino e Pirão Deitado?! Rapaz, agora a coisa não vai ser fácil.

Ele era brincalhão. Muito distinto o doutor Joaquim de Araújo Lima. Deus que chame lá, que já morreu. E foi por que eu fiquei. Metade foi no prédio do relógio, em função do governo, mas como empeleiteiro. Aqui adonde é esse BEC, quando aprontou era o almoxarifado da estrada de ferro. Também trabalhei ali. Já quando foi feito aquele lajão de cima eu tava na guarda, que ali foi a guarda que fez. A guarda era pra tudo! O que desse e viesse, como o exército também. Então aquele trabalho ali eu participei, daquele lajão de cima. Eu peguei o plantão da noite. Foram seis noites, de sete às sete da manhã. Eu trabalhei uns três mês na guarda. Aí saí e me coloquei na estrada de ferro, numa turma extra da estrada de ferro. Aí vai, vai, vai, vai... Quando passou a território, que eu cheguei no dia dez de agosto e no dia treze de setembro que passou a território... chegamos quase junto. Eu chegando na frente do território um pouquinho. Em quarenta e quatro... não sei se foi a quatro de abril de quarenta e quatro que foi fundada a guarda do Território, a mandado do major Aluízio... a pedido... a pedido é modo de educação. Mas se dissesse que não, tinha que ir mesmo que tinha que formar a guarda. Nós aceitamos. O capataz que era Jonas Nobre, conhecido por cabo Jonas, disse:

— É rapaz, eu ainda faço questão que vocês aceitem que o serviço vai ser o mesmo aqui. Aqui é de noite britando pedra, na britadeira e depois, de dia, é limpeza. O serviço é o mesmo!

Embora que não foi! E o cabo Jonas ainda disse:

— E ele manda pedir pra essa tropa passar pra guarda só pra efeito de vencimento. Porque aqui ganha-se a diária de quinhentos cruzeiros, ao passo que na guarda vai ganhar vinte cruzeiros, ou seja, seiscentos mensal.

— Tá bom! – Concordamos.

— Amanhã no expediente da tarde vamos na visita médica.

O primeiro quartel da guarda foi naquela área que tem entre o mercado grande e o prédio do relógio, ali era uma casa grande de madeira e foi a primeira sede da guarda do território. Os comandantes eram o major Milton e capitão Madeira. Major Milton, capitão do exército, na guarda, as honras de major. O capitão Madeira, primeiro tenente do exército, na guarda tinha as honras de capitão e de sub-comandante da guarda. Bom, fomos na visita médica. Chegamos ficamos de forma ali onde é o galpão do mercado, onde tinha assim um cercado de pau-a-pique, feito de dormente da estrada. Nós formávamos ali. Ficamos ali. O cabo Jonas falou:

— Eu vou aqui falar com o sub-comandante, o capitão Madeira.

Piauizeirozinho! Chegou aquele piauizeirozinho... Os olhos muito ligeiros... Andou pra lá, andou pra cá... disse:

— Bem, minha gente, eu vou falar pros senhores o que é essa guarda. Essa guarda é uma Guarda Territorial! Essa guarda não tem dia e não tem hora pra pegar no trabalho. Não tem feriado, não tem dia santo! É de dia, é de noite, é por debaixo de sol, é por debaixo de chuva, se mandar entrar n'água é pra entrar, se mandar entrar no fogo é pra entrar! O major Milton é comandante, eu sou sub-comandante. O major Milton mata e eu tiro o couro! Pra amanhã não dizer que entrou enganado.

O homem disse mesmo assim. Aí por lá, um falou:

— Tá. Eu não quero!

— Então vá buscar tuas botinas!

Que a estrada de ferro pagava botina, macacão e mosquiteiro pra trabalhar. De seis em seis meses pagava. Quem tinha recebido recente ele disse:

— Vá buscar! Vá buscar o mosquiteiro.

O cabra subia pra lá com aquilo debaixo dos braços. Mas não adiantava nada! Amanhã eles resolviam a gente sempre pra guarda, que não tinha outra! Aí um paraibano que tinha do meu lado, que me chamava de pareia Chico...

— Pareia Chico, você vai ficar?

— Rapaz eu vou ficar, porque se eu não agüentar esse trabalho, essa guarda não vai funcionar não. Tenho certeza que não vai. Vamos ver como é isso!

— É, também vou ficar.

Foi assim que ficamos. É... não foi muito fácil não. Às vezes, depois das cinco horas, nós trabalhávamos meia hora ainda, buscando manilha ali no porto. Alí tinha um pontão que era o porto. O navio encostava naquele pontão. Depois tiraram ele e jogaram. Aquelas manilhas dos encanamentos ali do bairro Caiari, que era o bairro novato que tinha... o encanamento era daquelas manilhas, umas manilhas grandes que vinham, que a gente encaixava. Aquele barro muito bom, é daquilo ali que fazia a as encanação que começou aí. Depois de cinco horas, muitas vezes nós pegávamos e íamos trabalhar meia hora, carregando nos carros e espalhando lá na construção. Um dia à noite, depois da leitura do boletim, o Major Aluísio disse:

— Sete horas a guarda em peso aqui no porto da navegação!

E dava-lhe trabalho. Era pra desembarcar lenha que tinha chegado num lanchão, cheio de lenha aí... de uns contratos de lenha. Que naquele tempo as embarcações tudo era lenha. De Belém pra cá, havia umas três que não eram. Aquele povo já tinha costume, era o ramo deles. Eles eram lenhador pra não deixar faltar lenha e dali eles viviam. O navio deixava a mercadoria, tinha aquele dono daquele porto de lenha. Fosse de baixada, fosse de subida pegava um pouco de lenha. De baixada também! Nem que fosse um pouquinho de lá pra cá, pra ganhar duzentos réis. Pois é... a pisada foi essa.

Bom, ficamos na guarda... foi desse jeito assim. Se fosse preciso trabalhar dia feriado trabalhava, domingo também. Trabalhamos! Esse princípio foi meio... Mas, pra quem era acostumado... Eu desde menino fui mesmo do pesado, desde os dez anos. Sendo que eu cheguei, como eu disse, a dez de agosto de quarenta e três. Nos primeiros de quarenta e quatro eu me alistei pra servir de militar. Que eu não tinha registro, aí me alistei pra servir de militar. Depois trabalhei na guarda do território. O meu cartão parece até que é número cento e cinquenta e seis... o cartão, a identidade. É isso mesmo, eu ainda tenho lá em casa. Me alistei pro serviço militar e ficou pra lá. Quando foi no final de quarenta e cinco lá o sorteio me chamou. Foi o último sorteio daquela lei daquele tempo. Aí passou a ser outra lei. Disseram:

— Ó, você tem que se apresentar, tem que se cuidar.

Aí eu fui ciente ao comando da guarda, que tava funcionando lá na Barão do Rio Branco. Naquele dia fui eu e o Raimundo Queiroz. O Raimundo Queiroz ainda fez curso pra cabo, depois pra sargento. Eu tirei meu tempo certo. Aí disseram pra nós:

— Amanhã, no expediente da tarde, tragam as fardas.

Aí chamou um guarda que tava de pronto e disse:

— Leve esses dois rapazes lá no portão das árvores.

Aí saímos. Subimos ali a José Bonifácio, aquela ladeira ali da prefeitura, quando passamos ali no Barão dos Solimões, o Raimundo disse:

— É, ontem nós com a farda e hoje nós vamos aqui escoltados, né?

— Mas isso é uma boa rapaz! Uma entidade está nos entregando para outra entidade. Isso é uma obrigação dessa entidade que nós estamos, né? Quando terminar nosso tempo aqui nossa vaga tá aí. Se quiser voltar...

Só que eu não voltei. A maior besteira que eu fiz. Quando saí parti pra agricultura e trabalhei dez vezes mais do que se fosse na guarda. E a guarda depois ficou boa. Pois é, na guarda eu tirei quase dois anos, não foi? Decido ir pra guarda em abril de quarenta e quatro. Saí e fui incorporado, ali na terceira companhia. Nos primeiros de novembro de quarenta e cinco me incorporei na terceira companhia. E assim foi. Quando saí, fui licenciado já nos primeiros de quarenta e sete. Não voltei pro governo. A gente não faz a sorte não! Como aqui tudo era importado do sul do país... a agricultura, a gente chegava aqui e a agricultura dava aí como deu. Eu parti pra agricultura, como eu acabei de dizer, trabalhei dez anos... trabalhei dez anos. Trabalhei foi quarenta anos, que eu entrei em quarenta e oito e saí em oitenta e oito. Como eu tô dizendo, tenho a carta de aforamento, o cadastro do IBRA e tenho o cadastro do INCRA. Foram mais ou menos quarenta anos de campo, fazendo agricultura e criação e trazendo pra dentro de Porto Velho. Tanto que eu digo que eu ajudei a fazer uma cidade, que eu, quando cheguei aqui, eu me perdia quando andava caçando embiara lá por onde é o 4 de Janeiro, por acolá. Pra cá mesmo ainda cheguei a me perder procurando embiara, caçando. E hoje eu me perco dentro da cidade que eu mesmo ajudei a fazer e eu sou satisfeito com isso. Eu podia ser aquele que tá ganhando meus três mil e pouco na guarda, aposentado... me lembro disso. Mas se eu não fosse pra agricultura, outro tem que ir no meu lugar, isso é o que eu digo pra minha velha: “se não fosse nós mulher, um outro tinha ido... tinha que ser isso”.

Porque sem agricultura e criação ninguém vive, não tem cidade. Você pensa que hoje o analfabeto não sabe onde tá a luta dele? Sabe! Assim como eu sei¹. É que eu assino meu nome na marra, sou analfabeto. Mas, graças a Deus que Ele me deu minha mentalidade sadia e força pra trabalhar. E foi o que eu fiz, trabalhei muito! É a luta que continuam nossos filhos, nossos netos... A cidade tá feita e não tinha cidade aqui. Agora tem cidade que a gente se perde dentro, eu mesmo me perco. Engraçado, né?

Agora, o negócio de seringa rapaz, aí é uma outra história. Tá incluído o trabalho de seringa pra fazer valer. Tanto que eu digo assim... pra uns eu digo que cortei, mas lá no seringal mesmo que me coloquei como seringueiro, que trabalhei lá... Aliás até trabalhei lá no seringal do Emídio Feitosa, que é aqui abaixo da cachoeira de Teotônio, na margem esquerda. Barracão-chefe por nome Porto Seguro. Eu ainda trabalhei lá com ele mesmo. É pena que hoje parece que

não tem mais nenhum parente dele. O gerente, que era o primo da minha esposa, há pouco tempo morreu. Era o gerente do seringal do Emídio Feitosa, Seringal Bom Futuro, no rio Mucuim. E o barracão é aí na margem do rio, margem esquerda, nome do lugar Porto Seguro. Ainda trabalhei lá. Tava sendo pago pra cobrir o barracão dele, um barracão que era um monstro, de caranaí. Eu trabalhava muito bem. Aqui em Porto Velho mesmo ainda trabalhei quando sai do exército. Aí eu trabalhei lá, fiz aquele barracão... Fiz dez mil palmas de palha, um barracão monstro. Fui buscar lá na estrada do seringal mesmo... Aquele monte de feixe. Quando o menino não podia ir buscar no cavalo eu trazia nas costas. Eu e minha velha trançamos dez mil palmos de palha. Porque quando saíam do seringal, quem queria sair vinha trabalhar aqui em Porto Velho, quem não queria ficava lá no barracão trabalhando na diária, ajudando a fazer farinha até chegar o tempo de entrar pro seringal. Foi assim. Agora, eu me coloquei como seringueiro de lá pra fazer valer. Porque aí, no caso, eu não tenho nem porque ter vergonha porque quando me chamaram, que dizia que isso é até uma... Um dia eu cheguei aí no sindicato rural, que eu sou sócio lá desde a associação rural, tava o comentário “aposentadoria do soldado da borracha”. Eu digo:

— Mas minha gente! Vocês ainda tão nessa? Alimentando esse pesadelo rapaz! Quantos anos?! Vocês não vêem que até os documentos queimaram?!

O nosso chefe aqui, que era o representante, que era o professor Ênio Eduardo Lins, que era o representante das tropas quando chegava aqui, pra organizar, pra mandar pra aqui, pra acolá, ele mesmo me falou quando eu fui procurar minha carteira:

— Venha daqui oito dias!

Com oito dias eu cheguei lá e ele disse:

— Rapaz eu não tive tempo de procurar e nem tenho que eu mande procurar.

Eu falei pra ele:

— Professor, se não for aborrecimento professor, eu sei encontrar minha carteira. Minha carteira é de número onze mil e noventa e sete.

Aí ele distribuiu o resto. Disse:

— Rapaz, vou te dizer uma coisa muito certa: aquele documento não tem serventia nenhuma. Dane-se! Eu tenho a ordem de jogar fora ou queimar.

— Pelo amor de Deus professor, um documento feito com tanta da especulação, tanta da exigência!

— Tô lhe dizendo! Tenho ordem de jogar fora ou queimar.

Como eu disse lá no INSS, quê que eu to pra fazer rapaz? Eu não podia invadir a repartição! Até pedi pra procurar que eu ia e encontrava mesmo. Mas eu não podia invadir a repartição. Eu digo:

— Olhe, eu cheguei aqui me alistei pra serviço militar e servi. Tá aqui essa carteira. Se eu perder essa carteira, se por acauso extraviar e eu precise da segunda via o quê que eu faço: me dirijo à entidade onde eu servi, onde era a terceira companhia de fronteira. É bastante eu dizer qual é a classe, a classe dezenove. Vai em cima do pacote. E porque aquela ficha que eu fiz no dia sete de fevereiro, ela tá nos arquivos da companhia SEMTA, se foi extraviado o soldado não tem culpa não mulher. Que história é essa? Eu é que exijo o meu documento, que eu nunca fui licenciado. E vai ter quem diga que eu não sou contratado da companhia SEMTA que, se alguém achar que tem capacidade de provar isso legalmente, apareça. Pode aparecer, não tenha vergonha não! Porque eu sei que não vai aparecer nem no Brasil nem em canto nenhum. Provar que eu não sou contratado?! Eu quero é ver!

Pronto! Quebrei a mola de tudo, o senhor não acha? Quem que vai dar esse testemunho? Eu tenho certeza que não tem gente pra dar essa garantia. E eu dou. Eu dou mais ou menos... Não dou com tinta e papel, mas pessoalmente, testemunha eu tenho porque tem... uns veteranos que eu encontrei aqui quando cheguei, companheiro de farda que ainda não morreram, Soldado da Borracha que ainda existe, que nem eu... os poucos. E a minha gente, que eram meu tronco velho, meus pais de criação, não tão mais. Eu sei! Eu fui lá, em cinquenta e oito. O velho ainda tava vivo, mas tava bem velhinho e a essa hora já é com Deus, com certeza. Mas tem a filiação dele que eu considero meus irmãos de criação. Enquanto eles estudavam, eu trabalhava pra ajudar a criar eles. Mas valeu a pena também. Cheguei lá vi eles tudo formado: doutor, engenheiro agrônomo, aviador, professora, empregada do Epasa... A mais velha que era funcionária do Epasa... pois é. Enquanto eu trabalhava eles estudava, mas valeu a pena. Eu vejo, não precisa ninguém me dizer, como acabei de dizer pro senhor, eu sei onde é que ta minha luta! Tá aí. Sou satisfeito por essa parte.

Pois é... Minha história tem uma história da minha meninice, de dez anos até vinte e poucos anos. Mas essa ficou pra trás. Também essa aparece até com aquela história do Teixeira. Eu não sei se você conheceu a música do Teixeira... como é meu Deus aquela música? Peraí que eu vou me lembrar... que diz:

O maior golpe do mundo
Que passei na minha vida,
Foi com nove anos apenas
Perdi minha mãe querida.
Morte triste e dolorida!

E é isso que a música diz. Que ele dormiu pelas montanhas e aquela coisa toda... Mas eu escutei essa música e comparei com a minha sorte. Que eu fiquei fora do meu pai cedo, **perdi minha mãe eu tinha nove anos**². O papai com dois anos arrumou outra família e me mandou ir morar... passar uns três meses na casa dum casal novo, que a pouco tempo tinha se casado e pra lá eu fiquei. Passei os quatro anos mais difíceis da minha vida. Tão pequenininho tinha que dar conta de tudo. Carregando água na cabeça... Quando a água tava mais longe, que no Nordeste a água já era numa carga, chegava lá ia encher aquela carga, buscando numa cuia lá de dentro da cacimba, botando ali até encher... Uma vida sofrida. Com quatro anos eu desabei de lá, saí por conta própria dali. Naquele dia eu dormi no mato perto de uma casa, andei o resto da tarde e quando foi à noite entrei pro mato, ateí uma rede num pano grande que eu levava pra apanhar feijão... Ainda pensei em deixar numa árvore perto da porteira do curral, depois eu digo: “não, eu vou levar esse pano.”

Pensei assim: “pra fazer uma rede”. Eu era menino pequeno. E foi o que eu fiz. Não andava e nem encostei em casa de ninguém. Perto de uma casa eu rodeava. Nós já tínhamos morado em diversos outros lugares. Com a cabeça eu digo: “eu não vou pra lá pra onde nós já moramos porque ele vai me procurar pra lá. Eu vou pra onde eu não conheço e nem ele nunca andou!”.

Assim fiz e deu certo. À noite eu entrei pro mato, ateí a rede numa árvore copada, entrei pra dentro da redinha e fiquei lá. Tirei o chapéu de couro... eu usava um chapéu de couro daqueles tipo do Luiz Gonzaga... e alí fiquei. Deus me deu muita coragem naquilo. Porque eu não me aperreei, não chorei. Quando foi anoitecendo a lua veio saindo, lua cheia, passei a noite no claro. De manhã bem cedo eu peguei e zarpei. As primeiras casas que eu passei tavam fechadas. Lá muito longe tinha um homem desleitando uma vaca. Passei direto. Chegando lá na frente eu olhei pra trás, assim derrepente, e ele tinha deixado lá a vaca com o bezerro e tava assim me olhando... Eu sei que eu dei uma andada doida e essa daí se eu contar vai longe viu.

Mas como tava falando, sobre a música do Teixeira, Coração de Luto, que ele fala que foi aquele menino sofrido, subiu pelas montanhas, a mãe morreu queimada... Eu me lembrei da minha história. Subi lá pelas garras dos pau... **Não era que eu fosse malandro não, é que minha sentença era ridícula! Sofria demais viu**³. E o homem que eu tava com ele... é o que é interessante... foi um homem criado também... que nem eu quando saí da sombra do papai, que já tinha meus dez anos. E ele foi achado na porteira de um curral, amarrado nuns cueiros, numa redinha de cueiro, amarrado num galho do pau. Quando eu, menino, eu ouvi contar a história dele, conheci o pai e a mãe de criação dele. Aquelas horas da noite, aquela criança chorando:

— Quê que é isso, que é isso? Vai! Vai ver lá.

— É uma criança!

— Traz! – O velho disse.

Eu conheci o velho e os filhos do velho. Chamava-se Auleriano. De filho legítimo tinha o Pedro, tinha a filha Isaura e a esposa dele chamava-se Benvinda. Aí ele disse:

— Traz, traz o menino.

Aquele menino branco. Uma dona teve a criança... era moça e arranjou esse menino com um senhor casado... pai de família da minha idade, rico. Eu não sei porque foi parar lá. E ele criou! Criou com o maior mimo! Ele mesmo dizia:

— Fui criado com o maior mimo!

Os filhos do velho, Pedro, Isaura e o Francisco, iam trabalhar. Ele tinha uma criaçãozinha e tocava agricultura também. Eles mesmo trabalhando. Iam cuidar de colher algodão, mamão... mas ele não ia. Disse:

— O meu serviço, quando eu tava já grandinho, era correr. Montar em cavalo e correr.

Sendo que um dia, ele não falou o que foi que fez, sei que o velho deu uma surra nele. Ele disse:

— Papai quando dava surra num, minava sangue até nos outros.

Deu uma surra nele e no outro dia levou ele pra trabalhar. Levou o garotão pra roça. Com três dias, já pela parte da tarde, ele disse que o velho parou... o velho também com os filho lá no algodão... o velho parou, contemplou assim... olhou pra ele e disse:

— É verdade. Meu filho tá sendo maltratado. Deixe meu filho! Vá embora pra casa.

Isso ele dizendo. Aí foi embora pra casa. E o velho lá ficou, com os filhos dele, trabalhando. Casou novo, herdou uma semente de criação. Duas vacas, um cavalo de cela e foi embora pra lá. Eu sei que quando ele já tinha uma filhazinha de cueiro, a mamãe tinha morrido a pouco tempo e ele foi pedir do meu pai pra eu ir passar um tempo lá. Que ele saía, passava o dia fora e a esposa dele não tinha companhia. Aí o papai tava lá na empeleitada e mandou dizer que eu fosse. Ele foi lá na casa da titia, que eu ficava na casa de uma tia do meu pai. Ele foi. Chegou lá falou pra mim ir e eu não fui. Quando papai chegou disse:

— Você não foi?

— Não senhor!

— Pois é pra ir! Eu vou passar lá e é pra você ir... passar uns três meses com ele.

Aí quando ele veio... Fazer o quê? Fui chorando, mas fui. Porque o meu ideal era ficar com o papai. Eu digo:

— Quando eu crescer, eu e o papai... nós dois trabalhando, nós faz fatura. Faz!

Eu já tinha esse ideal, só que não aconteceu. Fui pra lá pra passar três meses e três meses foram esses que... Eu até emociono quando lembro. Aí o papai arrumou outra família e até desapareceu daquela região, não soube mais notícia dele. E esse irmão que veio pra cá comigo,

que eu mesmo convidei ele, nós passamos nove anos sem se ver. Espalhou-se tudo, a família toda. E, quando eu já morando na cidade de Crateús, ele reapareceu por lá, trabalhando de ajudante de carro. Aí diziam que nós se parecia muito... Eu sei que a turma aqui e acolá perguntava:

— Você não é irmão daquele ajudante de carro do doutor Pinto?

Eu digo:

— Não!

Deixe que me deixaram noutra região e ele nem imaginava que nós éramos irmãos. A mesma coisa faziam com ele. Perguntavam pra ele:

— Você não é irmão daquele rapazinho que trabalha de filho de criação do Lúcio Frota?

Ele disse:

— Não!

E nós se vendo! Passamos parece que bem um ano. E com tanta da pergunta... ele mesmo, mais velho, que era o mais velho de todos nós, teve a idéia de um dia perguntar. Eu vinha saindo do mercado, do açougue, tinha ido comprar carne no mercado. Eu vinha saindo e ele tava numa banca tomando café. Aí ele falou:

— Ei garoto, faz o favor.

— Pois não!

— Me diga uma coisa: de quem você é filho?

— Eu sou filho de Teófilo Ferreira dos Santos.

— Você não é daqui não! Morava fora daqui?

— Morava na Guia. – É um lugar que tem no Ceará, por nome Guia.

— Você não tá me conhecendo? Eu sou Salustiano, teu irmão.

E nós viemos se conhecer novamente! Foi... Porque quando eu deixei de ver ele, ele era rapaz novo e eu era gurizinho. Ele era madurão e eu já rapazinho também. Tava todo diferente... E ele tinha me deixado longe... Mas, com tanta pergunta, ele um dia prestando atenção me achou parecido com o outro irmão que ele tinha. Aí foi quando ele me procurou pra fazer a pergunta. A cidade é pequena, mas passamos bem um ano se vendo e o povo todo naquela pergunta e nós nem dávamos atenção pra eles.

Pois é... a minha história é essa. **A minha vida foi sofrida um bocado, mas eu venci!**⁴. Tô com oitenta e dois anos. Esse novembro, se Deus permitir, esse oito de novembro que vem, eu vou fazer oitenta e três. A luta foi essa.

LEITURA

Aquilo que muitas vezes é dispensado pelos historiadores orais por não dizer nada sobre os eventos de que tratam seus objetos de investigação, diz muito da visão de mundo dos narradores e pode ser alvo da leitura dos oralistas.

Este é o momento em que faço a interpretação de cada uma das narrativas. Realizo o que chamo de “sobrevôo punctual”, tomando como caminho o apontado por Alberto Lins Caldas em “Nas Águas do Texto” (2001), não como exemplo ou modelo – as leituras exemplares são sempre históricas, sociológicas, antropológicas, psicológicas, etc. – mas como possibilidade frutífera de desdobramentos da construção discursiva que cada um dos textos acima apresentam. A leitura feita também não é um sistema interpretativo em que “queremos que tudo passe a ter sentido para nós e para todos” (SANTOS, 2002, p. 284).

Entendendo o texto como construção social, transpassado por cada um dos outros textos sociais que compõem o que se entende por realidade – de onde surgem também discursos históricos, geográficos, psicológicos, a guerra, Estado Novo, Getúlio Vargas e tantos outros – busca-se através de uma leitura analítica, estabelecer pontos de interpretação que possam ter seus sentidos multiplicados por uma hiperleitura (CALDAS, 2002) que pode ou não estar ligada às questões propostas pelo narrador.

Assim, a leitura dos textos é “punctual”, derivada do *punctum* de Roland Barthes (1984), onde cada detalhe significativo – o significativo é dito por quem lê; o que é significativo para mim, pode não ser para outro leitor – é um ponto a ser analisado, prenhe de múltiplos outros sentidos.

Essa leitura é, como diz o próprio Barthes para designar a sua atração por certas fotografias, uma aventura, uma animação recíproca (1984, p. 17): o texto me

toca e nesse contato eu o desdobro; é “um por em contato para fazer vibrar (...) um roçar para inflamar” (Caldas, 2001, p. 60).

Para Barthes o punctum é o elemento que “(...) parte da cena, como uma flecha e vem me transpassar (...) [é] essa ferida, essa picada, essa marca feito por um instrumento pontudo, (...) é esse acaso que nela [na fotografia] me punge” (1984, p. 46).

Passando as considerações de Barthes da fotografia para o texto, o punctum é então um olhar pessoal, são pontos que chamam a atenção do leitor, que podem ou não estar articulados ou coincidindo com outros olhares. Num primeiro momento, o punctum é ponto de atenção, para depois passar a ser ponto de irradiação: do punctum podem irradiar significações as mais variadas, interpretações as mais diversas. O punctum é, em síntese, ponto de multiplicação de sentidos.

Dada a diversidade de leituras que se tornam possíveis a partir dos textos-narrativas, faremos aqui um sobrevôo punctual, que pode ser muito bem definido pelas palavras de Fabíola Holanda quando fala desse tipo de leitura como uma “evocação de sentidos em busca de uma rede organizada de obsessões” (2006, p. 116), em que analisaremos alguns pontos que foram escolhidos dentre o universo inesgotável de possibilidades de leitura que advém das narrativas apresentadas.

No contato com os colaboradores percebemos que o típico Soldado da Borracha apresentado nos textos da historiografia regional (BENCHIMOL, 1999; HUGO, 1995; PINTO, 1993; PINTO, 1984; SILVA, 1984 e 1991) não é único. Esses textos tratam como Soldados da Borracha somente aqueles seringueiros que vieram para a Amazônia no período da Segunda Guerra Mundial. Como neste trabalho estamos preocupados com a narrativa pessoal desses homens valorizamos o discurso não só dos que vieram no período da Guerra, mas de todos os que se identificam enquanto Soldados da Borracha. Assim, ao fazermos a análise das narrativas percebemos, até agora, a existência de pelo menos quatro tipos de soldados da borracha:

1. O primeiro é aquele já dito pelos livros regionais, o homem que veio para a Amazônia recrutado pelo exército, em idade de alistamento militar, no período compreendido entre 1943 a 1945.
2. Outro tipo de Soldado da Borracha é aquele que veio para a Amazônia um pouco antes do período acima, ainda pequeno, com a família encaminhada pelo Departamento Nacional de Imigração. Neste caso, a migração dessas famílias ainda nada tinha a ver com a Guerra, era resultado de uma política de Estado para a colonização dirigida.
3. Também aquele homem que veio do Nordeste no período da Guerra, contudo ainda pequeno, acompanhando a família. No entanto, apesar de ter vindo no tempo da guerra, o pai não havia sido recrutado para o trabalho de extração do látex, pois só vinham para a Amazônia alistados os que estivessem desacompanhados. Este tipo de Soldado da Borracha, mais pela necessidade do que pela vontade, aprendera ainda pequeno a trabalhar embrenhado na mata com o pai, na fabricação das pélas de borracha.
4. Há ainda os nascidos na Amazônia, filhos de seringueiros nascidos na amazônia, mas que se identificam como Soldados da Borracha e se dizem enquanto tais.

Creio que é bom ressaltar que neste trabalho não há a preocupação em definir “quem realmente foi um Soldado da Borracha”, não há um compromisso com uma verdade que quer se estabelecer como histórica. Aqui trabalhamos com experiências de vida – “experiência como resultado de uma vivência específica, singular, do aprendizado da vida” (HOLANDA, 2006, p. 23) – narrativas, discursos. Se o colaborador se diz enquanto Soldado da Borracha não nos caberá negar.

Mesmo assim, a questão ainda é maior: aqui o texto é o referente de si mesmo (CALDAS, 2001, p. 20), não importam as certezas históricas ou geográficas. O importante é o texto, o que ele não diz ao dizer outra coisa e o que nos diz ao esconder outras tantas, esse jogo de “sombra e luz” (CALDAS, 2001, p.

54) , essa relação entre o dito e o não-dito. É a partir do texto que a leitura deve se dar.

ABERTURA

Se considerarmos que os Soldados da Borracha saíram de uma região cujas “características naturais”, cuja paisagem é o inverso da que eles viveram em seu lugar de destino, a trajetória pessoal destes homens é fundamental para compreender as novas formas de relações estabelecidas e a vida construída na Amazônia a partir da chegada.

Também é necessário, para que sejam evidenciados os elementos fundamentais do novo espaço de vivência e quais tipos de práticas sociais são consideradas no processo de valorização deste espaço, que seja feita uma leitura de qual é a visão de mundo destes homens sobre a Amazônia e qual a perspectiva dos Soldados da Borracha sobre a floresta e que práticas podem ser consideradas como um processo de criação do Lugar a partir das experiências cotidianas.

Os Soldados da Borracha se referem às terras amazônicas como se as mesmas fossem a ama-de-leite capaz de suprir a falta da verdadeira mãe. É no seio dessa “mãe gentil” fértil que o nordestino – atraído pela imagem fantástica e maravilhosa que se fez da Amazônia no Nordeste – buscou o abrigo para a fuga da seca adaptando suas formas de viver à Amazônia e onde passou a criar as condições para a sua existência/resistência, descobrindo novos meios para lidar com as dificuldades que enfrentou, ora domesticando e ora sendo domesticado aos poucos pelo que lhe era estranho e desconhecido, (re)significando para si o espaço amazônico.

Em virtude da inexperiência na mata o Soldado da Borracha foi inicialmente estereotipado como o “brabo”. E pelo fato de ser migrante foi denominado de “arigó”. Mais tarde essa denominação permanece, contudo aqueles que já se

tornaram experientes na lida com a seringa e entendidos da linguagem cabocla passam a ser “mansos” e não mais “brabos”. No geral, independentemente de serem “mansos” ou “brabos” esses homens e suas famílias – apesar de a maioria dos Soldados da Borracha terem chegado solteiros à região amazônica – eram caracterizados como “cearenses”, não importando de que Estado da federação vieram. Dessa forma o caboclo amazônico caracteriza grosseira e indiscriminadamente esses homens como “estranhos” ao ninho amazônico, caracterização essa que acaba apagando suas diferenças individuais, sendo o grupo caracterizado por semelhanças superficiais.

Percebemos que o espaço “natural” é reconstruído e ressignificado por estes homens a partir do estranhamento e das relações constituídas dentro do mundo amazônico. A organização do seringal assenta-se no trabalhador que vivia na mata, distante do convívio com os outros. A mata para o Soldado da Borracha possui vida e vontade própria e apresenta-se, pela sua estrutura simbólica, como filha e fruto da comunhão da água com a terra. As Águas, que trazem em seu curso os sedimentos responsáveis pela inseminação e fertilização da Terra – elemento símbolo da fecundidade – aparecem não só como fonte de origem da vida, mas também como elemento mantenedor desta vida na mata (ELIADE, 1992, p. 110).

As terras amazônicas, acolhedoras do homem nordestino, são responsáveis por parir a floresta, território desconhecido e despovoado, deserto – exatamente como o deserto bíblico, lugar cristão do sofrimento, da tentação, da solidão, da bestialidade e da perdição, mas também da remissão dos pecados (LE GOFF, 1985; LOUREIRO, 2001) – que aparece, ao olhar do migrante, como um outro mundo e, por ser um outro mundo/um mundo do outro, apresenta-se sem forma, na modalidade de Caos (ELIADE, 1992, p. 34).

A partir da ação desses homens sobre essa massa verde caótica que se espalha sobre a Terra, inicia-se um processo de organização, de cosmicização do Caos. O homem passa a agir sobre o espaço caótico, amorfo, a fim de transformá-lo simbolicamente em Cosmos, em Mundo, em “seu-mundo”, em seu lugar, ou seja, em seu espaço conhecido (ELIADE, 1992, p. 32).

A transformação do Caos em Cosmos é criação. Essa criação se dá através da ritualização das atividades exercidas pelo soldado da borracha. Esse movimento ritual é que vai estruturar e organizar o espaço da mata, colocar nela os referenciais de que o soldado da borracha precisa para dela tirar seu sustento. Dessa maneira, o que se dá é um processo de consagração desse espaço, processo que, segundo Eliade (1992, p. 36), implica numa escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo”.

Assim a mata necessita de quem a consagrou e a sociabilizou, de quem a criou, tanto quanto o seu criador necessita dela para poder ter um referencial para sua existência: ninguém existe sem um lugar, da mesma maneira que é impossível um lugar sem uma presença. A presença é que vai criar códigos que vão dar significados ao espaço que, por sua vez, surge como concretização do modo de agir, das relações estabelecidas por uma sociedade, ou seja, como projeção de uma práxis (CALDAS, 1997, p. 09).

Em geral, tende-se a entender o específico, o singular como acessório do lugar, tendo a totalidade como essência, quando o singular é que é o essencial, pois é o singular que dá sentido ao lugar. Esses códigos são as referências que permitem uma compreensão do lugar, afinal são as relações que criam o sentido dos lugares. Portanto, o lugar é resultado do labor e ao mesmo tempo laboratório do homem. “É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 1996, p. 20).

Esse processo de sociabilização, de formação e criação do existente é responsável por tornar o “brabo” em um “manso”, ou seja, fazer do homem nordestino recém chegado e inapto ao serviço de extração do látex – além de desconhecedor de um espaço físico complexo como o da floresta – um homem apto ao trabalho com a seringueira. Além disso, o lugar – por ser a porção vivida e experienciada do espaço, apropriado pelo corpo, significado e internalizado pelo uso que se faz dele – expressa em muito a visão de mundo da sociedade que o ocupa.

Para Y Fu Tuan, ao propor uma topofilia (1980), “a visão de mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo”. Ou seja, a visão de mundo é construída a partir da interação de dois elementos: a exterioridade e o social. A exterioridade seria o palpável, o visível, o perceptível visualmente, em síntese o ambiente natural, sentido. O social seria toda a gama de experiência adquirida a partir da percepção não palpável, portanto, nem sempre empírico, mas evidentemente plasmado nas relações sociais, nos laços entre as pessoas e entre as pessoas e o mundo. O visual é sempre, em toda medida, resultado do social.

A compreensão do lugar deve necessariamente passar pelo entendimento da dimensão simbólica e da constituição do imaginário, das representações desse lugar. Não se pode tratar da constituição do espaço amazônico pelo migrante nordestino sem colocar em evidência a participação dos principais doadores de sentido a esse espaço: os mitos. Os mitos aparecem como participantes da construção do mundo dos soldados da borracha ao construírem imaginários que explicam esse mundo. São também mantenedores da ordem e da estrutura social desse lugar e determinadores da forma de conduta dos homens no espaço ao mesmo tempo que ensinam ao homem como usar adequadamente os recursos da mata (SILVA, 1994). Os mitos são modelos exemplares (ELIADE, 2002, p. 08).

Mircea Eliade diz que o mito é “solidário da ontologia: só fala das *realidades* do que aconteceu *realmente*, do que se manifestou plenamente” (1992, p. 85) (grifo do autor). Assim, como delineadores de condutas e formatadores do cosmos, daquilo que é real, eles dão sentido, valor e significação à existência humana. Os mitos estabelecem uma sinergia essencial e fundamental (são fundadores do cosmo, responsáveis pela cosmogonia da mata) entre os homens e deles com a mata. Há uma negociação, uma série de permissões e proibições, acordos de conduta e de convivência, que tanto os seres mitológicos da mata, quanto os homens têm que respeitar (SILVA, 1994).

João de Jesus Paes Loureiro diz que “há, nas alegorias produzidas pelo imaginário na cultura amazônica, uma permanente tentativa de compreender o

homem, o amor, a vida, a morte, o trabalho e a natureza” (2001, p. 94). Essas alegorias compõem o constante velar/desvelar das relações sociais, explicando e dando sentido, descobrindo e encobrindo a realidade (exterioridade visível). Concordando com o que diz Paul Claval (2006, p. 97), o imaginário, o mundo revelado pelos mitos, geralmente parece muito mais autêntico do que o alcançado pelos olhos.

RAIMUNDO CLÁUDIO

Eu vim do Ceará em mil novecentos e quarenta e quatro¹ é o início de tudo. É por onde nasce a narrativa, por onde começa o contar a vida. Esta é a resposta a uma única questão: por onde começar a contar a existência? Mesmo parecendo ser o contrário **Eu vim do Ceará** estabelece uma relação não com o lugar de onde Raimundo Cláudio vem, mas com o lugar a que se destinou. Relacionar a origem da vida – narrar é contar a vida – com a chegada é estabelecer laço de familiaridade. A principal referência não é o Ceará, mas o lugar de onde ele fala. **Eu vim** fala “daqui” e não “de lá”, do Ceará; evidencia a vontade própria: Raimundo Cláudio não veio forçado, veio porque quis; reafirma essa espontânea vontade que o torna homem do lugar, tanto quanto aqueles que ele aqui encontrou e que nunca saíram daqui. **Eu vim do Ceará** quer dizer “eu vim de longe”, e **em mil novecentos e quarenta e quatro** quer dizer “há muito tempo”: marca a época e revela o contexto; sobretudo revela a antiguidade do vínculo de Raimundo Cláudio com o lugar que lhe serve de destino, e que com o passar do tempo se reconfigurou: se tornou origem, início, ponto de partida.

A destinação tem um motivo: **pra trabalhar**², pra (re)construir, produzir, criar as coisas no mundo. Mas o trabalho de Raimundo Cláudio não é apenas o trabalho semelhante ao da fábrica, da linha de montagem, não cria distanciamento ou ignorância com relação ao mundo. O trabalho de Raimundo Cláudio não corresponde apenas a uma dimensão imposta pelo mundo moderno (mesmo sendo uma das engrenagens da grande indústria que é o mundo global, fazendo parte da linha de produção das demandas ditas globais, não é assim que Raimundo Cláudio vê e pensa o seu trabalho) – mundo da indústria, da máquina, da repetição desatenciosa porque indesejada ou sem significação –, por isso não instaura um mundo vazio que se baseia numa ordem social carregada de um tempo morto: o tempo da burocracia. Ecléa Bosi diz que “são os tempos vazios das filas, dos

bancos, da burocracia, preenchimento de formulários (...)” (BOSI, 2003, p. 24) em que boa parte da vida é tornada “percurso sem significação biográfica” (2003, p. 24), ou seja, sem relação com a vida. Como consequência disso há um ofuscamento da percepção e, conseqüentemente, da subjetividade.

Esse tempo morto, vazio, inibe a atenção dos sujeitos sobre as coisas, sobre a vida e compromete a experiência, que por sua vez passa a não existir, já que os momentos de tempo vazio não são vividos intensamente. Para Alberto Lins Caldas “(...) tudo na comunidade, tudo entre as pessoas, todo o conhecimento tende a imobilizar as coisas com a idéia negativa da morte, que seria tender ao imóvel, tender à imobilidade, à apoliticidade (...) isso invadirá o resto do século [XX] no próprio trato entre as pessoas, na própria percepção das coisas; invadirá a maneira de produzir o conhecimento, entender o mundo, entender o movimento desse mundo” (2004). Nessas ocorrências de tempo morto, a partir desse espírito de morte, não há observação do mundo, reconhecimentos ou estranhamentos: não há experiência e, sem ela, não há lembranças.

Mas esse não é o caso de Raimundo Cláudio. A atividade dele não diz respeito a uma dimensão meramente técnica do trabalho, mas a uma dimensão que “transmite vida à coisa”. Milton Santos fala da “*virtude mágica* da fecundidade comunicada ao elemento sem vida da matéria, através do trabalho, quer dizer, através do homem” (2007, p. 83). O trabalho dele é o que cria (re)conhecimento, afetividade: esse é o trabalho que cria relações: media a criação do espaço, humaniza o território e significa os lugares: cria territorialidade: estabelece significações.

Raimundo Cláudio veio **pra fazer borracha porque naquele tempo tavam precisando de muita borracha aqui na Amazônia e não tinha gente aqui na Amazônia, num sabe. Então eu vim pra cá**³. Mas o discurso político, o sentimento de nacionalidade, esconderam que não **tavam precisando de muita borracha aqui na Amazônia**. A borracha que Raimundo Cláudio produziu foi demandada de outro lugar, de outro canto do mundo: uma necessidade específica de outra comunidade, tornada necessidade de todos. Essa é a função dos discursos

ideológicos: tornar coletiva uma necessidade individual; tornar “de todos” as necessidades de uma única classe. Portanto, **“tavam precisando de muita borracha aqui na Amazônia”** é a exemplificação da “produção sem relação com as necessidades reais” do lugar, conforme afirma Milton Santos (2007, p. 20). Raimundo Cláudio confessa que veio para um local deserto, vazio, perdido, afinal **não tinha gente aqui na Amazônia, num sabe. Então eu vim pra cá.** Ele veio para ocupar, dar forma e sentido ao que disseram a ele que era sem gente, sem vida: é o deserto se apresentando como campo de possibilidades: onde não há gente, não há nada (a presença é indispensável à existência das coisas).

Raimundo Cláudio só sai do seringal quando seu trabalho deixou de ser útil, quando se deram mudanças na conjuntura da grande indústria global. **Foi o tempo que a borracha daqui desvalorizou né, que aquela borracha da Malásia disse que é muito boa e tava vindo muita de lá pra cá e o banco não financiou mais os seringalistas⁴.** E ele tem plena consciência que o seu produto deixou de ter valor para aqueles que o demandavam. **O tempo que a borracha daqui desvalorizou** inicia outro tempo na vida dele: o tempo da cidade, o tempo em que Raimundo Cláudio tem que deixar a mata que ele tornou lugar reconhecido e para se refugiar da falta de dinheiro causada pelos preços baixos da desvalorização de sua produção. A desvalorização da borracha é a desvalorização do trabalho e, conseqüentemente, da vida de Raimundo Cláudio. Ele não percebe que o seu trabalho era visto apenas como técnica necessária momentaneamente, enquanto a melhor técnica, que produzia mais e mais barato não era apropriada pelo “patrão” do mundo. Mas a justificativa que deram a ele era de **que aquela borracha da Malásia disse que é muito boa e tava vindo muita de lá pra cá.** A borracha da Malásia não era muito boa e nem vinha de lá pra cá. Não era a Amazônia o principal consumidor de borracha, não eram os daqui que compravam a borracha da Malásia. Esse foi o motivo apresentado para encobrir que o trabalho de Raimundo Cláudio não tinha mais valor para o grande patrão, que tinha conseguido o mesmo produto que Raimundo fazia em maior quantidade e mais

barato. Os compradores da borracha da Malásia eram os mesmos que haviam trazido Raimundo Cláudio pra cá, e ele sabe quem eram esses compradores.

Eu vim pra Amazônia com os americanos, botado pelos americanos⁵, diz ele, mostrando que sabe quem comanda a “grande indústria”, quem é o patrão. Ao contrário do que parecia, não era o governo brasileiro, por si só, que comandava o fluxo de pessoas para a Amazônia. E Raimundo Cláudio sabe disso, sabe que **Os americanos eram quem faziam a força do Getúlio mandar⁶**. Ele sabe que os americanos quem financiaram a sua vinda para Amazônia e tem consciência de que havia um comando maior por trás de toda a mobilização de pessoas para trabalhar na produção de borracha. De maneira sutil, ele diz que Getúlio, na verdade, não mandava, apenas co-mandava.

(...) **mas morreu gente que só formiga! Morreu gente demais⁷**. A morte, no caso dos companheiros de Raimundo Cláudio foi o salário do trabalho, como se trabalhar fosse pecado. “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna.” (BÍBLIA, Romanos 6:23). (...) **mas morreu gente que só formiga!**, porque veio gente que só formiga junto com Raimundo Cláudio. A quantidade de trabalhadores mortos é proporcional ao número de homens que deixaram seus lugares, suas famílias. Evidencia, ao mesmo tempo, que **Morreu gente demais** e que morreram trabalhando. Por outro lado, ao mesmo tempo assume a fragilidade daqueles que se foram. A formiga, símbolo do trabalho, da lida, do esforço diário é também frágil, pequena diante da imensidão do homem e dos objetos humanos. Apesar disso, simboliza também a energia que circula nas entranhas da terra (CHEVALIER, 2005, p. 447), que dá a ela a força que movimenta o mundo. Aqui, a força de Raimundo Cláudio, que faz parte da massa de gente-formiga, é que movimenta o mundo, cria e dá sentido a ele.

Apesar de tudo, do trabalho duro, árduo, ele escapou da morte e não faz parte da massa de homens que morreram por conta tanto do descaso do Estado que os trouxe, como pela falta de conhecimento das enfermidades e outras peculiaridades amazônicas, tornadas adversidades, mas com as quais os caboclos do lugar sabem lidar muito bem. Doença e trabalho não faltaram, **Mas, graças a**

Deus, tô contando até hoje⁸, diz ele, onde o **tô contando até hoje** revela a sobrevivência, a resistência à doença, aos desastres, aos enfrentamentos dos índios. Seria o mesmo que ele tivesse dito “eu venci!”, apesar de estar **No mato sozinho... só eu e Deus e ninguém mais**⁹.

Raimundo Cláudio assim como Giovanni Drogo (Buzzati, 2005) foi mandado ao deserto para lutar contra um inimigo de guerra que ele nunca chegou a ver. Esse inimigo de que tanto lhe falaram nunca se fez presente para ele e os reais inimigos – os índios, os perigosos animais da floresta, a ignorância em relação ao trabalho – e a luta que ele lutava não era dele ou para ele. Ele passou a maior parte do tempo **No mato, sozinho... só eu e Deus e ninguém mais**. Mas não era necessário mais ninguém, porque “no deserto Deus fala ao homem”². O silêncio do deserto é propício ao ouvir a voz de Deus, afinal ele está em todo lugar. Raimundo Cláudio diz que estar com Deus é estar sozinho porque Deus só existe dentro dele e por ele. No deserto, falar com Deus é falar consigo mesmo.

Ao dizer **Pra mim aqui é o melhor lugar. Aqui é o lugar**¹⁰ Raimundo Cláudio reafirma a sua ligação com a mata, com a porção de espaço cuja configuração ele ajudou a dar. Para ele a Amazônia não é ambiente natural apenas, é lugar onde a sua vida se desenvolve em todas as suas dimensões, é “o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 1996, p. 20). Ele quer dizer que o **melhor lugar** é sempre o “meu” lugar e mais: o “meu” lugar é “o lugar”, definido como único: **Aqui é o lugar**: lócus do viver, do habitar, do trabalhar. O lugar é a porção íntima de espaço de que Raimundo Cláudio se apropria e onde a vida ganha sentido, afinal “o sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida” (CARLOS, 1996, p. 29).

Aqui, neste caso, não há a amnésia citada por Ana Fani Alessandri Carlos (1996, p. 64) definida como ausência de memória, ou ainda como “o processo que diz respeito ao sentido da não-identificação em relação ao lugar (...)”. Ao contrário,

² Ditado popular.

Raimundo Cláudio reafirma sua identidade ligando a sua vida, o seu cotidiano, as suas preferências ao **melhor lugar**. Esse **melhor lugar** é lugar vivido, “fruto das relações tecidas entre os homens e o meio e os sentimentos de pertencimento;” (ALMEIDA, 2003, p 73). Com a memória ele não busca resgatar o lugar (o lugar não está perdido, escondido num canto qualquer de sua consciência), mas recriá-lo a cada lembrança, (re)significando-lhe, relacionando-o com a sua experiência. A memória se constitui, portanto, a partir da experiência adquirida do uso/criação do espaço, que estabelece uma relação de identidade entre o indivíduo e o lugar.

Com **Lugar muito bom, muito farto, aqui só passa fome quem é preguiçoso... porque chove. Se não puder viver na cidade, você pode, na beira de um rio desse ou uma mata dessa, plantar e não passa fome**¹¹, o país da Cocanha, cidade mitológica medieval, se revela: apresenta-se o mundo de fartura, com muita água, terras férteis, o que implica em muita comida, possibilidades de desenvolvimento da vida. É a representação de São Saruê: “Doutor mestre pensamento/ me disse um dia: - você/ Camilo, vá visitar/ o país ‘São Saruê’/ Pois é o lugar melhor/ Que neste mundo se vê” (FRANCO JÚNIOR, 1998, p. 165). São Saruê, a Cocanha brasileira, terra imaginária maravilhosa, é este mundo de fartura, onde não há fome, há tudo o que no mundo real é escasso. **Porque chove**, enquanto no nordeste há a seca; é **muito farto**, enquanto nos tempos de seca há falta de alimento.

Na pior das hipóteses, se mesmo neste mundo maravilhoso houver privação, ainda há uma saída: **você pode, na beira de um rio desse ou uma mata dessa, plantar e não passa fome**. Esta é a única contradição com o mundo de São Saruê: há trabalho. Enquanto no mundo de Cocanha “(...) Lá, quem mais dorme mais ganha:/ Quem dorme até meio dia/ Ganha cinco soldos e meio./De barbos, salmões e sáveis/ São os muros de todas as casas” (1998, p. 22), na Amazônia a fartura é conquistada através do trabalho e **só passa fome quem é preguiçoso**. E essa não é fartura excedente: é, sobretudo, suficiente, na medida da necessidade: **plantar e não passar fome** é o que importa. No lugar de Raimundo Cláudio, aquele que é “o

lugar”, há sempre um oásis possível **na beira de um rio desse ou uma mata dessa**.

Mas, mesmo assim, apesar dessa fartura, das possibilidades de obtenção de uma vida dignificada pelo trabalho, **Tem muita gente que vive ali, sofrendo naqueles lugares e não arriba pra uma região dessa tão boa**¹². O ali é a referência anterior, de um outro mundo vivido e experienciado, mas que agora é o o antes, o Nordeste, que tem vários **lugares** e não “o lugar”. A Amazônia, mais uma vez como a Cocanha, surge como local de escape do sofrimento: como paraíso, tanto que está localizada acima daqueles **lugares** de sofrimento: mas a gente de lá não **arriba** para o paraíso, não sobe, permanece nos lugares da falta das condições mínimas de sobrevivência no mundo.

O seringueiro anda muito rapaz. Eu pensava que a estrada de seringa era uma estrada que você vai aqui reto. Mas é nada rapaz, é uma madeira aqui, outra ali, tudo assim¹³. Manifesta-se o estranhamento, fruto do desconhecimento da paisagem e da inexperiência com aquela porção de espaço. O desconhecido apresenta-se de maneira hostil, sempre contra o olhar e todos os outros sentidos, contra a percepção. Entretanto, estranhamento é como que uma ignorância necessária e essencial no processo de criação do espaço. Ecléa Bosi, destaca que “(...) Quando entramos em um ambiente novo, de estimulação completa, passamos por instantes de atordoamento. (...). Aos poucos, as coisas se destacam desse borrão e começam a nos entregar o seu significado, à medida de nossa atenção. É o trabalho perceptivo, que colhe as determinações do real, as quais se tornam estáveis para o nosso reconhecimento, durante algum tempo.” (2003, p. 115). O estranhamento é esse atordoamento de que fala Ecléa, revelado por Raimundo Cláudio quando ele diz que **O seringueiro anda muito rapaz**.

Mas Raimundo Cláudio não **pensava que a estrada de seringa era uma estrada que você vai aqui reto** à toa. Isso foi dito a ele, essa imagem “pensada” foi criada para ele. Além disso, há a relação entre a estrada pensada e a estrada vivida: estrada para Raimundo Cláudio era rua larga, reta, feita para carros, para junta de animais. Quando chega na Amazônia, a estrada de seringa é na verdade

um caminho na mata, estreito, quase invisível a quem não conhece a floresta. A lógica da paisagem vista por ele não segue a mesma lógica que lhe apresentaram antes de vir para a Amazônia. **Mas é nada rapaz, é uma madeira aqui, outra ali, tudo assim**, revela que a paisagem da primeira impressão só é modificada depois da vivência, depois de experienciada.

A interpretação feita por Maria Geralda de Almeida para a constituição das narrativas sobre o sertão nordestino nos serve para compreender o jogo de percepções desconhecido/conhecido no que diz respeito ao estranhamento das paisagens: “a paisagem que nos expõe um narrador com olhar estrangeiro e descompromissado é distinto daquele outro quadro vivido, carregado de significados ligados a uma história, à produção social e simbólica de seus habitantes” (2003, p. 72). Raimundo Cláudio só soube o que era uma estrada de seringa e a qual a lógica de sua construção a partir do momento em que ele passou a experienciar e criar as suas próprias estradas. O estranhamento é, como diz Carlo Ginzburg “um meio para superar as aparências e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade” (2001, p. 36).

DICO MENDES

Dico Mendes narra a jornada do herói, onde o protagonista é ele mesmo. **Eu cheguei por aqui em mil novecentos e quarenta e três, no tempo da guerra¹**, é o chamado para a aventura de sua vida cheia de feitos heróicos, de vitórias apesar das grandes dificuldades. O “chamado da aventura” revela a convocação feita pelo destino para desbravar o desconhecido. Esse desconhecido é uma região de tesouros e perigos, podendo ser representada de várias formas, dentre elas como uma terra distante ou como uma floresta (CAMPBELL, 2007, p. 66).

Os finais heróicos que Dico Mendes conta sobre os acontecidos de sua vida demonstram sua coragem, que é um homem destemido e aguerrido. Arauto de sua própria aventura, anuncia a sua existência como um grande empreendimento histórico. A vida dele é como a de todo herói humano: “como uma grandiosa sucessão de prodígios” (CAMPBELL, 2007, p. 311).

Os feitos de Dico só podem ser realizados por ele, pois só ele tem a força e o domínio da situação na narrativa. As suas realizações são exemplos a serem seguidos e imitados, ao mesmo tempo que símbolos a serem contemplados e que servirão como fonte de inspiração (CAMPBELL, 2007, p. 311).

O primeiro feito é o do herói de guerra. **No tempo da guerra** instaura o tempo difícil em que o herói veio ao mundo, quando se deu o seu nascimento. O mundo é revelado com o **cheguei por aqui**, evidenciando o espaço em que o herói será referência dentro do contexto de **mil novecentos e quarenta e três**, dizendo a que guerra a narrativa se remete.

No tempo da guerra enuncia o quadro social que legitima a sua saga, possibilitando a construção de uma narrativa heróica, cuja guerra é a grande aventura central. Dico Mendes é um herói de guerra, que apenas lutou num *front* diferente daquele em que estavam seus conterrâneos que foram para os campos de batalha na Itália. O front de Dico Mendes era mais próximo, mas não menos

perigoso: a guerra era a mesma, apenas as batalhas é que eram diferentes. Mas cada soldado nasce para a sua batalha: Dico não apenas alcançou o status de herói de guerra: a sua coragem o predestinou a sê-lo.

A primeira tormenta da terra desconhecida surge: **Naquela época os índios matavam muita gente e a gente não podia abandonar a colocação, tinha que trabalhar. E cortava de dois em dois, porque só um não dava que era muita perseguição dos índios, naquele tempo².**

Naquela época remete a um tempo e a um lugar igualmente distantes e desconhecidos, onde quem ouve a narrativa do herói jamais poderá chegar. **Os índios**, os primeiros inimigos, eram muito perigosos e imprevisíveis. Mas um soldado nunca abandona um posto, nunca deve olhar para trás, não pode titubear. Por isso Dico Mendes **não podia abandonar a colocação**. Apesar da força do inimigo, que conhecia melhor o campo de batalha, ele era um soldado em batalha e tinha que guerrear, **tinha que trabalhar**, tinha que cortar e cumprir o seu destino: garantir a segurança e a liberdade do país.

Mas Dico não estava só, porque **era muita perseguição dos índios** na floresta, que abriga todos os tipos de inimigos, demônios e doenças. Por isso, taticamente, **cortava de dois em dois**, enquanto um cortava o outro dava cobertura, onde o cortar é parte de um processo produtivo, mas é também sangrar, marcar, lutar contra a índole da floresta e de seus seres com **aqueles gritos feios, como macaco, gritando... que os bichos parecem assim... é humano, a gente sabe que é humano, mas... é grito de animais, de bicho, de macaco grande, aqueles gritos feios⁴.**

A floresta apresenta-se extremamente hostil. Os índios, vistos como demônios da floresta, são como “monstros, remanescentes das épocas primevas, que ainda habitam as regiões que estão além e, por meio da malícia ou do desespero, lançam-se contra a comunidade humana” (CAMPBELL, 2007, p. 325). Mesmo sabendo que **é humano, a gente sabe que é humano, mas...** fazem parte de uma outra natureza. Cumpre a Dico Mendes, como herói em forma humana que se lança contra o dragão, ou seja, contra a adversidade, contra a dificuldade, tirá-

los do caminho e cumprir a façanha elementar do herói, qual seja, limpar o terreno e livrá-lo dos inimigos (CAMPBELL, 2007, p. 325).

Não tinha medo de cobra... nós fomos ameaçados por cobra, onça, índio e o que tivesse. Coisas feias dentro da mata, tamanha meia-noite sozinho.³ A cobra, a serpente simbolizam a origem do mal e as suas manifestações demoníacas, representando também a sagacidade e a morte. A cobra é o próprio medo de Dico Mendes sendo enfrentado na narrativa. **Não tinha medo de cobra...** é o mesmo que “não tinha medo das coisas que causam medo a todo mundo”. Enfrentar os medos representados pelas ameaças de **cobra, onça, índio e o que tivesse** é enfrentar a morte. Vencê-los é manter-se vivo, como assim manteve-se Dico.

Coisas feias dentro da mata revela o humanamente invisível, as visagens, os seres e as “coisas” da mata, que foram enfrentados pelo corajoso Dico **tamanha meia-noite sozinho**. Esse meia-noite não remete à precisão do movimento matematizado, preciso e congelado do relógio, mas quer dizer do auge da escuridão noturna, a maior escuridão possível, dentro da mata, com todos os perigos que ela tem. Enfrentar a escuridão é enfrentar o horror, a tribulação, o mal, a sombra da morte, a mais desesperadora condição espiritual: “(...) Todavia aguardando eu o bem, então me veio o mal, esperando eu a luz, veio a escuridão” (BÍBLIA, Jó 30:26). Enfrentar a escuridão é, sobretudo, enfrentar o desconhecido, aquilo que está à espreita mas que não se pode ver.

Mas só que você vai servir o Exército⁵ indica o momento a partir do qual Dico Mendes revelará aos homens o seu destino heróico, de protagonista das situações mais difíceis, nas quais ele terá sempre a solução dos problemas e questões que se impõe. É a partir daí que Dico se revelará como herói humano, tornando-se realmente um soldado, recrutado em plena Amazônia. É o soldado mais aplicado nos afazeres, mais inteligente e mais obediente nas obrigações lhe designam, afinal **servir o Exército** é servir à nação.

Mas apareceu uma dificuldade: uma hérnia... uma hérnia grande⁶: eis o anúncio de mais uma vitória. Nas narrativas heróicas, as dificuldades são a anunciação da vitória, geralmente, da vitória sobre a morte. E a **dificuldade** de

Dico Mendes não é uma dificuldade qualquer, é uma das maiores, é **uma hérnia grande**.

O tamanho da dificuldade valoriza ainda mais o feito e qualifica a aventura do herói, por isso o mundo em que se dá a jornada não é o mundo comum, mas sempre um mundo estranho, hostil, sem familiaridade e habitado por seres ou pessoas perigosas. **A coisa era feia, uma anatomia mais terrível do mundo que eu nunca vi aquilo. Aí baixei fogo**⁷, diz Dico Mendes, para dizer que venceu a maior ameaça que já sentiu dentro da mata.

Hércules, o herói grego, para que tivesse a honra recuperada após matar a mulher e os filhos foi penitenciado a executar doze tarefas, estipuladas por Euristeu, seu primo e que havia herdado o direito de nascença que seria de Hércules. Euristeu tornara-se rei e Hércules o odiava por isso. Os doze trabalhos de Hércules são sempre sobre humanos e têm uma relação comum: a vitória sobre a morte. Dico não sabe o que era a coisa feia, mas sabe que possuía **uma anatomia mais terrível do mundo**. Ele diz que **eu nunca vi aquilo**, mas não era preciso ver para sentir, não era preciso ver para saber que a **anatomia mais terrível do mundo** era a ameaça da morte. Com o auxílio do fogo, Dico vence mais uma de suas dificuldades, mais um de seus trabalhos.

Mas Dico nunca viu aquilo porque **cheguei lá, você acredite, era arimã**⁸. No zoroastrismo, Arimã é o senhor do mal e das trevas e de todos os deuses malignos (que foram criados por ele), o deus dono da escuridão, que deseja levar os homens à devassidão. Por isso Dico Mendes só podia vencer através do fogo. **Aí baixei fogo**, diz ele, mostrando que o único meio de vencer a escuridão no meio da floresta era com fogo, com luz. Dico se coloca como um enviado de Ahura-Mazda irmão de Arimã, o deus da luz que gera espíritos de bondade. Dico é o próprio Atar, deus gerador do fogo e filho de Ahura-Mazda.

Era arimã, deus da morte, que lutava contra Dico Mendes. Mas o herói carregava consigo a arma letal contra a morte: o fogo, que simboliza a vida. Mais uma vez Dico vence morte, com a vida.

MANOEL ARAÚJO

(...) é que eu, em mil novecentos e quarenta e quatro, fui dispensado do exército pelo quartel do 16RI pra ingressar no exército da borracha né, porque tava na época da guerra, uma época muito difícil que nosso país vinha passando¹. Assim Manoel Araújo inicia o seu discurso para a História. Ele se apropria do discurso histórico e tem ele como referencia para iniciar a contar a própria vida. E Manoel Araújo sabe, enquanto narra, que a sua história de vida deixará de ser apenas dita por ele, sairá da dimensão oral e se cristalizará na escrita. O que ele quer é transformar a sua história de vida em História, quer que a sua experiência sirva ao grande discurso da História. E mais: a história dele é a verdadeira História. Ele sabe que é da escrita que se faz a História.

Manoel Araújo se apropria do discurso histórico para poder fazer parte dele, para ter a vida de renúncia reconhecida. Ele foi **dispensado do exército pelo quartel do 16RI pra ingressar no exército da borracha**. Ele renunciou a uma carreira militar que, para ele, tinha tudo para ser próspera em nome do sonho de, ao final da guerra ter um salário equivalente ao de um sargento, mesmo sendo apenas um soldado e de ainda ser reconhecido como herói de guerra. Manoel Araújo não deixou de ser militar ele ingressou no **exército da borracha**, que era um “exército” de homens no sentido quantitativo dado ao termo, mas não um exército militar.

Ao contrário do que ele faz parecer, não tinha escolha: ele não foi **dispensado** apenas para entrar no exercito da borracha, mas sim porque esse era o único exército que lhe permitiriam entrar, no exército de trabalhadores, num regimento de obreiros, onde vale mais a prática do trabalho manual, do que a inteligência e a tática que um soldado militar deve ter. Ele não foi dispensado por sua coragem em vir para a Amazônia, mas porque no exército militar não havia lugar para ele.

Mesmo assim, o que disseram a ele é que o exército da borracha estava sendo instituído para lutar contra o inimigo nacional, a borracha produzida por ele garantiria a vitória. Ao invés do fuzil, lhe deram a cabrita; ao invés da gandola, calça e camisa comuns; ao invés da boina, o chapéu de palha; no lugar da mochila, lhe ensinaram a fazer jamaxi.

Só a partir daí é que ele percebeu que o desfecho da guerra seria inglório. “Terminado os confrontos nos campos de batalha da Europa, os patriotas da borracha continuaram a tombar nas trincheiras dos seringais; os que sobreviveram não foram tratados como heróis, não tiveram do que se vangloriar” (FUNES & GONÇALVES, 2008, p. 21).

Para reclamar os direitos que lhe prometeram **criamos esse sindicato onde eu sou um dos sócios fundadores**², diz ele. O sindicato, lugar onde os Soldados da Borracha se encontram quase que diariamente, é muito mais um território de (re)afirmação de identidades (a de Soldados da Borracha) do que um aglutinador de demandas trabalhistas. Trata-se de uma delimitação espacial, com a finalidade de afirmação do grupo perante a sociedade (SANTOS, 2004, p. 31) Como tal, é também um campo de relação de poder, onde as práticas acabam por estabelecer uma relação de territorialidade.

No caso dos Soldados da Borracha, existe um sentido de territorialidade independente do espaço ocupado. Ou seja, o território significa muito mais pelo seu valor de uso, pelo seu sentido simbólico de apropriação, do que pelo sentido de dominação, posse ou de propriedade (HAESBAERT, 2004, p. 01). Assim, o sindicato enquanto território é carregado das marcas da experiência desses homens, porque não é espaço considerado recurso, com valor de troca, lugar de produção que vise lucro.

Por outro lado, por não possuir uma sede fixa, podemos dizer que há territorialidade sem que haja um território (um fixo). A mudança de espaço físico do território não muda as significações acerca do grupo. Eles continuariam se reunindo mesmo que não tivessem uma sede para isso. Por fim, podemos dizer, que territorialidade e identidade caminham juntos, afinal “toda identidade permite

uma territorialização, assim como a territorialização permite a permanência identitária.” (COSTA, 2005, p. 85)

JOÃO BATISTA

João Batista não é dado a enfrentamentos. Nunca enfrentou a floresta, os animais que nela vivem ou os índios que já estavam lá antes dele.

Na mesma medida em que se estima a bravura, “em toda parte a corvadia [e o medo] é desprezada” (COMTE-SPONVILLE, 1999). A floresta é paisagem predominante na Amazônia e é também uma das principais paisagens do medo, categoria definida por Y Fu Tuan como “as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas” (2005, p. 12). Portanto, sair de noite na floresta imprevisível, sozinho, é uma demonstração de coragem e bravura. O seringueiro é, por conta de seu trabalho e de seu espaço de vivência, considerado um homem corajoso.

Toda vida eu trabalhei e nunca saí de noite¹, diz João Batista. Enfrentar a noite e a escuridão sempre foi considerado um ato corajoso. Não se sabe o que pode acontecer onde nada se vê. “Na escuridão/cantiga de grilo/parece dragão”, diz o poema (MENEZES, 2003). Com o **nunca saí de noite** nos revela que a casa era o seu lugar durante a noite. Não enfrentar a noite é não enfrentar as dificuldades. **Toda vida eu trabalhei** enuncia que o medo não impediu que João Batista trabalhasse, sobrevivesse mesmo nunca saindo de noite.

Mas o medo da escuridão que toma João Batista não é um medo só dele. “O medo do escuro é mundial (...). À medida que a criança cresce, também cresce o medo da escuridão. A escuridão produz uma sensação de isolamento e de desorientação” (TUAN, 2005: 25). Os medos que João Batista tem são os medos comungados por toda a cultura ocidental.

Por outro lado, esse medo previne problemas. **Mas eu nunca tive problema com a mata. Você acredita que eu trabalhei esses anos todinhos e nunca vi uma onça?!²** Ele não teve **problema com a mata** porque não a enfrentou quando

ela o ameaçava. Como ele próprio diz nunca viu uma onça, isso porque não foi até onde ela estava, na mata escura, quando as onças despertam para buscar comida. A onça, para os amazônidas, é o equivalente ao que representa o leão para as comunidades africanas: a coragem e a soberania. Senhora das florestas, a onça é temida a qualquer tempo, tanto por sua sagacidade, quanto por sua força e bravura. Respeitada, nunca deve ser “cutucada com vara curta”³.

Os índios atacavam muita gente, mas eu nunca baleei índio, eles nunca me perseguiram³. Há aqui uma troca: se não há ação, não há reação: **eu nunca baleei índio, eles nunca me perseguiram**. O ataque é resposta a uma provocação. **Os índios atacavam muita gente** porque tinham seu território invadido por essa **gente** e o território é “em realidade, um importante instrumento da existência e reprodução do agente social que o criou e o controla” (ROSENDHAL, 2005, p. 02) além de ser, indiscutivelmente, um instrumento de caráter cultural, afinal é no território em que são reproduzidas ou criadas as práticas sociais que caracterizam uma cultura. Mas João Batista não foi invasivo ao ponto de ameaçar a integridade do território do outro. Houve uma negociação, estabeleceu-se limites de atuação para cada um dos lados.

A falta de vontade de aniquilar o outro – simplesmente porque é o outro, visto como subumano, hostil e que por isso deve ser morto – é ainda considerada um medo. No caso de João Batista, medo de índio. A diferença entre ele e os demais é que ele enxergava os índios como pessoas, não como bichos da floresta. Entretanto, aquilo que em João Batista é visto como atitudes de medo, de falta de coragem pode ser, por outro lado, considerado como tolerância e boa vontade.

É certo que os medos de João Batista estão hoje ligados a valores considerados bons. Sendo assim, seus medos podem ter sido respostas objetivas e corajosas a questões subjetivas colocadas por ele a si mesmo. Em João Batista, o não matar está ligado à coragem e à aventura.

³ Ditado popular: “não cutuque onça com vara curta!”.

RAIMUNDO BAIANO

Era pra sermos merecidos e não somos¹. Surge a voz agenciada do sindicalista. O merecimento reclamado por Raimundo Baiano não é o das honrarias (sobras, rebarbas do poder, reconhecimento retórico), das placas e condecorações, mas o reconhecimento objetivo pelo bom trabalho feito por ele e por seus companheiros, materializado numa boa remuneração. O Sindicato é pra isso: lutar por um salário melhor, por uma salário próximo daquele que foi prometido aos que vieram do nordeste, que permita que Baiano viva com o mínimo de dignidade. Baiano diz que **era pra sermos merecidos** porque eles cumpriram com a parte deles no contrato: trabalharam na floresta perigosa, produziram borracha para o “mundo”, ajudaram “as forças do bem a vencer o mal”, o Brasil a ganhar a guerra.

Acabei que com onze anos de idade eu comecei a trabalhar como seringueiro e hoje sou esquecido por esse povo². Raimundo Baiano é da geração em que “o trabalho dignifica o homem”. Portanto, começar a trabalhar cedo, criança, é tornar-se homem mais cedo, assumir as responsabilidades de mantenedor da casa, ou no mínimo preparar-se para isso.

O trabalho, a “interação direta dos seres humanos com a natureza na produção” (COSGROVE, 2003, p. 104) é um aspecto fundamental do ser social. Foi através do trabalho que Baiano aprendeu a controlar o tempo e o espaço da mata, criar/modificar o seu sentido e a sua paisagem. Baiano se põe como porta voz do grupo **esquecido por esse povo**.

Bem poucos Soldados da Borracha têm a carta de referência porque foram queimadas, foram queimadas aqui na delegacia³. Queimando os documentos de Raimundo Baiano, queimavam e lançavam ao fogo a sua existência. O fogo não devorou apenas um papel, mas consumiu a única prova documental de seu trabalho. Baiano sabe que no mundo da burocracia, mais vale o

papel que a palavra. O documento, para Raimundo Baiano, é a única prova real de sua história.

CHICO SANTOS

Porque sem agricultura e criação ninguém vive, não tem cidade. Você pensa que hoje o analfabeto não sabe onde tá a luta dele? Sabe! Assim como eu sei¹. Aqui Chico Santos explicita duas coisas: é agricultor e é analfabeta. Assume o discurso do fraco que sustenta o forte, do homem rural, simples, sem o qual o homem urbano, “estudado”, alfabetizado não conseguiria sobreviver. Assume a inferioridade socialmente construída do homem do campo, mas esclarecendo que há uma relação de dependência da cidade em relação ao campo.

Sem agricultura e criação ninguém vive, não tem cidade, avisa ele, demonstrando que não faz parte de uma classe destituída de poder. Ao contrário, sugere que na agricultura e na criação de animais está a sua força e a força de sua classe, que provê alimento para os urbanos. A luta do analfabeto é reconhecida no sucesso daquele que lê, na manutenção da cidade que o discrimina, no sustento dos irmãos letrados.

Você pensa que hoje o analfabeto não sabe onde tá a luta dele? Sabe! Assim como eu sei. É no cotidiano do trabalho do campo que a vida de Chico Santos ganha sentido. Ele é Soldado da Borracha porque veio recrutado, mas sua ligação maior é com a agricultura e a pecuária: plantar, colher, prover o sustento: a terra é o território essencial de Chico Santos. A sua luta pela vida é também a luta pela vida dos outros.

Com **perdi minha mãe eu tinha nove anos²** ele explica essa relação íntima. A terra é a grande mãe, o ventre em que Chico Santos foi criado. Ele, feito da própria terra, a adota e a toma como referencial de vida, reconhecendo sua maternidade divina. “Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida, e o homem se tornou um ser vivente” (BÍBLIA, Gen. 02:07). Adão, (ou Adam), é filho da terra (adamah). Nela, Chico Santos, homem como Adão, deposita a responsabilidade sobre a sua sobrevivência física e psíquica.

Chico perdeu a mãe biológica ainda criança, **tinha nove anos**. Perdeu a referência para a vida que viria: “A criança desenvolve uma sensação da realidade por meio da associação íntima com os adultos, em especial com a mãe. A mãe é o objeto familiar e a base de sustentação a partir da qual a criança se aventura para o futuro, para estabelecer os limites do seu mundo.” (TUAN, 2005, p. 15).

A perda da mãe o deixa desorientado durante muito tempo e ele foge da casa dos pais adotivos, que o colocavam para trabalhar muito. Mas ele justifica: **Não era que eu fosse malandro não, é que minha sentença era ridícula! Sofria demais viu**³. Chico não tinha medo de trabalho, ele não era **malandro**. O sofrimento de morar na casa de pessoas com as quais ele não tinha vínculo familiar ou afetividade alguma, que o faziam sentir-se explorado, era o que ele queria deixar para trás: queria fugir de sua **sentença ridícula**.

A minha vida foi sofrida um bocado, mas eu venci!⁴. Assim Chico Santos termina a sua história. Um fim que contradiz todo o resto do enredo, do início (com vinda para a Amazônia e a frustração de ter sido ludibriado) ao fim (com a perda da mãe biológica e a fuga da casa dos pais de criação: **a sentença era ridícula**).

Mas Joseph Campbell (2005, p. 34) alerta que esse final feliz não deve ser lido como contradição, mas como “ (...) transcendência da tragédia universal do homem. O mundo objetivo permanece o que era; mas graças a uma mudança de ênfase que se processa no interior do sujeito, é encarado como se tivesse sofrido uma transformação”.

EM BUSCA DE NARRADORES PLENOS

Desde a primeira linha, está colocado que a razão deste trabalho são as narrativas dos colaboradores, colocadas como cerne da pesquisa. Como já dito, não se pensa uma História Oral que sirva de ferramenta ou de mero procedimento metodológico para as disciplinas. A História Oral é pensada aqui como a busca pela singularidade, fazendo vibrar e significar a experiência do indivíduo.

Não se busca por Soldados da Borracha apenas, ou por seringueiros, ou migrantes. Esses grupos são pretextos para que seja atingido um outro alvo: a busca é pelos narradores e sua capacidade de narrar e suas narrativas, a partir das quais foram feitas leituras hipertextuais.

Por isso a proposta de uma narrativa que, a partir de uma Cápsula Narrativa (Caldas, 1999c), tenha uma origem voluntária (CALDAS, 1998, p. 39), diferente dos tradicionais inícios das narrativas cujo conteúdo é definido por quem entrevista. Essa origem voluntária é fruto do diálogo pleno entre o narrador e aquele que ouve a sua história.

Começar por onde bem quiser e contar a vida e as histórias da maneira que quiser, do jeito que tiver vontade. Esse é o desejo do narrador: que o interlocutor o ouça mais. Como bem aponta Nilson Santos (2002, p. 65), o interlocutor que não quer ouvir cerca o narrador de perguntas objetivas e inteligentes, contendo o fluxo narrativo e a temporalidade própria do indivíduo.

As perguntas, os questionários, a delimitação prévia, o dizer o que o outro deve falar revelam que o narrador é o que menos importa, e que, na verdade o que interessa são as informações que enquanto depoente ele pode fornecer. Informações estas que serão utilizadas como apêndice num texto que não é o seu, mas o do pesquisador.

O narrador que aqui se busca é o narrador de que fala Walter Bejamin, que é aquele que manteve intacta a sua “faculdade de intercambiar experiências” (1987, p. 197).

Se Benjamin, no período entre as duas grandes guerras do século passado, evidenciou a escassez de narradores e a quase extinção da arte de narrar, o início deste século XXI apresenta a narrativa, sobretudo as narrativas pessoais, como alvo da abordagem do mais variado leque de disciplinas do campo das Ciências Humanas, atestando a valorização da narrativa pessoal que Benjamin lamentava não mais existir na época.

Benjamin (1987, p. 198) diz que a figura do narrador pode ser percebida através de dois grupos. O primeiro grupo é o de indivíduos que viajam bastante e que, portanto, têm as mais diversas experiências em outros lugares que não o seu lugar de nascimento ou de moradia, ou seja, o narrador é imaginado “como alguém que vem de longe”. O segundo grupo é o de indivíduos que nunca saíram de seu lugar e que por isso conhece as suas histórias e tradições.

Benjamin diz que “(...) Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e o outro pelo marinheiro comerciante”. Mesmo assim, esses dois grupos são “tipos fundamentais”. A plenitude narrativa só pode ser alcançada na medida em que esses dois grupos se interpenetram, associando o saber das terras distantes com o saber tradicional, do lugar.

O narrador pleno é o narrador benjaminiano, portanto “normalmente, é um pouco o ‘camponês sedentário’ e também o ‘marinheiro comerciante’” (CALDAS, no prelo). Esta é uma noção que está sendo tomada a bem pouco tempo, dentro dessa linha de História Oral que é mais do que um “resgate do oprimido”, uma “história dos excluídos” ou que apenas registra depoimentos para a formação de bancos de dados orais, tornando-se a busca pela dignidade do indivíduo e sua complexidade. Mas o narrador só atingirá sua plenitude discursiva se lhe for dada a oportunidade de contar livremente.

Por sua vez, a narrativa deve ser entendida como um produto relacional, como um momento de reconstrução da experiência: o narrador sempre narra para o oralista e pelo oralista. E isso deve ser assumido, em detrimento de uma visão de que a narrativa pode ser imparcial.

Assim, este trabalho pode ser descrito como uma busca pela narrativa e pela experiência que ela comunica. Para a Geografia, ele contribui com uma abordagem cultural que pretende, entre outras coisas, entender a constituição de identidades. A exemplo da Geografia Cultural proposta por Paul Claval, ao fazer do homem o centro de sua análise, as leituras culturais aqui feitas contemplam três eixos:

Primeiro ela parte das sensações e percepções; segundo, a cultura é estudada através da ótica da comunicação, que é, pois compreendida como uma criação coletiva; terceiro, a cultura é apreendida na perspectiva da construção de identidades, insiste-se então no papel do indivíduo e nas dimensões simbólicas da vida coletiva” (2006, p. 92).

É, pois, uma abordagem cultural a partir da memória, cuja dignidade está, como diz Jaques Le Goff (1992, p. 426) em ser muito mais criadora que repetitiva. A memória aqui é pensada enquanto processo ativo de criação de significações.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. **OUVIR CONTAR**. FGV, Rio de Janeiro, 2003.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. RATTI, Alessandro J P (Org.). **GEOGRAFIA: LEITURAS CULTURAIS**. Alternativa, Goiânia, 2003.
- _____. **EM BUSCA DA POÉTICA DO SERTÃO: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES**. In: Maria Geralda de Almeida; Alessandro J. P. Ratti. (Org.). Geografia: leituras culturais. Alternativa, Goiânia, 2003, p. 71-88.
- ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. **DECIFRA-ME OU DEVORO-TE: HISTÓRIA ORAL DE VIDA DOS MENINOS DE RUA**. Loyola, São Paulo, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **A ÁGUA E OS SONHOS**. Martins Fontes, São Paulo, 1989.
- _____. **A PSICANÁLISE DO FOGO**. Martins Fontes, São Paulo, 1994.
- BARTHES, Roland. **A CÂMARA CLARA**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.
- BENCHIMOL, Samuel. **OS “CEARENSES” – NORDESTINOS NA AMAZÔNIA**. In: Amazônia – Formação Social e Cultural. Editora VALER, Manaus, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **O NARRADOR. MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA: 197-221**, Obras Escolhidas, Vol. 1, Brasiliense, São Paulo, 1987.
- BÍBLIA DE ESTUDOS**. Editada em inglês por Roswell D. Hitchcock. Publicada em português pela Editora Central Gospel, Rio de Janeiro, 2005.
- BOSI, Ecléa. **MEMÓRIA E SOCIEDADE: LEMBRANÇAS DE VELHOS**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- _____. **O TEMPO VIVO DA MEMÓRIA**. Ateliê Editorial, São Paulo, 2003.
- BRETTON, Phillipe. **A MANIPULAÇÃO DA PALAVRA**
- BURGOS, Elizabeth. **ME LLAMO RIGOBERTA MENCHÚ Y ASÍ ME NACÍÓ LA CONSCIÊNCIA**. Siglo Veintiuno, México, 1987.
- BUZZATI, Dino. **O DESERTO DOS TÁRTAROS**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2006.
- CALDAS [1], Alberto Lins. **INTERPRETAÇÃO E REALIDADE**. Caderno de Criação, UFRO/Dep. de História/CEI, n.º 13, ano IV, Porto Velho, setembro, 1997.
- _____. **SEIS ENSAIOS DE HISTÓRIA ORAL**. Caderno de Criação: 37/57, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, n.º15, ano V, Porto Velho, junho, 1998.
- _____. **ORALIDADE, TEXTO E HISTÓRIA: PARA LER A HISTÓRIA ORAL**. Loyola, São Paulo, 1999a.
- _____. **HISTÓRIA E VIRTUALIDADE**. Caderno de Criação: 06/12, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, n.º18, ano VI, Porto Velho, junho, 1999b.
- _____. **A NOÇÃO DE CÁPSULA NARRATIVA**. Caderno de Criação: 52/58, Centro de Hermenêutica do Presente, n.º 20, ano VI, Porto Velho, outubro, 1999c.
- _____. **CALAMA: UMA COMUNIDADE NO RIO MADEIRA**. USP, São Paulo, 2000.
- _____. **NAS ÁGUAS DO TEXTO: PALAVRA, EXPERIÊNCIA E LEITURA EM HISTÓRIA ORAL**. Edufro, Porto Velho, 2001.
- _____. **DO TEXTO AO HIPERTEXTO: DA LEITURA À HIPERLEITURA**. In: Revista Primeira Versão, Ano I, N.º 22, Porto Velho, junho de 2002.
- _____. **ENSAIOS DE EGO-HISTÓRIA 1**. In: Revista Primeira Versão, Ano I, N.º 140, Porto Velho, maio de 2003.
- _____. **AULA MAGMA OU A DIGNIDADE DA HISTÓRIA**. In: <http://www.unir.br/~albertolinscaldas/artigos/aula.html>. Acessado em 23/09/2004. Zona de Impacto, Ano VI, V. 06, 2004.
- CALDAS [2], Fabíola Lins; SOUZA, Ednéia Bento de; BOAVENTURA, Ariana. **HISTÓRIA ORAL COM HANSENIANOS**. Caderno de Criação: 33/39, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, n.º23, ano VII, Porto Velho, setembro, 2000.
- _____. **CÁPSULA NARRATIVA: HISTÓRIA E USOS DE UM CONCEITO**. Caderno de Criação: 7-12, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, n.º 26, ano VIII, Porto Velho, outubro, 2001.
- _____. **ÉTICA EM HISTÓRIA ORAL**. Caderno de Criação:41/46, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, n.º 25, ano VIII, Porto Velho, março, 2002.

- CAMPBELL, Joseph. **O HERÓI DE MIL FACES**. Cultrix/Pensamento, São Paulo, 2007.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O LUGAR DO/NO MUNDO**. Hucitec, São Paulo, 1996.
- CASTRO, Iná Elias de; Et all. **EXPLORAÇÕES GEOGRÁFICAS**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2006.
- CHEVALIER, Jean. **DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS**. José Olympio, Rio de Janeiro, 2005.
- CLAVAL, Paul. **AS ABORDAGENS DA GEOGRAFIA CULTURAL**. In: CASTRO, Iná Elias de; Et all. **EXPLORAÇÕES GEOGRÁFICAS**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2006, p. 89-117.
- _____. **A “VOLTA DO CULTURAL” NA GEOGRAFIA**. In: Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, Fortaleza, 2002, p. 19-28.
- COMTE-SPONVILLE, André. **PEQUENO TRATADO DAS GRANDES VIRTUDES**. Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- COSGROVE, Denis E. **EM DIREÇÃO A UMA GEOGRAFIA CULTURAL RADICAL: PROBLEMAS DA TEORIA**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). Introdução à Geografia Cultural. Pags. 103-134, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2003.
- COSTA, Benhur Pinós. **AS RELAÇÕES ENTRE OS CONCEITOS DE TERRITÓRIO, IDENTIDADE E CULTURA NO ESPAÇO URBANO: POR UMA ABORDAGEM MICROGEOGRÁFICA**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço. Pags. 79-113, Eduerj, Rio de Janeiro, 2005.
- CUNHA, Euclides. **UM PARAÍSO PERDIDO**. Senado Federal, Brasília, 2000.
- DAOU, Ana Maria. **A BELLE ÉPOQUE AMAZÔNICA**. Jorge Zahar, São Paulo, 2000.
- DEAN, Warren. **A LUTA PELA BORRACHA NO BRASIL**. Nobel, São Paulo, 1989.
- ELIADE, Mircea. **O SAGRADO E O PROFANO**. Martins Fontes, São Paulo, 1992.
- _____. **MITO E REALIDADE**. Perspectivas, col. Debates/52, 6ª edição, São Paulo, 2002.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. **NAS SELVAS AMAZÔNICAS**. Gráfica Biblos, São Paulo, 1961.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (et al.). **USOS E ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL**. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1996.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário Franco. **COCANHA – VÁRIAS FACES DE UMA UTOPIA**. Ateliê Editorial, São Paulo, 1998.
- GONÇALVES, Adelaide; EYMAR, Pedro. **MAIS BORRACHA PARA A VITÓRIA**. MAUC/NUDOC, Fortaleza, 2008.
- _____.; FUNES, Eurípedes. **EUDORADO NO INFERNO VERDE**. In: GONÇALVES, Adelaide; EYMAR, Pedro. Mais Borracha para a Vitória. MAUC/NUDOC, Fortaleza, 2008, p. 17-21.
- GATTAZ, André Castanheira. **LAPIDANDO A FALA BRUTA: A TEXTUALIZAÇÃO EM HISTÓRIA ORAL**. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.) (RE)INTRODUZINDO A HISTÓRIA ORAL NO BRASIL. Xamã, São Paulo 1996.
- GINZBURG, Carlo. **OLHOS DE MADEIRA**. Cia das Letras, São Paulo, 2001.
- GUSMÃO, Deyvesson Israel. **A EXPERIÊNCIA NA AMAZÔNIA: HISTÓRIA ORAL COM SOLDADOS DA BORRACHA**. Anais do VI Encontro Nacional de História Oral, Goiânia, 2004.
- _____. CALDAS, Alberto Lins; CALDAS, Fabíola Lins. **HISTÓRIA ORAL COM SOLDADOS DA BORRACHA: A EXPERIÊNCIA NA AMAZÔNIA**. Pesquisa & Criação, Porto Velho, n. Nº 01, p. 45-53, 2002.
- _____. CALDAS, Alberto Lins; CALDAS, Fabíola Lins. **HISTÓRIA ORAL COM SOLDADOS DA BORRACHA: A EXPERIÊNCIA NA AMAZÔNIA**. Anais do PIBIC/UNIR, CD-ROM, 2003.
- HAESBAERT, Rogério. **DOS MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS À MULTITERRITORIALIDADE**. www6.ufrgs.br/petgea/Artigo/Rh.pdf, acessado em 27/02/2007.
- HALBWACHS, Maurice. **A MEMÓRIA COLETIVA**. Vértice, São Paulo, 1990.
- HALL, Stuart. **A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE**. DP&A, Rio de Janeiro, 2003.
- HOLANDA, Fabíola Holanda. **EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA: A PALAVRA CANTADA E A PALAVRA CONTADA DE UM NORDESTINO NA AMAZÔNIA**. Tese, Universidade de São Paulo-USP, Departamento de História, 2006.
- HUGO, Vitor. **CINQUENTA ANOS DO TERRITÓRIO FEDERAL DO GUAPORÉ: 1943-1993**. Ser, Brasília, 1995.
- JOUTARD, Philippe. **DESAFIOS À HISTÓRIA ORAL DO SÉCULO XXI**. In: HISTÓRIA ORAL: DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2000.

- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **CULTURA AMAZÔNICA: UMA POÉTICA DO IMAGINÁRIO**. Escrituras, São Paulo, 2001.
- LE GOFF, J. **O DESERTO-FLORESTA NO OCIDENTE MEDIEVAL**. In: _____. *O Maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1985
- _____. **MEMÓRIA**. In: LE GOFF (Org). *História e Memória*. Unicamp, Campinas, 1992.
- MARTINELLO, Pedro. **A BATALHA DA BORRACHA NA II GUERRA MUNDIAL**. EDUFAC, Rio Branco, 2004.
- MENEZES, Nilza. **FEITURA**. EDUFRO, Porto Velho, 2003.
- MEYHI, José Carlos Sebe Bom. **CANTO DE MORTE KAIOWÁ: HISTÓRIA ORAL DE VIDA**. Loyola, São Paulo, 1991.
- _____. (org). **(RE)INTRODUZINDO A HISTÓRIA ORAL NO BRASIL**. Xamã, São Paulo, 1996a.
- _____. **HISTÓRIA ORAL: UM LOCUS DISCIPLINAR FEDERATIVO**. In: (RE)INTRODUZINDO HISTÓRIA ORAL NO BRASIL: 48-55, Xamã, São Paulo, 1996b.
- _____. **MANUAL DE HISTÓRIA ORAL**. Loyola, São Paulo, 2000.
- _____. **MANUAL DE HISTÓRIA ORAL**. Loyola, São Paulo, 2005.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA**. Contexto, São Paulo, 2003.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **IDEOLOGIAS GEOGRÁFICAS**. Hucitec, São Paulo, 1988.
- _____.; COSTA, Wanderley Messias da. **GEOGRAFIA CRÍTICA: A VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO**. Hucitec, São Paulo, 1987.
- MORIN, Edgar. **MEUS DEMÔNIOS**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1997.
- NORA, Pierre. **ENSAIOS DE EGO-HISTÓRIA**. Edições 70, Lisboa, 1987.
- PINTO, Emanuel Pontes. **RONDÔNIA, EVOLUÇÃO HISTÓRICA**. Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1993.
- PINTO, Néelson Prado Alves. **POLÍTICA DA BORRACHA NO BRASIL: A FALÊNCIA DA BORRACHA VEGETAL**. Hucitec, São Paulo, 1984.
- PORTELLI, Alessandro. **FORMA E SIGNIFICADO NA HISTÓRIA ORAL. A PESQUISA COMO UM EXPERIMENTO EM IGUALDADE**. Revista PROJETO HISTÓRIA: 7-24, Nº 14, São Paulo, 1997a.
- _____. **O QUE FAZ A HISTÓRIA ORAL DIFERENTE**. Revista PROJETO HISTÓRIA: 25-39, Nº 14, São Paulo, 1997B.
- ROSENDHAL, Zeny. **TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: UMA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA PARA O ESTUDO DA RELIGIÃO**. Revista ComCiência, publicada em 10/05/2005, <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/12.shtml>, acessado em 16/08/2007.
- SANTOS, Andrea Paula dos. **PONTO DE VIDA: CIDADANIA DE MULHERES FAVELADAS**. Loyola, São Paulo, 1996.
- SANTOS, Milton. **POR UMA GEOGRAFIA NOVA**. Hucitec, São Paulo, 1978.
- _____. **ESPAÇO E MÉTODO**. Nobel, São Paulo, 1985.
- _____. **A NATUREZA DO ESPAÇO**. Hucitec, São Paulo, 1997.
- _____. **PENSANDO O ESPAÇO DO HOMEM**. Edusp, São Paulo, 2007.
- SANTOS, Nilson. **SERINGUEIROS DA AMAZÔNIA: SOBREVIVENTES DA FARTURA**. Tese, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2002.
- SECRETO, Maria Verônica. **SOLDADOS DA BORRACHA**. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2007.
- SILVA, Amizael Gomes da. **NO RASTRO DOS PIONEIROS**. SEDUC, Porto Velho, 1984.
- _____. **AMAZÔNIA: PORTO VELHO**. Palmares, Porto Velho, 1991.
- SILVA, Josué da Costa. **CUNIÃ MITO E LUGAR**. Dissertação de Mestrado. Mimeog., FFLCH/USP, São Paulo: 1994.
- SILVA, Maria das Graças Nascimento. **O ESPAÇO RIBEIRINHO**.
- THOMPSON, Paul. **A VOZ DO PASSADO: HISTÓRIA ORAL**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.
- TUAN, Y Fu. **TOPOFILIA**. DIFEL, São Paulo, 1980.
- _____. **PAISAGENS DO MEDO**. Unesp, São Paulo, 2005.
- TEIXEIRA, Carlos Corrêa. **VISÕES DA NATUREZA: SERINGUEIROS E COLONOS EM RONDÔNIA**. EDUC, São Paulo, 1999
- VIEZZER, Moema. **“SE ME DEIXAM FALAR ...”: DOMITILA: DEPOIMENTO DE UMA MINEIRA BOLIVIANA**. Global, São Paulo, 1984.